

Maria Idalina Azeredo Rodrigues

LER HISTÓRIA  
NO FUNDO BIBLIOGRÁFICO DOADO POR ORLANDO RIBEIRO AO  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE LETRAS DA  
UNIVERSIDADE DO PORTO



Mestrado de História e Educação  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

PORTO  
2009

Maria Idalina Azeredo Rodrigues

LER HISTÓRIA  
NO FUNDO BIBLIOGRÁFICO DOADO POR ORLANDO RIBEIRO AO  
INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE LETRAS DA  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Dissertação de Mestrado em História e Educação apresentada  
à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, para a  
obtenção do grau de Mestre em História, coordenada pelo  
Prof. Doutor Luís Antunes Grosso Correia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

P O R T O  
2009

## PLANO DO TRABALHO

Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Resumé.....	6
Abstract.....	7
Dedicatória.....	8
Introdução.....	9

### Iª – PARTE

#### I. ENQUADRAMENTO DO PROJECTO

1.1. - Objectivos do Trabalho .....	14
1.2. - Fontes e Metodologia .....	15
1.3. - Interesse do Estudo de Bibliotecas Privadas / Académicas .....	19
1.4. - Estado da Arte.....	21

#### II. PERCURSO DE VIDA / ACADÉMICO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE ORLANDO RIBEIRO

2.1. - As Origens e o Percurso Escolar/Académico .....	29
2.1.1. – Percurso Académico.....	34
2.2. - Orientações Científicas.....	40
2.3. - A Vida em Coimbra e Lisboa .....	40
2.4. - Director do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.....	43
2.5. - A Produção Científica de Orlando Ribeiro.....	45
2.5.1. - A Produção Científica de Orlando Ribeiro segundo as temáticas abordadas e a natureza da publicação.....	48
2.6. - Estudos de Campo efectuados por Orlando Ribeiro no período entre (1932-1985).....	49
2.6.1. - Estudos de Campo efectuados em Portugal, no Estrangeiro e no Ultramar em função do ano e frequência no período entre (1932-1985).....	52
2.6.2. – Distribuição dos Locais de Estudo em Função das Regiões, Países e o papel da Cartografia relativo às Viagens realizadas por Orlando Ribeiro....	54
2.7. - A Produção Historiográfica de Orlando Ribeiro.....	58
Conclusão.....	89

## II – PARTE

### III. - A BIBLIOTECA DE ORLANDO RIBEIRO LEGADA AO INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA F.L.U.P.

3.1. - O Espólio: Origem e Características .....	93
3.2. - Análise das Revistas e Monografias Insertas na Doação de Orlando Ribeir.....	95
3.2.1. - Temáticas das Revistas e sua Distribuição.....	97
3.2.2. – O Estudo da Língua nas Revistas Insertas na doação de Orlando Ribeiro ao IG-FLUP.....	99
3.2.3. – Análise dos locais de proveniência das revistas em função do número de edições insertas na doação de Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da F.L.U.P.....	100
3.2.4 - Distribuição dos Editores Insertos nas Revistas da Doação de Orlando Ribeiro ao IG-F.L.U.P., em função do número de edições e percentagens.....	102
3.2.5. - Distribuição dos Impressores Insertos nas Revistas da Doação de Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da F.L.U.P., em função do número de impressões e percentagens.....	102
3.3. - As Monografias insertas na Doação de Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da F.L.U.P. p. 102.....	103
3.3.1. - Temáticas das Monografias e sua Distribuição.....	103
3.3.2. - Estudo da Língua, Autores, Editores, Impressores, Ano de Edição, e Local, Insertos nas Monografias da Doação ao IG-FLUP .....	104
3.3.3. - Países e Localidades de Proveniência das monografias observadas através da Cartografia.....	105
3.3.4 - Distribuição dos Editores Insertos nas Monografias da Doação de Orlando Ribeiro ao IG-F.L.U.P., em função do número de edições e percentagens.....	107
3.3.5. - Análise sobre a Imprensa confrontada através das edições nas monografias da Doação de Orlando Ribeiro entre (1897-1987).....	107
3.4. - Análise da Historiografia nas Monografias insertas na Doação de Orlando Ribeiro ao IG-FLUP.....	109

#### IV. – LER HISTÓRIA NA DOAÇÃO DE ORLANDO RIBEIRO AO INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

4.1. - Temáticas Históricas inseridas nas revistas da Doação de Orlando Ribeiro .....	119
4.1.1. - Historiografia inserida nas Revistas da Doação de Orlando Ribeiro ao IG-FLUP.....	120
4.1.2. - Temáticas de História Inseridas nas Monografias da Doação de Orlando Ribeiro ao IG-FLUP.....	121
4.2. - Análise da Obra Historiográfica de Orlando Ribeiro .....	123
4.3. - A Historiografia no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa pertencente à Doação.....	127
Conclusão.....	132
Bibliografia.....	133
Glossário de Abreviaturas .....	150
Índices de Figuras, Quadros e Mapas.....	151
Anexos.....	152

## AGRADECIMENTOS

O estudo apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto no âmbito do Mestrado de História e Educação traz a lume informação sobre diversas áreas do conhecimento.

Trata-se de um estudo no qual se tenta explicar as origens, percurso académico, obra científica do Professor Doutor Orlando Ribeiro e por consequência dar a conhecer a toda a comunidade a doação e a diversidade de informação existente no Instituto de Geografia da referida instituição. Vimos por esse motivo agradecer a todos aqueles que permitiram a sua concretização e por esse facto contribuíram para sua divulgação.

Ao Prof. Doutor Luís Antunes Grosso Correia, enquanto orientador científico, a persistência, paciência, conselhos imprescindíveis e disponibilidade na orientação, o facultar de obras fundamentais.

Ao coordenador do curso de Mestrado de História e Educação, Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves, as aulas e o imprescindível apoio bibliográfico.

À Professora Doutora Suzanne Daveau, as informações prestadas ao longo da Investigação e pela cedência de algumas obras do Professor Doutor Orlando Ribeiro, que muito contribuíram para solidificar o projecto de trabalho.

Ao Professor Doutor Humberto Baquero Moreno, os constantes bons conselhos.

Ao Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva, o apoio e cedência de obras relevantes

À Professora Doutora Celina Silva, pelo incentivo face a uma valorização profissional.

Ao Departamento de História o apoio no que respeita a pesquisas de obras científicas.

Ao Dr. Miguel Nogueira, da Mapoteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, não só a disponibilidade na realização dos mapas cartográficos, mas também os conselhos oportunos que envolvem a referida temática.

Ao Dr. João Leite, Director da Biblioteca Central da F.L.U.P., a compreensão demonstrada no tocante à flexibilidade no horário de trabalho motivada pelas deslocações às diversas Bibliotecas.

Ao Dr. José Manuel, do Departamento de Geografia, a simpatia e o facultar do acesso ao espólio.

À Dra. Deolinda Rosa, aos colegas e amigos do mesmo percurso científico, às funcionárias da Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, bem como às funcionárias da Biblioteca Pública do Porto, pelo apoio.

Por último à minha família, e em especial ao João, pela compreensão constante.

## RESUMO

Na edificação do presente estudo, subordinado ao tema *“Ler História no Fundo Bibliográfico doado por Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto”*, procuramos, numa primeira parte, organizar a informação segundo parâmetros que se articulam com o itinerário existencial de Orlando Ribeiro, o seu percurso académico e institucional, a sua produção científica. Na segunda, elaboramos um inventário minucioso sobre a doação ao Instituto de Geografia da F.L.U.P.

Cuidaremos das questões que se prendem com a Historiografia, quer na produção, quer na doação, quais os autores representativos e quais as obras históricas que mais influenciaram Orlando Ribeiro. Conferiu-se especial atenção ao Boletim de Geografia de Lisboa, pelos artigos de História nele publicados.

Para a primeira parte recolhemos fontes de ordem vária: inventários, monografias, actas de congressos, revistas, bibliografias, artigos de jornais e sites da internet. Tais obras oferecem, do nosso ponto de vista, um esclarecimento importante para atingir os objectivos que nortearam o desenvolvimento da presente investigação.

Reunida esta informação, procedemos à sua sistematização, dando relevo à respectiva origem, características, temáticas, atribuindo-se especial destaque à análise e proveniência das doações recebidas, (autor, título, país, cidade, editor, impressor e número).

E porque o Professor Orlando Ribeiro foi considerado único no contributo que nos legou como Homem, como Docente, como Geógrafo e também como Historiador, o nosso trabalho só ficaria mais enriquecido com a análise do estudo da sua historiografia acerca da produção científica a propósito das terras do Ultramar.

Pensamos ser este estudo um contributo válido para a comunidade académica pelas questões que se levantaram, onde a interdisciplinaridade toma grande relevo, procurando chamar a atenção para as muitas “portas” por ele abertas para a elaboração de novos estudos sobre Portugal, a História da Expansão e o Mundo.

### **Palavras-Chave:**

Orlando Ribeiro; História das Bibliotecas Privadas; História da Educação Superior; Historiografia.

## RESUMÉ

Dans l'élaboration de la présente étude portant sur la thématique «Lire l'Histoire dans le fonds bibliographique dont *Orlando Ribeiro fit don à l'institut de Géographie de la Faculté des Lettres de l'Université de Porto*», nous avons essayé, dans la première partie, d'organiser l'information selon des paramètres qui s'articulent avec l'itinéraire biographique d'Orlando Ribeiro, son parcours académique et institutionnel, sa production, scientifique. Dans la deuxième partie, nous avons minutieusement inventorié la donation à l'Institut de Géographie de la F.L.U.P..

Nous nous pencherons sur les questions liées à l'Historiographie, aussi bien dans la production que dans la donation. Nous nous poserons la question de savoir quels sont les auteurs représentatifs et quelles sont les ouvrages historiques ayant influencé le plus Orlando Ribeiro. On a attribué une attention toute spéciale au *Boletim de Geografia de Lisboa*, du fait des articles d'Histoire qui y furent publiés.

Pour la première partie, nous avons rassemblé des sources de plusieurs types: des inventaires, des monographies, des actes de congrès, des revues, des bibliographies, des articles de journaux, et des sites Internet. Ces ouvrages apportent, selon nous, un éclairage important pour atteindre les objectifs qui ont balisé la présente recherche.

Une fois cette information rassemblée, nous avons procédé à sa systématisation, soulignant son origine respective, ses caractéristiques, ses thématiques. On signalera spécialement l'analyse et la provenance des donations reçues (Auteur, Titre, Pays, Ville, Éditeur, Imprimeur et Nombre).

Et, puisque le Professeur Orlando Ribeiro a été considéré unique dans l'apport qu'il nous a légué en tant qu'homme, comme Enseignant, comme Géographe, et aussi comme Historien, notre travail n'en sera que plus riche de l'analyse et de l'étude de son historiographie sur la production scientifique en rapport avec l'Outre-mer.

Il nous semble que cette étude représente un apport valable à la communauté académique étant donné les questions qu'elle soulève et où l'interdisciplinarité prend une place considérable, cherchant à attirer l'attention sur les nombreuses «portes» ouvertes sur l'élaboration de nouvelles études sur le Portugal, l'Histoire de l'Expansion et sur le Monde.

### **Mots-clés**

Orlando Ribeiro ; Histoire des Bibliothèques Privées; Histoire de l'Éducation Supérieure ; L'Historiographie.



## ABSTRACT

Along the elaboration of our dissertation, concerning the historical aspects of the Bibliographical Found endowed by Orlando Ribeiro to the Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, we try, in a first step, to organize information according to the course of Orlando Ribeiro's life, his way through the Academy and different Institutions, his main scientific contributions. In a second moment, we draw up a detailed inventory referring to the donation of the bibliographical founds to the Instituto de Geografia da F.L.U.P..

We will concentrate on historiographical matters, not only related to the producing, but also to the donation, the most representative authors and the historical works that have exerted a major influence upon Orlando Ribeiro. We have paid special attention to the "Boletim de Geografia de Lisboa", due to the historical research papers present in that publication.

In order to write the first part of our dissertation, we have collected and consulted sources of diverse nature: inventories, monographs, papers from conferences, articles in journals, bibliographies, articles in newspapers and websites. These different materials, we believe, provide us with important clarifications concerning the main goals that guided the prosecution of our research.

Collected the relevant information, we have analysed it systematically, focusing particularly on its source, characteristics and main topics. We have studied in detail the origin and structure of the donated documents (author, title, country, city, editor, printer and number).

Since Professor Orlando Ribeiro's contributions, not only as a man, as a teacher, as a geographer, but also as a writer of history, were singular, our research could not dispense with an analysis of his historiographical work about the scientific labour concerning the overseas territory.

We believe that our research constitutes a valuable contribution to the academic community, due to the different issues that were discussed, where interdisciplinarity plays an important role. We hope to have pointed out the multiple open ways that were left concerning the elaboration of other new studies about the history of expansion and the relationship between Portugal and the world.

### **Keywords:**

Orlando Ribeiro; History of Private Libraries; History of Supérieur Education; Historiographical.

“Pertencço a uma das últimas gerações que, em Portugal, ainda frequentaram uma licenciatura de História e Geografia. Se completei esta formação com a de naturalista, sem a qual não há geógrafo digno deste nome, estudei biologia e fiz investigação e levantamentos geológicos, por gosto de andar a pé e por necessidade deste apoio que faltava para os meus trabalhos de Geomorfologia, nunca deixei de estudar História. No fim da vida talvez leia mais livros e artigos de História...”.

Orlando Ribeiro, 1979<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> RIBEIRO, Orlando – “Nota Preliminar” in Gaetano Ferro, Sociedade Humana e Ambiente, no Tempo - Temas e Problemas de Geografia Histórica, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p.19. Trad., de Carminda Cavaco. Do Original Italiano intitulado “Società Umane e Natura nel Tempo Temi e problemi di Geografia Storica – Milano, 1974.

## I. INTRODUÇÃO

## INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em História e Educação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2006-2008. A razão da escolha do estudo *“Ler História no Fundo Bibliográfico doado por Orlando Ribeiro, ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto”*, deve-se à conjugação de vários factores: à minha formação em História e Pós-Graduação em Ciências Documentais - área de Bibliotecas; o meu actual desempenho profissional no Departamento de Geografia da referida Faculdade, ligado à organização da respectiva Biblioteca, e, sobretudo, à muito oportuna sugestão do meu orientador Prof. Doutor Luís Antunes Grosso Correia, que de imediato me entusiasmou.

O projecto desta dissertação revelou-se um grande desafio e investimento ao nível da pesquisa dada a importância do Prof. Doutor Orlando Ribeiro e da sua obra multidisciplinar, bem como do papel que a doação feita em vida do autor à Faculdade de Letras do Porto representa para a mesma instituição. Assim, de entre as muitas áreas abordadas por Orlando Ribeiro, este trabalho centrar-se-á na História: História da Biblioteca, História da Colonização, História do Conhecimento, História Cultural, História Económica, História da Educação, História da Expansão, História da Imprensa, História Intelectual, História da Leitura, História do Livro, História Política, História de Portugal, História do Ultramar, do espólio mencionado.

A análise que este trabalho desenvolve e como uma primeira abordagem face ao muito que o espólio bibliográfico doado tem para investigar, focará ainda, para além das áreas de História citadas, a produção científica do geógrafo sobre diversas áreas do conhecimento, pretendendo apresentar de modo introdutório à comunidade científica toda a diversidade e armazenamento da informação existente na doação acima apontada.

Conscientes das dificuldades a ultrapassar, especialmente no que se refere ao enquadramento das diversas temáticas e à recolha de dados que permitissem interpretar, por um lado, as obras insertas na doação e, por outro, a produção científica com a relevância e a qualidade que se atribuiu a Orlando Ribeiro, procuramos contribuir para uma maior divulgação do património existente no Instituto de Geografia e, por conseguinte, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Numa primeira fase da investigação, realizou-se um levantamento, tanto quanto possível exaustivo, de toda a produção científica de Orlando Ribeiro, tendo-se posteriormente organizado, através de inventário primeiro das Revistas, seguido das Monografias, por autor, título, assunto, ano de publicação, editor e tipografia que integram a doação.

Após esta fase de recolha e tratamento de toda a informação documental inserta na Biblioteca do referido Departamento, o trabalho consta de duas secções e um apêndice de teor documental.

Na primeira secção, constituída por dois capítulos, foram delineados sucessivamente:

- o enquadramento do projecto, nomeadamente, objectivos do trabalho, fontes e metodologia, o interesse de estudo de bibliotecas privadas/académicas e o estado da arte (I capítulo)

- o itinerário existencial de Orlando Ribeiro, falando das suas origens, personalidade e das suas competências como geógrafo.

- uma breve análise do percurso académico, científico e institucional, com incidência na sua carreira de docente nas Universidades de Coimbra e de Lisboa, e no seu papel como Director do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

- uma apresentação genérica da produção científica de investigador em questão, as suas obras relativas aos estudos de campo que realizou ao longo da sua vida de investigador. Os estudos mencionados, dada a sua extensão foram divididos em três grupos: Campanhas em Portugal, Ultramar e no Estrangeiro.

No seguimento desta análise abordou-se o estudo das mencionadas campanhas em função do ano, do local e respectiva frequência no período compreendido entre 1932-1985 e o modo como tais factos se reflectem na sua produção nessa época. Deu-se, por último, especial relevo à historiografia na produção científica de Orlando Ribeiro, realçando-se a importância desta temática na sua obra como geógrafo, tentando-se frisar o que de mais expressivo existe em cada uma delas (II capítulo).

Na segunda secção procede-se, com especial relevo à análise do legado documental e bibliográfico de Orlando Ribeiro, hoje ao Departamento, mas à época, Instituto de Geografia da FLUP, elaborando-se:

- uma sucinta apresentação do espólio, sua origem, data de doação 1984, características, temáticas, estado de conservação. Em relação às edições foi feito um estudo destinado a procurar saber quais os países de proveniência dos mesmos, acompanhado de dois mapas explicativos.

- a análise de revistas e monografias, segundo o editor e impressor, país de origem, características, temáticas e distribuição<sup>2</sup> (III capítulo).

- o relevo das obras de História na doação ao Instituto de Geografia da FLUP, sua temática e distribuição, ano de edição e língua. Procedeu-se à análise dos estudos historiográficos encontrados nas revistas tendo-se elaborado pequenos resumos.

Foi igualmente elaborada a análise nas espécies monográficas partindo do seguinte critério:

---

<sup>2</sup> Por motivo da falta de dados sistemáticos nas fontes documentais consultadas, deixamos de fora o preço das revistas e monografias

- os autores a estudar são os que constam no espólio doado.
- organizou-se um quadro sobre os conceitos/chave da historiografia patentes nas monografias legadas.
- análise da obra historiográfica de Orlando Ribeiro, focando a interdisciplinaridade que a caracteriza. Dentro das revistas deu-se particular incidência ao Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, com 270 números, pelo facto paradoxal de ser por natureza, uma revista científica de Geografia e conter mais artigos de História (IV capítulo).

## I - PARTE

## I – ENQUADRAMENTO DO PROJECTO

### 1.1. – OBJECTIVOS DO TRABALHO

É propósito do presente trabalho fazer o levantamento exaustivo e analisar de forma consistente o fundo bibliográfico legado pelo académico Orlando Ribeiro, tendo em conta a variedade temática que os livros encerravam. Face à nossa formação de base tentamos colocar em evidência as obras historiográficas, que integram este acervo bibliográfico, legado em vida ao Instituto de Geografia da FLUP, no ano de 1984.

Colocar em relevo a figura de Orlando Ribeiro, pareceu-nos importante de molde a conhecer melhor o homem, o percurso que o levou a passar por algumas universidades, já como investigador, já como docente, por onde foi deixando marca de relevo na vida social, política, académica, cultural, tornando-se um intelectual prestigiado no país e no estrangeiro.

Perseguindo tais objectivos, examinamos algumas fontes que fazem luz sobre a sua biografia, sobre o seu percurso científico, viajando com ele através da descrição de jornadas que ficaram no seu espólio e também através de estudos seus existentes noutras bibliotecas.

Lançamos mão da ferramenta constituída pelo conjunto de estudos de investigação fundamental levados a cabo por autores que também se entregaram ao estudo de bibliotecas particulares, nacionais e estrangeiros, bem como sobre a História do Livro, da Leitura e da Educação.

Procuramos construir uma metodologia de investigação assente na constituição de uma base de dados da qual constam as obras que Orlando Ribeiro legou ao Instituto de Geografia organizadas, e classificadas segundo as respectivas temáticas, autores, títulos, lugares de edição e editores, data de publicação, apontando outros elementos imprescindíveis à boa identificação das espécies bibliográficas com as quais trabalhamos. A título exemplificativo, procuramos saber que tipografias imprimiram essas obras e respectiva localização. Após este criterioso levantamento arrumado em base de dados tentaremos salientar os autores numericamente mais citados, saber da predominância da bibliografia em língua estrangeira, por nacionalidades.

Importante parece-nos a fixação em apêndice dos catálogos dos Livros de História, revistas, disciplinas auxiliares da História, núcleo impresso e ainda os mapas mais significativos para uma melhor percepção dos diversos locais de proveniência das edições, que fazem parte da referida doação.



## 1.2. – FONTES E METODOLOGIA

Este trabalho insere-se no cruzamento de História e Educação, na qual de acordo com Marcia Bates aplica uma abordagem metodológica múltipla combinando técnicas quantitativas e qualitativas<sup>3</sup>.

Neste sentido, este estudo incide também na questão técnica que investiga essencialmente a armazenagem e recuperação da informação, assim como na questão social do contexto em que o espólio se insere, e as suas aquisições e usos. Por conseguinte, segundo Michelle e outros, o estudo de caso é um campo de investigação menos construído e mais real, menos limitado e mais aberto, e menos manipulável, portanto menos controlado pelo investigador<sup>4</sup>.

Passamos a descrever os passos metodológicos desenvolvidos para o estudo do nosso corpus documental.

**1.** Organização do legado através de técnicas de catalogação e indexação (por motivos profissionais). Organização temática e disciplinar das obras. Focalização sobre as obras historiográficas no legado e na produção de Orlando Ribeiro.

Vimos já que constituirá nossa preocupação saber da proveniência dos livros que constam, do núcleo doado agrupando segundo critérios que assentam nos elementos de identificação do livro. Muitos, por certo não possuirão todos esses elementos. Procuraremos a sua reconstituição recorrendo a metodologias de outros estudos que, desde o aparecimento do livro impresso em massa (séculos XVI-XVIII) não pararam de ser aperfeiçoadas enquanto meios de facilitar o trabalho intelectual, substituindo gradualmente os inventários ante e pós-mortem, que outrora constituíram também importantes meios de reconstituição de bibliotecas privadas mais antigas<sup>5</sup>.

**2.** O pensamento dos investigadores Quivy e Campenhoudt explicitam que com a ajuda das novas tecnologias podemos rapidamente aprofundar a análise dos dados, afinal com os novos processos estatísticos, como por exemplo a análise factorial de correspondências, que permite visualizar e estudar a ligação entre várias dezenas de variáveis ao mesmo tempo<sup>6</sup>. A facilidade com que os dados podem ser trabalhados e apresentados incitou muitos investigadores a estudá-los em si mesmos, sem referência explícita.

---

<sup>3</sup> BATES, Marcia J. "The Invisible Substrate of Information Science. *Journal of American Society for Information Science*". 50, N. 12, 1999, pp. 1043-1050.

<sup>4</sup> LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald. *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

<sup>5</sup> António M de Barros Cardoso – *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*, Ponte de Lima, 1995, ob. cit., p. 24.

<sup>6</sup> QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3a Edição. Lisboa: Gradiva, 2005, p. 222.

Segundo estes estudiosos, apresentar os mesmos dados sob diversas formas, favorece incontestavelmente a qualidade das interpretações. Neste sentido, a estatística descritiva e a expressão gráfica dos dados são muito mais do que simples métodos de exposição dos resultados. Mas esta apresentação diversificada dos dados não pode substituir a reflexão teórica prévia, a única a fornecer critérios explícitos e estáveis para a recolha, a organização e, sobretudo, a interpretação dos dados, assegurando, assim, a coerência e o sentido do conjunto do trabalho<sup>7</sup>.

Existem determinadas vantagens no método de recolha dos dados, fazem parte a precisão e o rigor do dispositivo metodológico, que permite satisfazer o critério de intersubjectividade. A capacidade dos meios informáticos, que permitem manipular muito rapidamente um grande número de variáveis e a clareza dos resultados e dos relatórios de investigação, nomeadamente quando o investigador aproveita os recursos de apresentação gráfica das informações. Neste quadro, elaboramos três bases de dados digitais, utilizando a aplicação informática Microsoft Office Excel, conforme as matrizes apresentadas nos Anexos 1 e 2.

**3.** A análise de conteúdo incide sobre mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, actas de reuniões e ainda relatórios de entrevistas.

Os recentes progressos dos métodos de análise de conteúdo foram certamente encorajados por esta preocupação conjunta e largamente partilhada de rigor e profundidade<sup>8</sup>.

Os métodos de «análise de conteúdo» implicam a aplicação de processos técnicos relativamente precisos, por isso para esta análise foi relevante o que escreveu sobre esta temática Laurence Bardin no que diz respeito às análises temáticas, formais e estruturais<sup>9</sup>. E continua ao citar o pensamento de Holsti, que os computadores “são capazes de efectuar qualquer tarefa que seja, desde que o analista lhes prepare instruções não ambíguas. Um computador é capaz de apreciar o valor de uma poesia se todas as condições necessárias e suficientes de um «bom» poema lhes forem claramente indicadas”<sup>10</sup>.

O uso do computador facilita a «análise de conteúdo»: aumenta a rapidez de realização, torna a investigação mais rigorosa, mantém a flexibilidade, facilita a reprodução e a troca de documentos, possibilita a manipulação de dados complexos e melhora as capacidades de criatividade e reflexão. Porém, há um conjunto de funções e procedimentos preliminares, de preparação do material e definição de regras que o utilizador tem de desenvolver. A prudência é fundamental, pois o que é útil (ou inútil se colocar à entrada é, seguramente, o que dele sairá, podendo obter-se “estudos de grande precisão e de pouca importância”<sup>11</sup>.

---

<sup>7</sup> QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3ª edição. Lisboa: Gradiva, 2005, p. 223.

<sup>8</sup> Idem, *Ibidem*, 2005, pp. 227-228.

<sup>9</sup> BARDIN, Laurence – “Análise de Conteúdo”, (Trad. Portuguesa), Lisboa, Edições 70, 1991, p. 171.

<sup>10</sup> Idem, *Ibidem*, 1979, p. 143.

<sup>11</sup> Idem, *Ibidem*, 1979, p. 144.

No que se refere à análise do discurso é feita a abordagem de um tipo específico que pertence ao campo da análise de conteúdo: a Análise Automática do Discurso (AAD), desenvolvida por M. Pêcheux, “filósofo interessado na teoria das ideologias e na história das ciências”<sup>12</sup>. A abordagem de Pêcheux fundamenta-se no funcionamento linguístico do discurso (nível dos enunciados) e, de facto, o mecanismo do procedimento de análise inspira-se em manipulações linguísticas (Harris e a análise distribucional e transformacional principalmente). Esta abordagem ultrapassa no entanto o plano estritamente linguístico ao considerar o sujeito produtor do discurso como estando situado num espaço social<sup>13</sup>.

O suporte da teoria de Pêcheux lembra os princípios e conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu: a não transparência dos factos sociais, a concepção da sociologia como ciência «da dialéctica da interioridade e da exterioridade, isto é, da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade» e o habitus, “enquanto «sistema de disposições duradouras, estruturadas, predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípio de geração e estruturação de práticas e de representações...», «princípio construído de forma durável, gerador de improvisações regulamentadas»”<sup>14</sup>.

Assim, o lugar ocupado pela «análise de conteúdo» na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque oferece a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e complexidade, como, por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco directivas.

4. Em termos metodológicos a nossa fonte principal obriga-nos a olhar o acervo não somente no plano da reconstituição e quantificação temática mas, fazendo incursões no plano da avaliação do aproveitamento qualitativo procurando daí tirar conclusões que permitam conhecer mais profundamente os interesses do coleccionador, compreender as suas opções enquanto investigador e professor, chegando à figura do intelectual Orlando Ribeiro, seguindo os ensinamentos de Francisco Aguilar Piñal que, ao referir-se ao inventário da biblioteca do político e escritor espanhol em (1778), Gaspar de Jovellanos, fez o seguinte comentário: «...conhecer em detalhe o seu inventário é aprofundar também o conhecimento da sua personalidade, das suas preferências ideológicas e vislumbrar o seu projecto para o futuro da pátria»<sup>15</sup>.

Debruçamo-nos de forma mais atenta sobre os livros de história, relacionando as temáticas abordadas, com a própria produção historiográfica de Orlando Ribeiro (artigos, livros e textos diversos).

---

<sup>12</sup> BARDIN, Laurence - “Análise de Conteúdo”, Persona, Edições 70, 1979, p. 213.

<sup>13</sup> Idem, Ibidem, 1979, p. 214.

<sup>14</sup> Idem, Ibidem, 1979, p. 222.

<sup>15</sup> AGUILAR PIÑAL, Francisco – “La Biblioteca de Jovellanos (1778)”, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto «Miguel de Cervantes», 1984. Ob. cit., por António Barros Cardoso, Ler na Livraria de Frei Francisco de S. Luís Saraiva, 1995, p. 24.

Todavia, para a reconstituição da produção científica de Orlando Ribeiro, foi necessário consultar a bibliografia disponível em bibliotecas universitárias, públicas, sobre distintas áreas da ciência, pela sua interdisciplinaridade e qualidade científica que o referido autor realizou ao longo da sua carreira. Foi por isso fundamental a consulta de toda a produção científica para podermos analisar sobre o nosso ponto de vista toda historiografia de Orlando Ribeiro.

Por isso, dispomos dos seguintes recursos documentais a consultar para a estruturação do nosso trabalho:

- Na FLUP: Biblioteca Central da F.L.U.P. Biblioteca do Departamento de Geografia - (Doação) Biblioteca do Departamento de Sociologia; Biblioteca do Departamento de História; Biblioteca do Departamento de Filosofia; Biblioteca do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos; Biblioteca Ferreira de Almeida; Biblioteca Pedro Veiga; Biblioteca Henrique David; Biblioteca do Grupo de Viticultura Duriense - (GHEVID) - da F.L.U.P.; Biblioteca do Núcleo de Estudos Africanos.

- Na Cidade do Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto; Biblioteca do Ateneu Comercial; Biblioteca Florbela Espanca da Câmara Municipal de Matosinhos; Biblioteca do Liceu Carolina Michaëlis do Porto; Banco de Portugal do Porto.

- Em Lisboa: Biblioteca Nacional; Museu Etnográfico de Lisboa; Centro de Estudos Geográficos; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Sociedade Portuguesa de Geografia; Centro Nacional de Cultura; Jornal: Diário de Notícias de Lisboa.

- Em Évora: Biblioteca da Universidade de Évora.

- Site da Internet do Prof. Orlando Ribeiro: <http://www.orlando-ribeiro.info/home.htm>

- Site: da Internet da Sociedade de Geografia de Lisboa: <http://socgeografia-lisboa.planetaclix.pt/>

### 1.3. – O INTERESSE DO ESTUDO DAS BIBLIOTECAS PRIVADAS/ACADÉMICAS

“Estudar uma biblioteca privada torna-se um desafio, na medida em que procuramos a relação dos livros com o seu possuidor. Por isso, neste trabalho não ficaremos pelo simples inventário das aparências bibliográficas que integraram a doação em estudo. Apesar das preocupações de reconstituição de todos os elementos de identificação das espécies a inventariar, elaborado o instrumento de descrição, fundamental ao nosso trabalho de análise, ele não nos revela informações que gostaríamos de ter, não nos permite dar resposta a questões tão pertinentes como estas: O livro foi lido? Quando? Com que objectivo? Qual a razão da existência deste ou daquele exemplar? O estudo das bibliotecas privadas pode dar-nos importantes informações sobre a maior ou menor procura de livros por parte do público mais ou menos instruído. Podemos depreender hábitos de leitura dos seus coleccionadores<sup>16</sup>.

Philip Benedict pronuncia-se sobre os inventários das bibliotecas dizendo que elas nos fornecem informações importantes para se conhecer as preocupações intelectuais características de um determinado grupo social e mesmo tentarmos chegar à reconstrução da psicologia e mentalidade desse povo.

Também outras questões procuraremos colocar já que o “estudo das bibliotecas é um auxiliar do conhecimento sobre a história da impressão e fornece dados sobre tiragem e circulação do livro, o seu preço, o que ajuda a perceber o valor relativo dos exemplares, olhando atentamente os títulos de um catálogo”<sup>17</sup>.

O facto de ser o coleccionador de livros de uma biblioteca particular quem selecciona os exemplares segundo um critério por ele definido na busca de algumas horas de íntima satisfação<sup>18</sup> facilita-nos o caminho para chegar ao carácter, à personalidade e, provavelmente, à educação, gostos e interesses pessoais do seu detentor bem como descobrir motivações culturais do meio social envolvente em relação à época vivida. Uma

---

<sup>16</sup> Philip Benedict - “*Bibliothèques Protestantes et Catholiques à Metz au XVIIe. Siècle*”, in “*Annales*” – E.S.C., nº 2, tomo 40, Paris, 1985, ob. cit., pp. 343-344. Sobre o mesmo assunto (inventários) Pedro Vilas Boas aferiu que um “índice fornece pistas relevantes sobre as escolhas e predisposições intelectuais (...) e, através deles, conjecturar algumas das suas posições mentais”, e, continua, “Não proporcionando uma «leitura» simples e unívoca, o recheio de uma biblioteca reflecte sempre, de uma forma ou de outra, os interesses do seu proprietário, e assim, nas espécies adquiridas, permite por vezes verificar o reflexo dos seus gostos, motivações, tendências, ou até comportamentos na vida prática”. *A Biblioteca e a bibliofilia de um prelado ilustrado D. Gaspar de Bragança, Arcebispo de Braga (1758-1789)*, in “No Centenário da Dedicção da Sé de Braga” – Actas do Congresso Internacional A Catedral de Braga na História e na Arte (séc. XII-XIX), vol. II – 2, Braga, 1990, ob. cit., pp. 276-279. João Luís Lisboa diz quais os cuidados a ter no manuseamento dos inventários: “...a imagem transmitida no catálogo de uma biblioteca não é certamente igual à que nos fica da correspondência de vendedores de impressos clandestinos. A primeira pode conter excepcionalmente livros proibidos, mas não se estranhará se o possuidor de uma biblioteca não incluir, na relação que envia à Real Mesa Censória, alguns títulos que lhe possam trazer contrariedades”. Cf. *A Leitura em Portugal: os finais do «Antigo Regime»*, in “Do Antigo Regime ao Liberalismo 1750-1850”, Lisboa, ob. cit., veja, s.d., p. 78.

<sup>17</sup> CAEIRO, Francisco da Gama – *Livros e Livreiros Franceses em Lisboa nos fins de Setecentos e no primeiro quartel do Século XIX*, “Separata dos Anais”, II Série, vol. 26, Tomo II, Lisboa, 1980, pp. 302-319.

<sup>18</sup> Na expressão de António Cruz – in *Biblioeconomia (Noções Elementares)*. Porto. Livraria Tavares Martins, 1959, p. 9.

biblioteca, permite-nos antever certas preocupações intelectuais, alguns gostos requintados e, provavelmente, em alguns casos, livros perigosos aos olhos da censura<sup>19</sup>.

É igualmente importante entender as motivações da aquisição de cultura escrita; qual a ligação entre o livro e o seu possuidor? Haveria circulação de livros entre particulares? Ou seja, há notícia de livros que Orlando Ribeiro emprestou ou recebeu por permuta, considerando as obras responsabilidades académicas<sup>20</sup>.

Numa primeira análise a doação efectuada por Orlando Ribeiro em maior incidência em periódicos, baseamo-nos nas suas edições relacionadas com diversas temáticas, de finais do século XIX e primeira metade do século XX, abrangendo áreas do conhecimento sobre: Administração, Estatística, Agricultura, Agronomia, Antropologia, Economia, Educação, Etnografia, Filologia, Geografia, Geologia, História e Sociologia, totalizando 104 títulos de revistas, com (2127 números) e 213 monografias. Este legado será apresentado no nosso estudo, através de inventário<sup>21</sup>.

As tecnologias de comunicação é considerado hoje um dos maiores agentes de mudança social, por isso o conceito que hoje temos do termo biblioteca já não é o mesmo que tínhamos há umas décadas atrás. Vive-se hoje num espaço sociocultural mediatizado pelas mais diversas e especializadas tecnologia de informação<sup>22</sup>. Por isso toda a informação deverá estar disponível em suporte informático para públicos cada vez mais diversificados.

---

<sup>19</sup> CIDADE, Hernâni – *Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, 7ª edição, vol. II, Coimbra, Coimbra Editora, Limitada, 1984, p. 363.

<sup>20</sup> Suzanne Daveau viúva de Orlando Ribeiro, afirmou-nos que o seu marido «sempre emprestou muitos livros (bastantes perderam-se assim), mas sem nenhuma «organização». (Comentário a pedido nosso, realizado em Setembro de 2008 via correio electrónico).

<sup>21</sup> Cf. Anexos 1 e 2).

<sup>22</sup> REGEDOR, António e MOUTINHO, Isabel Maria da Silva Simões – *Biblioteca para Todos*, Educação Prodep, 2003, p. 23.

#### 1.4. – ESTADO DA ARTE

Não é abundante a bibliografia sobre o estudo de bibliotecas particulares dado o facto das preocupações com esta temática remontarem aos anos noventa do século XX. A dinâmica que animou o GILL – Grupo Interdisciplinar do Livro e da Leitura e a investigação então desenvolvida em rede com as universidades de Paris e Lyon, deu alguns frutos que foram colhidos e dados a lume no volume IX de *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias da Universidade Nova de Lisboa: o livro e a leitura*<sup>23</sup>. Este grupo inventariou em 1997, um total de 350 estudos e publicados na referida revista, onde surge de entre outros investigadores, Roger Chartier com o tema “La révolution de la lecture au XVII au XVIII siècle: mythe ou réalité?”.

Roger Chartier no livro “A Ordem dos Livros”<sup>24</sup> intitulado «Bibliotecas sem Paredes». Este autor observou que todos os livros, por mais diversos que sejam, contêm elementos iguais: o espaço, o ponto final, a vírgula, as letras do alfabeto. Considerou ainda que “não há, na vasta biblioteca, dois livros idênticos”<sup>25</sup>.

O autor refere ainda:

“Uma biblioteca não é construída para satisfazer prazeres egoístas, mas sim porque não existe nenhum meio mais honesto e seguro para se adquirir uma grande fama por entre os povos, a não ser erigir belas e magníficas bibliotecas, para depois as consagrar à utilização do público”<sup>26</sup>.

Mais do que nunca, a tarefa essencial das grandes bibliotecas é reunir, proteger, recensar (por exemplo sob a forma de catálogos colectivos nacionais, primeiros passos para bibliografias nacionais retrospectivas) e, também, tornar acessível da ordem dos livros, que continua a ser a nossa e que foi a dos homens e das mulheres que lêem desde os primeiros séculos da era cristã<sup>27</sup>.

Lucien Febvre e Henri-Jean Martin<sup>28</sup>, referindo-se à situação em 1929 e 1996 respectivamente, afirmavam que:

“Para preparar as aulas, os professores vão precisar de textos, de obras de referência, de comentários. (Sabe-se a importância que ocupa no ensino...”. Era

<sup>23</sup> LISBOA, João Luís – (Coord) - *Cultura - Revista de História e Teoria das Ideias*, vol. 9 (1997), p. 336.

<sup>24</sup> CHARTIER, Roger – *A Ordem dos Livros*, Passagens, Lisboa, 1997, p. 95. Gabriel Naudé “*Advis pour Dresser une Bibliothèque*”, ob, cit., p. 104. Reprodução da edição de 1644, precedido de «*L’Advis, Manifeste de la Bibliothèque Erudite*», de Claude Jolly, Paris, Aux Amateurs de Livres, 1990.

<sup>25</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 1997, p. 95. Gabriel Naudé “*Advis pour Dresser une Bibliothèque*”, ob, cit., p. 104. Reprodução da edição de 1644, precedido de «*L’Advis, Manifeste de la Bibliothèque Erudite*», de Claude Jolly, Paris, Aux Amateurs de Livres, 1990.

<sup>26</sup> CHARTIER, Roger, ob. cit., - “*A Ordem dos Livros*”, Passagens, Lisboa, 1997, p. 99.

<sup>27</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 1997, p. 155.

<sup>28</sup> Lucien Febvre foi um professor notável na área da investigação, fundou os *Annales d’Histoire Économique et Sociale* em 1929, dedicando-se à concepção da história como uma síntese dos elementos políticos económicos sociais religiosos e culturais (cf. *O Aparecimento do Livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian). Henri-Jean Martin, director de estudos na *École Pratique des Hautes Études*, professor da *École des Chartes*, é reconhecido mundialmente como especialista da história do livro (é autor entre outras obras de *Histoire et pouvoirs de l’écrit*, 1996).

portanto indispensável que pudessem dispor comodamente desses instrumentos de trabalho – e, por conseguinte, que a Universidade organizasse uma biblioteca onde pudessem consultá-los. Mas nem sempre era possível nem fácil comprar textos já copiados; impunha-se pois a criação de oficinas em que os artesãos pudessem copiar, a baixo preço e no menor tempo possível, as obras indispensáveis.

Isto absolutamente não exclui a utilização de bibliotecas exteriores à Universidade, em que podiam encontrar-se obras raras e contudo úteis<sup>29</sup>.

Na análise de José E. Mindlin<sup>30</sup>, sobre o estudo intitulado “Uma Vida entre Livros – Reencontros com o Tempo<sup>31</sup>”, assegura que os livros têm um papel de relevo na sua vida. A sua biblioteca foi crescendo ao longo dos tempos como que por si mesma. O autor confirma ainda: “O ambiente em casa era de estímulo à curiosidade intelectual, e eu diria que essa curiosidade e um adequado senso de valores na vida foram a principal herança que eu e meus três irmãos recebemos de nossos pais, e procuramos transmitir ao nossos filhos<sup>32</sup>. O mesmo autor comenta: “a idade do livro em si não tem tanta importância. O que importa é o conteúdo da obra, o valor histórico ou gráfico da edição<sup>33</sup>. E por isso continua: “... a biblioteca foi crescendo, a ponto de minha mulher dizer que não somos nós que temos a biblioteca: ela é que nos tem<sup>34</sup>. Mas já no que respeita ao preço, o escritor esclarece: “Em 1946, os achados foram muitos, mas o período áureo da compra de livros raros por preços módicos acabou nos anos 50, pois a economia europeia se recompôs e os livreiros passaram a ter menos urgência de vender. Essa é uma peculiaridade do comércio de livros raros, e de antiguidades em geral - os vendedores preferem guardar as melhores coisas, e às vezes nem as mostram<sup>35</sup>. O escritor guarda assim um conjunto de obras raras, incluindo manuscritos sendo “o mais antigo é um alvará assinado em 1566 pelo Cardeal Dom Henrique, na época rei de Portugal, com o regimento de uma frota de três navios, comandada por Christovam de Barros, que estava sendo enviado para o Rio de Janeiro a fim de auxiliar Estácio de Sá a defender a povoação contra os ataques dos índios<sup>36</sup>. O documento é considerado pelo autor um documento de elevada importância pelo facto de ser único.

Manuel Augusto Rodrigues, em “*Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra. Coimbra*”, trata de uma família de emigrantes no Brasil, no século XVI, da qual nasceu D. Francisco de Lemos. Quando tinha apenas 11 anos de idade, Francisco de Lemos veio para Portugal, para seguir os seus estudos de Humanidades sob a orientação do seu irmão mais velho. Mais tarde matriculou-se na Faculdade de Cânones da Universidade

---

<sup>29</sup> FEBVRE, Lucien e MARTIN, *O Aparecimento do Livro*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 27.

<sup>30</sup> MINDLIN, José – “*Uma Vida entre Livros – Reencontros com o Tempo*, São Paulo”, Companhia das Letras, Editora Schwarez, Lda., além de colecionador, é também escritor, tendo reunido obras de qualidade relevante e manuscritos únicos que fazem dele o consultor da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos para a área hispano-americana, 1997.

<sup>31</sup> MINDLIN, José, *Uma Vida entre Livros – Reencontros com o Tempo*, São Paulo, Companhia das Letras, Editora Schwarez, Lda., 1997, p. 10.

<sup>32</sup> Idem, *Ibidem*, 1997, p. 45.

<sup>33</sup> Idem, *Ibidem*, 1997, p. 50.

<sup>34</sup> Idem, *Ibidem*, 1997, p. 53.

<sup>35</sup> Idem, *Ibidem*, 1997, p. 125.

<sup>36</sup> Idem, *Ibidem*, 1997, p. 148.



de Coimbra, obtendo o grau de doutor a 24 de Outubro de 1754. Tinha nessa altura 19 anos de idade. Depois de ser ter matriculado em Cânones em 1 de Outubro de 1953.

Recebeu o hábito de Freire Noviço da Ordem de S, Bento de Aviz, tendo professado em 21 de Maio de 1752. Foi na qualidade de Freire Professo daquela Ordem que entrou para o Colégio dos Militares. A 6 de Setembro de 1754 passou a Colegial. Mais tarde pela Provisão de 31 de Agosto de 1767, era nomeado Juiz Geral das Ordens Militares<sup>37</sup>. Mas, quando o Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, foi preso em 1768, por ordem do Marquês de Pombal, Francisco de Lemos passou a ocupar o lugar de Governador da Diocese. A partir de então Francisco de Lemos iniciava um longo percurso ao serviço da Universidade até 1821, ficou até conhecido como sendo o braço direito de Pombal na Reforma de 1772.

A 23 de Dezembro de 1770, foi criada a Junta de Providência Literária dirigida por alguns prestigiados estudiosos como Fr. Manuel do Cenáculo, o Conde de Oeiras de entre muitos outros.

Em 1971, estaria concluído o Compêndio Histórico do Estado da Universidade na qual era feita uma alargada crítica à situação em que se encontrava a Universidade.

Além de Bispo de Coimbra e Reformador da Universidade, D. Francisco de Lemos exerceu ainda outros cargos, dos quais se destacam os de Deputado do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa e seu distrito. Deputado ordinário da Real Mesa Censória e Desembargador da Casa da Suplicação. Muito se distinguiu pelas suas diversificadas actividades.

O Inventário começa com a relação dos objectos da Capela Grande e Pequena do Paço. A *Biblioteca de D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho* é hoje conhecida através de várias cópias existentes no Arquivo da Universidade de Coimbra, e apresentam algumas diferenças entre si. É possível que nem todas as obras mencionadas fossem pertença de Pereira Coutinho.

Segundo o autor as obras eram imensas, e muito valiosas, algumas delas com proveniência de França, como por exemplo:

“Histoire Generale des Auteurs Sacrés et Ecclésiastiques” par D. Remy Ceyllier – Paris, 1729 – 22.in.4<sup>o</sup>.

“Bibliotheque des Auteurs separés de la Comunion de l’Eglise Romaine” – par Du Pin – Paris, 1718 – 4-in-8<sup>o</sup>.

“Bibliotheque des Auteurs Ecclésiastiques” – Paris, 1736 – 3-in-8<sup>o</sup>.

“Nouvelle Bibliotheque des Auteurs Ecclésiastiques” – par M. Du Pin – Paris, 1698 – 45-in-8<sup>o</sup> - falta o 1<sup>o</sup>, 2<sup>o</sup>, 3<sup>o</sup> e 48 vols.

“Historia Ecclesiae Lusitanae” – D. Thoma ab Incanatione – Colimbriae, 1759 – 3-in-4<sup>o</sup>.

---

<sup>37</sup> RODRIGUES, Manuel Augusto – “*Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*”, Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1984, p. VI.

“Bibliothèque Ecclésiastique” – par M. l’Abbé Guyon – Paris, 1771 – 8-in-12<sup>38</sup>.

Na Universidade do Porto são evidentes os esforços de Francisco Ribeiro da Silva, e Luís Oliveira Ramos, no desenvolvimento de tais estudos que culminaram em alguns trabalhos publicados, na sua maioria resultantes de teses de mestrado algumas delas referenciadas neste estudo.

Também a análise efectuada por Pedro Vilas Boas Tavares sobre a biblioteca de D. Gaspar de Bragança, Arcebispo Primaz de Braga, organizado a partir de um índice manuscrito e ordenado por ordem alfabética e um segundo manuscrito, mas incompleto, de obras que D. Gaspar encomendou<sup>39</sup>. O fundo bibliográfico era composto por 2764 volumes portugueses e estrangeiros, todos comprados à sua custa<sup>40</sup>.

O estudo de Olímpia Maria da Cunha Loureiro, sobre “O Livro e a Leitura no Porto no Século XVIII”, constitui uma análise bem conseguida com um tratamento minucioso, constituído por fontes que à primeira vista eram listas de títulos de livros possuídos por gentes que viviam na cidade do Porto na segunda metade do século XVIII. A autora realizou um levantamento bibliográfico sobre editores, tradutores nacionais e internacionais cujos trabalhos chegaram à cidade do Porto, analisou a variedade e proveniência das edições, apontando a década de maior receptividade das diversas línguas na “leitura destes leitores”<sup>41</sup>. Deu a conhecer os autores proibidos ou apenas autorizados a alguns, contavam-se entre as espécies da biblioteca do Marquês de Pombal<sup>42</sup>. Olímpia Loureiro explica os motivos da intervenção da Real Mesa Censória, apenas ela competia conceder licença de leitura e ao mesmo tempo controlar a posse e leitura de “vários livros corruptores da Religião e Moral, destructivos dos Direitos, e Regalias da Minha Coroa [D. José I] e opostos à conservação e socego publico desta Monarquia...”<sup>43</sup>.

A história da cultura do escrito em Portugal ficou mais enriquecido e o “...relacionamento entre os Homens e os textos, importa acentuar, de forma concludente, a fragilidade do conhecimento quando procuramos as correntes de pensamento, o interesse, paixão e cultura que as bibliotecas deixam supor nas pessoas ou instituições que as formam, conservam ou aumentam”<sup>44</sup>. Concluiu ainda com o estudo das profissões dos proprietários e respectivas aptidões linguísticas, a relação de preferências nas diversas línguas e respectivo preço dos livros comparando com o de outros produtos<sup>45</sup>.

---

<sup>38</sup> RODRIGUES, Manuel Augusto – “*Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra*”, Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1984, p. 84.

<sup>39</sup> TAVARES, Pedro Vilas Boas – *A Biblioteca e a bibliofilia de um prelado ilustrado D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga*. In Actas do Congresso Internacional Comemorativo do 9º Centenário da Sé de Braga, 1990, vol. 2, 2, pp. 273-274.

<sup>40</sup> Idem, *Ibidem*, 1990, p. 276.

<sup>41</sup> LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha, *O Livro e a Leitura no Porto no Século XVIII*, Porto: Coleção Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão - 3, Fundação Engº. António de Almeida, Porto, 1994, p. 37.

<sup>42</sup> Idem, *Ibidem*, p. 45.

<sup>43</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 45-46.

<sup>44</sup> Idem, *Ibidem*, p. 46.

<sup>45</sup> Idem, *Ibidem*, pp. 80-135.

De entre outros trabalhos salientamos o livro *“Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva”*, da autoria de António Barros Cardoso<sup>46</sup>. Neste caso, estudou-se a livraria reunida por um prelado, simultaneamente homem de grande cultura que chegou a Cardeal de Lisboa, foi Reitor e Reformador da Universidade e Coimbra e par do Reino e ocupou várias funções de relevo na vida pública nacional. O autor do estudo procurou conhecer o espólio através da contabilização das temáticas nele representado. Procurou ainda saber através do percurso de leituras do monge de São Bento, Frei Francisco de S. Luís Saraiva, o que os livros e as leituras fizeram dele no plano das ideias. De facto, Saraiva foi um adepto fervoroso das ideias que enformaram os valores da Revolução Francesa.

O principal objectivo de António Barros Cardoso, foi o de definir e analisar o catálogo da biblioteca, destacando os livros da cultura portuguesa por os considerar importantes, ao mesmo tempo tentar descobrir através deste estudo quais os livros que mais marcaram os interesses e a personalidade de Frei Francisco de S. Luís Saraiva<sup>47</sup>.

O referido autor no seu estudo também indagou quais as leituras que a censura da época não permitia estarem ao alcance de todos, para saber o que aquele intelectual da transição do século XVIII para o século XIX delas aproveitou.

Outro trabalho que saiu deste impulso registado em Portugal em torno da produção de textos sobre bibliotecas particulares foi *“A Paixão da História na Biblioteca de D. João de Magalhães e Avelar”*, de que foi autor, José António Mendonça Pereira. Este investigador não só elaborou um estudo exaustivo das espécies bibliográfica, manuscritos e índices que compunham a Biblioteca de D. João de Magalhães e Avelar, mas tentou sobretudo visualizar e analisar de uma forma rigorosa a problemática dos livros de história<sup>48</sup>. Por isso ocupou-se da análise da biblioteca por assuntos e agrupou-os em História Política, Económica e Social, obras religiosas, Literatura Histórica, Literatura de Viagens, História Antiga e Biografias<sup>49</sup>. Estudou obras do séc. XVI, XVII, XVIII e XIX, verificando que as que estavam em maioria eram as do séc. XVIII e as de menor número eram do século XVI<sup>50</sup>. No que respeita à língua de edição a predominância recaiu no Francês, seguido do Português, Latim, Espanhol e por fim os livros em língua Inglesa e Italiano<sup>51</sup>. Outra das preocupações do autor foi a análise do formato dos livros<sup>52</sup>.

Ao longo da nossa pesquisa científica irão surgir mais investigadores que se destacaram em análises sobre bibliotecas privadas, dando assim brilhantes contributos a

---

<sup>46</sup> CARDOSO, António Barros - *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*”, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1995. (Edição Comemorativa do Cesquicentenário da morte do Cardeal Saraiva), p. 406.

<sup>47</sup> CARDOSO, António Barros - *Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva*”, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima, 1995. (Edição Comemorativa do Cesquicentenário da morte do Cardeal Saraiva), p. 31.

<sup>48</sup> OLIVEIRA, José António Mendonça Pereira de – *“A Paixão da História na Biblioteca de D. João de Magalhães e Avelar”*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, porto, 1995, p. 9.

<sup>49</sup> Idem, *Ibidem*, 1995, p. 77.

<sup>50</sup> Idem, *Ibidem*, 1995, p. 79.

<sup>51</sup> Idem, *Ibidem*, 1995, p. 80.

<sup>52</sup> Idem, *Ibidem*, 1995, pp. 86-87.

todos aqueles que necessitarem, de estudos na área da Ciência, Documentação e Sistemas de Informação.

Outro exemplo a considerar, é o estudo de Ana Cristina Araújo efectuado em 1999, que consiste no estudo sobre a Biblioteca Pessoal de José da Silva Pais, um oficial de elevada patente oriundo da arma de Infantaria<sup>53</sup>. Foi objectivo da autora elaborar uma análise da localização física da biblioteca, que se situava “um pouco acima da bica dos Anjos, na cidade de Lisboa<sup>54</sup>”.

Segundo Ana Araújo o edifício onde se encontrava a livraria sofreu algumas reformas efectuadas provavelmente após o terramoto de 1755<sup>55</sup>. Era então, no interior do andar nobre, que se situava a livraria, composta por 437 volumes, vários maços de papéis soltos e séries contínuas de gazetas nacionais e estrangeiras, empilhadas e conservadas desde 1704 até 1746<sup>56</sup>. A autora fez uma breve apresentação das diversas categorias temáticas do espólio do proprietário<sup>57</sup>, assim como dos seus gostos e preferências de leitura<sup>58</sup>

Maria de Lourdes Correia Fernandes, fez um estudo comparativo entre as bibliotecas portuguesas e as espanholas entre o século XVI a XVIII, pronunciando-se sobre a presença de livros portugueses em bibliotecas públicas e particulares espanholas, sobre a circulação e intercâmbio dos livros sabe-se ainda muito pouco<sup>59</sup>. A autora refere ainda que: “O estudo das bibliotecas portuguesas, tanto institucionais como privadas assim como dos usos e posses do livro antes de finais do século XVI conta, em Portugal, com um número muito limitado<sup>60</sup>. Mas a partir dos anos subsequentes comenta a autora que foram mais felizes, considerando como exemplo, “o inventário da biblioteca de Jorge Cardoso recentemente publicado<sup>61</sup>. A investigadora reflecte ainda:

“...é importante levantar novas questões às abordagens quantitativas e multiplicar os estudos sobre os conteúdos de bibliotecas tanto institucionais como privadas, com base na identificação o mais precisa possível dos livros e na consideração dos seus conteúdos, tendo em conta, naturalmente, as características e os objectivos desses livros, os contextos e as datas da sua produção a maior ou menor circulação em distintos estratos sociais<sup>62</sup>”.

Citamos ainda um outro trabalho de José Adriano F. de Carvalho embora fosse um trabalho desenvolvido sobre questões do livro e da leitura ele foi realizado sobre a Península Ibérica e América no período compreendido entre séculos XIII a XVIII<sup>63</sup>.

---

<sup>53</sup> ARAÚJO, Ana Cristina Bartolomeu de – “Livros de uma Vida: *critérios e modalidades de constituição de uma livraria particular no Século XVIII*”. Separata da Revista de História das Ideias, Coimbra. Faculdade de Letras, vol. 20, 1999, pp. 156-157.

<sup>54</sup> Idem, Ibidem, 1999, p. 157.

<sup>55</sup> Idem, Ibidem, 1999, p. 157.

<sup>56</sup> Idem, Ibidem, 1999, p. 157.

<sup>57</sup> Idem, Ibidem, 1999, p. 159.

<sup>58</sup> Idem, Ibidem, 1999, p. 163.

<sup>59</sup> FERNANDES, Maria de Lourdes Correia – “O Livro Antigo em Portugal e Espanha séculos XVI a XVIII – Uma Biblioteca Ibérica”, Leituras, Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa, S. 3, n.ºs. 9-10, 2002, p. 124.

<sup>60</sup> Idem, Ibidem, 2002, p. 124.

<sup>61</sup> Idem, Ibidem, 2002, p. 125.

<sup>62</sup> Idem, Ibidem, 2002, p. 125.

<sup>63</sup> CARVALHO, José Adriano de – El club de los Señores de las bibliotecas muertas? Nota a propósito de la librería del primer Marqués de Niza en el Portugal de mediados del siglo XVII. In Libro y lectura en la Península Ibérica y

Igualmente o estudo sobre “As Bibliotecas e os Livros na Obra de Frei Manuel do Cenáculo, em 2004, do autor Francisco António Lourenço Vaz, destaca o papel das bibliotecas no meio social, e mostra como D. Frei Manuel do Cenáculo se distinguiu enquanto responsável pela sua Ordem Religiosa, na criação da Biblioteca do Convento de Jesus em Lisboa, das Bibliotecas Públicas de Évora, e de Beja, além de colaborar para a formação da Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>64</sup>.

Também o estudo levado a efeito por Maria Teresa Calheiros Figueiredo de Oliveira Ramos, sobre “A Biblioteca de S. Martinho de Tibães no Século XVIII”, em 2007, a autora fez uma análise, fazendo o enquadramento do estudo e apetrechamento em termos de equipamento necessário para os grandes livros e manuscritos para o bom funcionamento da Biblioteca<sup>65</sup>. Foi preocupação da autora explicar como se preservavam os documentos da humidade, do pó e dos bibliófagos<sup>66</sup>. De todo o espólio bibliográfico destacou os livros de História e ao mesmo tempo elaborou gráficos que destacam informações percentuais sobre as obras de Teologia, Jurisprudência, Ciências e Artes, História, Literatura, Poligrafia, História Literária e Bibliografia, considerados os grandes ramos do saber, na opinião de Frei Francisco de S. Luís<sup>67</sup>. A referida autora fez uma abordagem sobre a edição dos livros, as contas da Biblioteca e dos incunábulo que a compõem. Maria Teresa Calheiros de Oliveira Ramos, por último, realizou um estudo exaustivo com o objectivo de averiguar as línguas em que o livros foram escritos, e assim descobrir quais os títulos dos livros proibidos<sup>68</sup>.

O nosso trabalho tem por título “Ler História no Fundo Bibliográfico doado por Orlando Ribeiro, ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto”.

O núcleo bibliográfico que estudamos é composto por 104 revistas, num total de 2127 números editados, e 213 monografias. Está situado nas actuais instalações do Departamento de Geografia da FLUP, espaço designado por Sala de Orlando Ribeiro<sup>69</sup>, no 3º Piso da Torre B. O referido espólio foi organizado pela autora no âmbito das suas competências profissionais na FLUP com a finalidade de facilitar a consulta aos utentes. As revistas foram organizadas por ordem alfabética, ocupando 5 colunas com 7 prateleiras cada, com um metro e seis centímetros de largura. Por sua vez as monografias também foram

---

América: siglos XIII a XVIII. Ed. António Castillo Gomes. [Valladolid]: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, 2003, pp. 165-188.

<sup>64</sup> VAZ, Francisco António Lourenço – “As Bibliotecas e os Livros na Obra de Frei Manuel do Cenáculo”, Sep. De la Memoria de los Libros. Estudios sobre la Historia del Escrito y la Lectura en Europa y América. Salamanca: Instituto de Historia del Libro y de la Lectura, 2004, tomo 2, p. 483-498.

<sup>65</sup> RAMOS, Maria Teresa Calheiros Figueiredo de Oliveira, sobre *A Biblioteca de S. Martinho de Tibães no Século XVIII*, dissertação de Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciência da Informação apresentada à Universidade de Évora, em 2007, p. 30.

<sup>66</sup> RAMOS, Maria Teresa Calheiros Figueiredo de Oliveira, sobre *A Biblioteca de S. Martinho de Tibães no Século XVIII*, dissertação de Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciência da Informação apresentada à Universidade de Évora, em 2007, p. 31.

<sup>67</sup> Idem, *Ibidem*, 2007, p. 31.

<sup>68</sup> Idem, *Ibidem*, 2007, p. 31.

<sup>69</sup> Trata-se de uma sala ampla, com 5 portas/janelas deixando passar muita luz, durante o dia e para a noite está equipada com 9 candeeiros de tecto. Quanto ao seu mobiliário a sala é composta por 2 mesas grandes e 2 pequenas para as reuniões mensais do Conselho de Departamento, por 32 cadeiras, umas vezes são ocupadas pelos docentes e outras pelos alunos no período de consulta do espólio bibliográfico. A sala possui ainda um painel fixo em espaço próprio que se abre apenas quando é necessário para apresentação de conferências ou exposição de teses de Mestrado. Faz parte do mobiliário uma escada para o acesso aos livros, a secretária da bibliotecária, 2 cadeiras de braços, 4 mesas de apoio aos livros, 1 bengaleiro e 3 aquecedores fixos.

organizadas por ordem alfabética, não obstante o facto de apresentarem, para efeitos de catalogação uma ordem numérica, ocupando 4 prateleiras com dimensões idênticas.

O estudo tem como objectivo apurar o interesse e diversidade das temáticas sobre o recheio daquela doação áreas do saber que mais a enriqueceram, a quem, interessará a leitura das obras, a consulta dos seus livros, e foram escolhidos os livros de história como questão fundamental de análise. Este estudo procura construir uma estatística fundamentada sobre este e outros aspectos que interessa compreender sobre vários pontos de vista<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> Cf. Anexos 1 e 2.

## II. – PERCURSO DE VIDA / ACADÉMICO E PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE ORLANDO RIBEIRO

### 2.1. – AS ORIGENS E PERCURSO ESCOLAR / ACADÉMICO

Orlando Ribeiro nasceu na freguesia de São Mamede, no concelho de Lisboa<sup>71</sup>, a 16 de Fevereiro de 1911<sup>72</sup>. Criado pelos seus avós, major reformado Augusto Carvela<sup>73</sup>, divide a sua infância entre Almada, o Asilo dos Inválidos Militares de Runa em Torres Vedras, do qual o seu avô era administrador durante a I Guerra Mundial<sup>74</sup>.

Frequentava assiduamente a biblioteca do liceu e foi lá que começou a ler obras de Julio Verne<sup>75</sup> e a manusear o Atlas de Vidal de La Blache<sup>76</sup>, aliás autor que mais tarde haveria de decidir a sua vocação.

Em 1919, regressa a casa do pai, o “Senhor, António da Drogaria”, como era conhecido na Rua da Escola Politécnica, devido à pequena drogaria que aí detinha.

Quando se referia às suas proveniências, Orlando Ribeiro gostava, por vezes, de evocar que era filho de um droguista. A drogaria do pai localizava-se mesmo em frente à Faculdade de Ciências. O pai chegava mesmo a abastecer os laboratórios universitários. Como todos os jovens, brincou no jardim botânico da velha escola, onde conviveu com professores e alunos<sup>77</sup>. Frequenta por esta altura, o Colégio Amaral, no mesmo bairro.

Entre 1921 e 1928 frequenta o Liceu Passos Manuel e “a preparação no colégio foi tão boa que, no exame de admissão ao liceu, ganhei o prémio de Midosi, equivalente à classificação de 20 valores<sup>78</sup>. É neste Liceu que completa o exame da 7ª Classe, secção de letras, que conclui com a classificação de 18 valores<sup>79</sup>.”

“A curiosidade da História nasceu da leitura dos romances de Herculano e do gosto de ruínas e de coisas do passado. Descobri que num recanto oculto do jardim do liceu se reunia um grupo de alunos mais velhos e se dedicavam ao culto de Amon-Rá, o deus egípcio do Sol. Atraído pelo meu gosto mágico fui por eles brutalmente tratado como intolerável intruso. Do grupo fazia parte Juvenal Esteves a quem me voltarei a referir”<sup>80</sup>.

<sup>71</sup> Suzanne Daveau viúva de Orlando Ribeiro, confirmou a pedido nosso, realizado em 11 de Fevereiro de 2009 via correio electrónico.

<sup>72</sup> DAVEAU, Suzanne - “Os Anos de Formação de Orlando Ribeiro”, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, Nº 85, Lisboa, 2008, p. 19.

<sup>73</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Memórias de Um Geógrafo*”, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Colecção Humanismo e Ciência, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 40.

<sup>74</sup> DAVEAU Suzanne - *Os Anos de formação de Orlando Ribeiro*, Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos - Vol. XLIII Número 85, Lisboa, 2008, pp. 17-21.

<sup>75</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Memórias de Um Geógrafo*”, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Colecção Humanismo e Ciência, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 57.

<sup>76</sup> Idem, Ibidem, Lisboa, 2003, p. 58.

<sup>77</sup> GARCIA, João Carlos - “*Orlando Ribeiro (1911-1997): o Mundo à sua procura*” – *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. I Série, Vol. XIV, Porto, pp. 107-116.

<sup>78</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Memórias de Um Geógrafo*”, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Colecção Humanismo e Ciência, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 49.

<sup>79</sup> GARCIA, João Carlos - “*Orlando Ribeiro (1911-1997): o Mundo à sua procura*” – *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. I Série, Vol. XIV, Porto, pp. 107-116. *Geografia*. I Série, Vol. XIV, Porto, pp. 107-116.

<sup>80</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Memórias de Um Geógrafo*”, Apresentação de João Carlos Garcia. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2003, p. 53.

Em 1930 encontra-se já a frequentar a Faculdade de Letras de Lisboa onde rápido aprendeu a escolher aqueles eu viriam a ser os seus verdadeiros mestres, nela teve como professores: de Geografia “o médico Silva Telles” de Geografia, de história Manuel Ramos de quem guardou boas recordações. Note-se que foi com a filha “Maria” de Manuel Ramos que Orlando Ribeiro se casou em 1936<sup>81</sup>.

Começa frequentar a casa de Leite Vasconcellos em 1931, quando este já se encontrava aposentado<sup>82</sup>.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ingressou na área das Ciências Históricas e Geográficas entre 1928-1932. Concluiu a sua Licenciatura em 1932. Nesta altura continua a manter contactos com o historiador Manuel Ramos, o geógrafo Silva Telles, o escritor e filólogo Leite de Vasconcellos, David Lopes, e ainda Ernest Fleury um geólogo Suíço, radicado em Portugal<sup>83</sup>. Todos eles apresentam uma influência determinante no seu futuro.

Ainda como estudante de licenciatura Orlando Ribeiro, estreia-se com a sua primeira conferência dedicada à poesia de Goethe, aquando dos centenários de Goethe e de Humboldt<sup>84</sup>.

Em 1934 como bolseiro do Instituto de Alta Cultura e através dos seus trabalhos de campo, elaborou um programa de expedições em Portugal para a realização da sua dissertação de doutoramento sobre a região da Arrábida.

Publica o seu primeiro artigo no periódico Medicina em 1934<sup>85</sup>. Mantém constantes relações com o médico Juvenal Esteves, amigo de ascendência galega, Barahona Fernandes e ainda A. Celestino da Costa, sendo o gosto pela música clássica uma das características que os unia a todos. Orlando Ribeiro admirava Mozart e Beethoven, aliás começou a frequentar concertos a partir dos dezasseis anos<sup>86</sup>.

Defende em 1935 a sua dissertação de Doutoramento em Ciências Geográficas pela Faculdade de Letras de Lisboa, intitulada: “Arrábida, Esboço Geográfico”<sup>87</sup>.

Orlando Ribeiro, assume ele próprio, que esta vivência, só poderia culminar na carreira que acabara por abarcar. Referia-se à figura de seu avô como «o meu primeiro mestre»<sup>88</sup>, tendo herdado dele, por assim dizer, a curiosidade natural e capacidade de observação – o simples acto de prestar atenção ao que o rodeia.

---

<sup>81</sup> DAVEAU, Suzanne - “Os Anos de Formação de Orlando Ribeiro”, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, Nº 85, Lisboa, 2008, p. 24.

<sup>82</sup> Idem, Ibidem, Lisboa, 2008, p. 24.

<sup>83</sup> Cf. M. Viegas Guerreiro - Etnografia e Geografia: Leite de Vasconcelos e Orlando Ribeiro, in Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro, I, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1984, pp. 63-75.

<sup>84</sup> O texto só foi publicado muito posteriormente: A vida de Goethe, poesia e verdade, Revista da Faculdade de Letras, Lisboa, 5ª Série, 12, 1989, p. 37-46.

<sup>85</sup> RIBEIRO, Orlando - “Médico, Geografia Humana”, Medicina, Lisboa, I, 9, 1934, pp. 364-368.

<sup>86</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Memórias de Um Geógrafo*”, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Coleção Humanismo e Ciência, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 55.

<sup>87</sup> RIBEIRO, Orlando - Arrábida, Esboço Geográfico, Revista da Faculdade de Letras. Lisboa, IV, 1-2, 1937, pp. 51-131 - (2ª ed., 1986).

<sup>88</sup> Idem, Ibidem, Lisboa, 2003, p. 171.



Em Paris, entre Janeiro de 1937 e Maio de 1940<sup>89</sup>, Orlando Ribeiro aproveitou a experiência de Albert Demangeon (1872-1940), Bourcart, Siegfried e Claude Bernard que se tornaram decisivas para a sua formação intelectual. A orientação para problemas e estudos de campo recebe do professor da Universidade de Estrasburgo Baulig. Porém a importância do relevo e da civilização no que respeita ao estudo das regiões tropicais adquire dos estudiosos Max Sorre, Pierre Gourou e Roger Dion<sup>90</sup>.

Os seus companheiros enquanto da sua permanência em Paris, afluíram de todas as partes do mundo: investigadores vinham da Inglaterra, da Bélgica, de Portugal, do Egipto, da Roménia, da Grécia, da Pérsia, da Jugoslávia, da Bulgária e do Canada...<sup>91</sup>.

Orlando Ribeiro incrementou através da cultura um espírito humanista, que associava ao naturalismo. Sempre esteve ligado a mestres responsáveis, que lhe proporcionavam a base que pretendeu dar à inovação do ensino da Geografia.

“Os estudos de Geologia, que fiz por necessidade de apoio à minha formação de geógrafo, e de Biologia, por simples curiosidade de espírito, tiveram decisiva influência na preocupação de objectividade e rigor tão necessária numa ciência que se situa entre o natural e o humano. Humanista de raiz, considero hoje a enorme vantagem de ter adquirido, paralelamente, a formação de naturalista, indispensável ao geógrafo”<sup>92</sup>.

Fundou e organizou os centros de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra, em 1942-1943, e de Lisboa, em 1943, foi vice-presidente da União Geográfica Internacional em 1952 e entrou como Membro da Junta de Investigações do Ultramar em 1959<sup>93</sup>. De realçar o cargo de Director da revista Finisterra em 1966<sup>94</sup>.

A sua longa e intensa carreira levou-o a viajar pelo mundo, deu aulas e palestras, publicou livros artigos e memórias. Reuniu desenhos e fotografias em minuciosos cadernos trabalhos de campo. Nunca separou dos seus trabalhos científicos as realidades humanas, por isso, revelava também uma diversidade de interesses intelectuais especiais.

É nomeado professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1943<sup>95</sup>, e como adverte o Reitor da Universidade de Lisboa, Raul Miguel Rosado Fernandes, “o sucesso pedagógico de que se rodeavam as suas aulas, numa docência que percorrerá o mundo e seus diversos continentes, sempre resultante dessa combinação feliz de uma formação científica, com uma personalidade viva e uma irreverência que acordava

<sup>89</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 2003, p. 89.

<sup>90</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 2003, p. 87.

<sup>91</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 2003, p. 88.

<sup>92</sup> RIBEIRO, Orlando – *Memórias de Um Geógrafo*, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Coleção Humanismo e Ciência, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, pp. 77-78.

<sup>93</sup> RIBEIRO, Orlando - *VERBO – Enciclopédica Luso-Brasileira de Cultura*, nº 16 – Editorial Verbo, Lisboa, 1974, pp. 575-576.

<sup>94</sup> AMARAL, Ilídio do – *Finisterra uma Revista com Trinta e cinco anos de Prestígio Científico*, “Finisterra”, XXXVI, nº 72, 2001, pp. 11-25, também cf. *VERBO - Enciclopédica Luso-Brasileira de Cultura*, nº 16 - Editorial Verbo, Lisboa, 1974, pp. 575-576.

<sup>95</sup> RIBEIRO, Orlando – “*Dicionário de História do Estado Novo*”, Direcção de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, Vol. II, M-Z, Bertrand Editora, Venda-nova, 1996, p. 845.

qualquer saber já mumificado”<sup>96</sup>, onde ensinavam docentes com a designação de assistentes nomes como António José Saraiva e Vitorino Magalhães Godinho<sup>97</sup>. Membro fundador, a pedido do Instituto de Alta Cultura, do Centro de Estudos Geográficos de Lisboa e como não consegue viajar para o estrangeiro motivado pela Segunda Guerra, aproveita para realizar estudos e viagens sobre Portugal como se pode constatar mais adiante<sup>98</sup>.

“A personalidade do geógrafo é primeiro sucintamente caracterizada, na sua qualidade de renovador da Geografia em Portugal”<sup>99</sup>

Foi geógrafo, historiador, considerado um dos grandes mestres da Geografia do século XX<sup>100</sup>.

Nos anos 50, além de ter proferido imensas conferências em diversas Universidades estrangeiras, foi professor «visitante do Colégio de França em 1959, e no ano de 1962 na Universidade de Laval, no Quebec<sup>101</sup>, dedica-se a algumas das suas investigações e trabalhos de campo sobre as quais publica em Portugal neste período sete artigos, sobre a sua deslocação ao Ultramar no mesmo período divulga dez artigos e por último ao deslocar-se ao estrangeiro dá à estampa mais seis artigos<sup>102</sup>.

Segundo Orlando Ribeiro, foi na L’École de Hautes Études de Sorbonne em Paris que atingiu a perfeição do seu conhecimento para melhor desenvolver a todos os níveis o estudo da Geografia.

Ao longo da sua carreira científica nunca separava os aspectos físicos dos culturais e sociais, pensava antes congregá-los por serem a principal condição para alcançar a verdadeira entidade geográfica, e assim chegar ao objecto de estudo.

Orlando Ribeiro, recebe também influências de Pierre Gourou, designadamente os ensinamentos sobre formas metodológicas que se aplicam à investigação geográfica. Segundo o autor, a Geografia Humana é preciosa por que se aprende as suas relações entre os diversos grupos humanos e porque a importância da densidade populacional evidencia as técnicas e as práticas agrícolas, considera factores determinantes para o desenvolvimento das populações. Para Orlando Ribeiro, tudo está interligado: O clima, a terra, a produção e as relações humanas<sup>103</sup>.

Alexander von Humboldt – (1769-1859)”, foi outro mestre, da Geografia, de origem Alemã e descendente de uma família nobre, (tendo ocupado vários cargos em Berlim a partir de 1827) que influenciou o geógrafo português. Orlando Ribeiro considera-o como sendo o

---

<sup>96</sup> FERNANDES, Raul Miguel Rosado – “Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro”, Centro de Estudos Geográficos, 1º volume, Lisboa, 1984, p. 15.

<sup>97</sup> Cf. AAAVVV - <http://www.orlando-ribeiro.info/bibliografia/bibliografia.pdf>

<sup>98</sup> Cf. Ver locais de estudo das Viagens de Campo efectuadas por Orlando Ribeiro no (Anexo - 6).

<sup>99</sup> AMARAL, Ilídio do - *O Espólio Científico de Orlando Ribeiro – III O Sítio Internet Orlando Ribeiro, Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos*, vol. XLIII, nº 85, Lisboa 2008, p. 125.

<sup>100</sup> GASPAR, Jorge – “Orlando Ribeiro, Finisterra, *Revista Portuguesa de Geografia*, vol. XXXIII, nº 65, Lisboa, 1998, pp. 3-6.

<sup>101</sup> RIBEIRO, Orlando - *VERBO - Enciclopédica Luso-Brasileira de Cultura*, nº 16 - Editorial Verbo, Lisboa, 1974, pp. 575-576.

<sup>102</sup> Cf. Ver locais de estudo das Viagens de Campo efectuadas por Orlando Ribeiro no (Anexo - 6).

<sup>103</sup> RIBEIRO, Orlando - “Orientação”, *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia Centro de Estudos Geográficos - Vol. 1 Número 1*, Lisboa, 1966, pp. 5-9.

mais eminente naturalista do seu tempo e explica: “no mundo da Ciência, o derradeiro representante dessa espécie de homens universais, aparecia no Renascimento e extinta com os próprios progressos e a diferenciação do conhecimento”<sup>104</sup>.

Ainda sobre a Ciência Geográfica Orlando Ribeiro comenta: “Nascida como um elo entre a História natural e a História humana, a Geografia beneficiou de métodos que estas ciências haviam afinado”<sup>105</sup>.

Dedicou toda a sua vida ao ensino e investigação em Geografia, é considerado por alguns, como o renovador desta ciência em Portugal no século XX<sup>106</sup>.

Orlando Ribeiro qualificava-se de geógrafo, mas dizia que havia de dedicar os seus últimos tempos da sua vida à “História”, como se pode comprovar na produção historiográfica.

O espírito humanista de Orlando Ribeiro sempre apoiado na Geologia, Climatologia, Antropologia e na História, no qual veio a encontrar discípulos nesses domínios como foi o caso de: Carlos Teixeira, Jorge Dias, Manuel Viegas Guerreiro, Pinto Peixoto, Virgínia Rau.

---

<sup>104</sup> RIBEIRO, Orlando – “Hermann Lautensach – (1886-1971)”, ‘Finisterra’. Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Vol. IV, Nº 8, Lisboa 1969, pp. 155-158.

<sup>105</sup> RIBEIRO, Orlando - “Orientação”, Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia Centro de Estudos Geográficos - vol. 1 Número 1, Lisboa, 1966, p. 8.

<sup>106</sup> Cf. AAUVV - <http://www.orlando-ribeiro.info/bibliografia/bibliografia.pdf>

## 2.1.1. – PERCURSO ACADÉMICO

“Assim se reforça, neste convívio internacional, a qualidade do trabalho dos geógrafos portugueses, que surpreendeu os que participaram no primeiro Congresso Internacional de Geografia depois da Guerra, em 1949. Confirmando e pondo à prova uma orientação, procurei, no que fui seguido pelos colaboradores de uma obra comum, não mais afastar dela o Centro de Estudos Geográficos que durante mais de trinta anos, alguns de euforia e muitos de amargura. Dirigi à minha maneira, procurando a síntese entre o humanismo, subjacente a qualquer empreendimento científico, e a ciência de rigor na descrição e na interpretação das formas da superfície terrestre – incluindo as que o homem cria ou modifica – que constitui o exercício de toda a Geografia”<sup>107</sup>.

Pelo seu interesse, transcrevemos de Ilídio Amaral o seguinte texto:

“Orlando Ribeiro licenciou-se em Ciências Históricas e Geográficas, quando os dois ramos de conhecimento estavam intimamente ligados, com a Geografia transformada numa espécie de parente pobre, mero acólito da História. Ao findar os estudos universitários balançou entre os dois ramos do saber. Acabou por dar preferência e profunda dedicação ao segundo – o da Geografia, de que se tornou Mestre incontestado não apenas no seu país como lá fora – sem contudo deixar de dar valiosas contribuições à História”<sup>108</sup>.

Recorda os estudos de Antropologia que realizou com Juvenal Esteves, e através de algumas leituras tomou conhecimento de alguns problemas de Biologia<sup>109</sup>.

Orlando Ribeiro no seu extenso percurso científico não se dedicou apenas à Geografia mas também aos problemas da população em Portugal<sup>110</sup>.

Para esse facto, contribuíram dois Professores, Costa Cabral que lhe ensinou a descobrir o enigma da Terra e das civilizações e Oswaldo Spengler conhecido como um grande teórico da História cujo pensamento renovador se projectava fortemente na cultura desse tempo<sup>111</sup>.

Orlando Ribeiro optou pela Geografia em detrimento da História da Idade Média que também o aliciava e pronunciou-se: “o que definitivamente me encaminhou para a geografia foi a leitura de Vidal de La Blache”<sup>112</sup>

Em 1937-1940, a nível académico, o ambiente não era dos melhores e por isso Orlando Ribeiro partiu para Paris no final dos anos 30, onde trabalhou com dois dos maiores geógrafos franceses de então, Emmanuel de Martonne e Albert Demangeon<sup>113</sup>.

---

<sup>107</sup> RIBEIRO, Orlando - Recensão, “Finisterra”, Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XIV, nº 27, Lisboa 1979, p. 81.

<sup>108</sup> AMARAL, Ilídio do - Orlando Ribeiro Humanista. Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Vol. XLIII, Nº 85, Lisboa, 2008, p. 45.

<sup>109</sup> Idem, p. 77.

<sup>110</sup> RIBEIRO, Orlando - “A Geografia e os Problemas da População em Portugal, Lisboa, 1942, pp. 337-353.

<sup>111</sup> RIBEIRO, Orlando - “Memórias de Um Geógrafo”, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Coleção Humanismo e Ciência, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 61.

<sup>112</sup> Idem, Ibidem, Lisboa, 2003, p. 73.

<sup>113</sup> RIBEIRO, Orlando - *Dicionário de História do Estado Novo*, Direcção de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, Vol. II, M-Z, Bertrand Editora, Venda-nova, 1996, p. 845

A sua estadia em Paris foi-lhe proporcionada pela ocupação do posto de leitor de Português na Sorbonne, à qual por sua iniciativa agregou a de aluno no que respeita ao ensino da Geografia Física e Geografia Humana<sup>114</sup>.

Durante os três anos que permanece em Paris, assiste às aulas dos grandes mestres de História e da Geografia, como Marc Bloch, Emmanuel de Martonne e Albert Demangeon<sup>115</sup>.

Vai ser ao lado destes (Mestres), que Orlando Ribeiro vai germinar o gosto pelos estudos de Geografia física, desenvolver os seus primeiros trabalhos científicos e apresentá-los à comunidade científica internacional. Tendo sido influenciado por Leite de Vasconcelos em Portugal, começa a interessar-se pelos estudos rurais, e deste empenhamento surgem dois trabalhos, o “Inquérito de Geografia Regional”<sup>116</sup> e “Inquérito do Habitat Rural”<sup>117</sup>.

Em 1939 começa por divulgar a cultura, a história e a geografia através da conferência que proferiu em Bruxelas, sobre “Formação de Portugal” denunciando a leitura de Lautensach e dos historiadores oitocentistas portugueses como Oliveira Martins e Alexandre Herculano.

Em 1941-1943 foi Professor extraordinário de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instalando-se em Lisboa, passa a partir de 1943, a Prof. Catedrático de Geografia na Faculdade de Letras de Lisboa.

Orlando Ribeiro dirigiu várias missões de Geografia no Ultramar as quais tiveram início na Guiné no ano de 1947<sup>118</sup>, constituídas por discípulos e colaboradores seus.

Organizou em 1949 em Lisboa o I Congresso Internacional de Geografia depois da I Guerra Mundial, que seria o primeiro Congresso Geográfico Internacional tendo sido eleito em 1952 vice-presidente<sup>119</sup>.

Apresenta ainda um estudo sobre a erupção da Ilha do Fogo, em 1951 e sobre este tema cometa o seguinte:

“A erupção: um facto natural, as fontes: um facto de causa natural mas de trágica repercussão humana. O naturalista conta entre os mais felizes episódios da sua vida científica as duas erupções vulcânicas que estudou. O humanista sente a satisfação do dever cumprido, ao denunciar, sem se preocupar de mitigar a dureza da expressão, um crime contra a humanidade e o mais grave problema da economia nacional de então”<sup>120</sup>.

Em 1955 e 1956 desloca-se à Índia para mais duas missões de campo em Goa.

---

<sup>114</sup> Idem, *Ibidem*, 1996, p. 845

<sup>115</sup> Idem, *Ibidem*, 1996, p. 845

<sup>116</sup> RIBEIRO, Orlando - *Opúsculos Geográficos VI vol.*, Instituto da Alta Cultura - Coimbra, 1938, (2ª ed., em 1947, reimpressa em 1961 e 3ª ed., em 1995, in *Opúsculos Geográficos, VI vol.*, p. 11-32). Da 1ª edição foi feita uma tradução para castelhano, publicada em *Estudios Geográficos*, Madrid, 1947.

<sup>117</sup> RIBEIRO, Orlando - *Mundo Rural*, “Opúsculos Geográficos”, Coimbra, Instituto para a Alta Cultura, 1938 2ª ed., 1939). Os inquéritos, juntamente com os mais importantes textos sobre o *povoamento rural*, foram incluídos no IV vol. Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1991).

<sup>118</sup> Cf. AAVVV - <http://www.orlando-ribeiro.info/cadernos/portugal.htm>

<sup>119</sup> Cf. AAVVV - <http://orlando-ribeiro.info/home.htm>

<sup>120</sup> RIBEIRO, Orlando – *Memórias de Um Geógrafo*, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 208.

Orlando Ribeiro considerou a década de 1960 como um marco. “São talvez as viagens, e os trabalhos delas resultantes, o melhor testemunho da sua actividade como geógrafo. Mas são também elas, por excelência, os elos que nos revelam as suas preocupações sociais com os territórios e povos estudados, e nos transportam à sua sensibilidade como fotógrafo, ao ‘fundo mágico da sua personalidade’”<sup>121</sup>. Deste contexto resultaram algumas publicações das quais se destacam: em 1960 “Três Imagens do Mundo”, “Formação de Portugal” e “Sur un style de la colonisation rurale portugaise”; em 1961 “O Infante e o Mundo Novo” e “Problemas Humanos de África”; em 1962 escreve “Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa”; em 1964 surge “Problemas da Universidade”; em 1965 apresenta “Presença do Brasil na Universidade de Lisboa”; em 1966 escreve “Orientação”, note-se que foi neste ano e com este estudo que marcam a fundação do primeiro número de Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia do Centro de Estudos Geográficos; em 1968 publica “Mediterrâneo, Ambiente e Tradição”. Recordamos que estes estudos foram também consequência das nove viagens que o geógrafo efectuou na década de sessenta ao ultramar português.

Interessa também sublinhar que foi na mesma década que Orlando Ribeiro conheceu Suzanne Daveau, sendo Professora de Geografia da Universidade de Lisboa tornou-se na sua principal colaboradora, com quem veio a casar em 1965.

No ano lectivo de 1967-1968 Orlando Ribeiro foi solicitado a ensinar em várias Universidades da Europa e da América e no Collège de France (uma das mais altas instituições científicas mundiais); e como “professor associado foi convidado para leccionar na Universidade de Paris (Sorbonne), afinal instituição onde tinha recebido trinta anos antes, a sua preparação académica na área da geografia”<sup>122</sup>.

Na década de 1970 e a propósito do nível científico, Orlando Ribeiro difunde em 1970 “Bochímanes de Angola” e “Variações sobre temas da Ciência”; divulga em 1971 “Ainda em torno das origens de Viseu” e Les conditions historiques de la régionalisation de l’espace au Brésil”, no mesmo ano publica “Povoamento” e “Cidade”; em 1974 anuncia “Memórias da Vida Universitária”, e “Descolonização, Ensino e Ciência”; em 1975 anuncia “Dificuldades da Independência” e “Destinos do Ultramar”. Já em 1976 publica “Regiões Históricas”; decorridos dois anos em 1978 expõe o estudo “A Terra e a Variedade Humana – As Raças” e o tema “O Brasil: Evolução Singular no Império Português”; em 1979 publica “Sociedade Humana e Ambiente, no Tempo – Temas e Problemas de Geografia Histórica”, além de outros temas.

Nos anos 80 publica “Le Caroubier, ses Conditions Naturelles, son Expansion, ses rapports avec L’agriculture” (em 1980); o “Alcorão em Português”; “Ruços Além” em (1981); “Las Ciudades Ibéricas Tradicionales y su Expansion por el Mundo” (1981); “Ciência e Humanismo. Reflexões sobre uma Experiência”; em (1983); “Identificação de um País –

---

<sup>121</sup> Cf. AAUVV - <http://www.orlando-ribeiro.info/home.htm>

<sup>122</sup> Amaral, Ilídio – *Notas e Recensões – Centro de Estudos Geográficos (1943-1973)*, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia. (Centro de Estudos Geográficos), Lisboa, 1973, p. 312.

Ensaio sobre as Origens de Portugal 1096-1325”; (1985); “Mediterrâneo Ambiente e Tradição” (1987); “A Formação de Portugal” (1987); “Colonização de Angola e o seu Fracasso” (1988); “A Vida de Goethe. Poesia e Verdade” (1989).

De realçar que a doença que ocorreu em 1986, deixando Orlando Ribeiro privado de escrever com a mão direita<sup>123</sup>, não deixou de desenvolver os seus trabalhos porque passou a fazê-lo com a mão esquerda.

Nos anos 90 no trabalho científico de Orlando Ribeiro surge na 6ª edição em 1990 o tema “Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico”; e em 1998 publica o ensaio “As Transformações do Povoamento e das Culturas na área de Pinhal Novo”.

Inúmeros trabalhos científicos foram publicados, alguns escritos ou traduzidos em francês, espanhol, italiano, inglês e alemão. As suas obras, correspondem a uma concepção unitária e abrangente da Geografia e inserindo-se em rumos de pesquisa que acompanharam grande parte da vida científica.

A partir de 1997, foi Suzanne Daveau que ficou responsável pela organização do espólio, juntamente com as bibliotecárias da Biblioteca da Universidade de Letras de Lisboa, após a morte do marido, que ocorreu a 17 Novembro de 1997<sup>124</sup>.

João Ferrão enaltece a obra de Orlando Ribeiro ao escrever sobre “Portugal, três Geografias em recombinação e identidades territoriais”, quando este explica o seu ponto de vista sobre diferença do Norte e o Sul de Portugal, acrescentando:

“...contudo, a explicação é bem mais complexa, devendo ser encontrada nas especificidades que os mundos atlânticos e mediterrâneo estimulam do ponto de vista do esforço de adaptação das populações, já de si distintas, a meios físicos diferenciados. A oposição Norte/Sul é considerada, antes de mais, como o resultado de contrastes civilizacionais, e tem tradução directa na forma como os agrupamentos humanos ocupam, organizam e usam o território, isto é, na articulação que historicamente se vai estabelecendo entre meios físicos, modos de vida e paisagens”<sup>125</sup>.

No que diz respeito ao facto de ser considerado por José Mattoso, um vulto *notável*, que subsiste até hoje, pela análise do espólio que investigamos, do estudo através do site da internet, das pesquisas que realizamos, nas bibliotecas que visitamos, dos seus livros e artigos, conferências, trabalhos de campo, dos colóquios e congressos em que participou, por toda a obra científica que chegou ao conhecimento de todos, que a cultura portuguesa ficou favorecida com toda a obra científica de Orlando Ribeiro. Cada ser humano, no tempo em que vive, tem o seu incomensurável valor, como estudante, mais tarde como docente, investigador como homem, em família, e também como fotógrafo. Orlando Ribeiro conseguiu congrega ao longo da sua vida todas estas capacidades e por esse motivo,

<sup>123</sup> RIBEIRO, Orlando – *Memórias de Um Geógrafo*, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 21.

<sup>124</sup> Cf. AAUVV - <http://www.orlando-ribeiro.info/bibliografia/bibliografia.pdf>

<sup>125</sup> FERRÃO, João - *Portugal, Três Geografias em Recombinação e Identidades Territoriais*, Lusotopie, 2002, p. 151-158. Ver em particular, Orlando Ribeiro – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1987.

também partilhamos da mesma opinião de José Mattoso. Reconhece-se finalmente algumas das suas limitações como teria sido problemático para Orlando Ribeiro conseguir ser um homem notável num país e num período da história portuguesa cheio de controvérsias. Como afirmou Carlos Alberto Medeiros: “Mas Orlando Ribeiro é também um homem irreverente, que nunca deixou de denunciar situações erradas, onde quer que elas se manifestem”<sup>126</sup>

“Sou hoje o professor mais antigo da Faculdade. Talvez por isso, criei-me ainda no respeito de valores humanos sem os quais o ensino não passará de uma deplorável mistificação. É em nome destes valores que me parece inadiável ver restabelecido na Universidade o mínimo de autoridade e de ordem que garantam a todos, alunos e professores, o livre exercício da vida do espírito, fundamento da nossa dignidade intelectual e da nossa função na sociedade”<sup>127</sup>.

É ainda de realçar a sua brilhante carreira científica e nessa qualidade, recebe o título de “Doutor Honoris Causa na Universidade do Rio de Janeiro em 1956”<sup>128</sup>. Na Universidade de Bordéus recebe o título “Doutor Honoris Causa em 1962”<sup>129</sup>. Recebe o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, em 1984<sup>130</sup>. Passado um ano em 1985 recebe o mesmo título pela Universidade Complutense de Madrid<sup>131</sup>. Finalmente em 1989 recebe o mesmo título de Doutor Honoris Causa na Universidade da Sorbonne”<sup>132</sup>.

Insigne “confrade das Academias das Ciências Bordéus por volta do ano de 1962”<sup>133</sup>, membro da Academia Nazionale del Linzi de Roma em 1976, e por último em Lisboa mas com data inserta [198-]”<sup>134</sup>.

Em 1987 foi agraciado como o Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago de Espada, tendo sido anteriormente Chevalier de la Légion d’Honneur em França<sup>135</sup>.

Prosseguindo com a mesma análise, o insigne investigador recebeu o prémio Abílio Lopes do Rego em 1958, pelo seu livro “A Ilha do Fogo e Suas Erupções”, Lisboa 1954 e 1960<sup>136</sup>. Em 1971 a Academia Nazionale dei Lincei atribui-lhe o Prémio Roberto Almagià e a Secretaria de Estado da Informação e Turismo o Prémio Nacional de Ensaio. Director da VELBC<sup>137</sup>.

---

<sup>126</sup> MEDEIROS, Carlos Alberto – “Um marco indelével na Geografia Portuguesa”, Revista “Ler História”, - Críticas e Debates – Nº 13, 1988, p. 134.

<sup>127</sup> RIBEIRO, Orlando – *A Universidade em Crise*, Edições Cosmos, Lisboa, 1976, p.129.

<sup>128</sup> Suzanne Daveau viúva de Orlando Ribeiro, confirmou a pedido nosso, realizado em 19 de Maio de 2009 via correio electrónico.

<sup>129</sup> Idem, Ibidem, realizado a 19 de Maio de 2009 via correio electrónico.

<sup>130</sup> GASPAR, Jorge – “Orlando Ribeiro”, Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia. Centro de Estudos Geográficos, XXXIII, 65,1998, p. 4.

<sup>131</sup> GARCIA, João Carlos - “Orlando Ribeiro (1911-1997) o Mundo à sua procura”, Revista da Faculdade de Letras, Geografia, I série, vol. XIV, Porto, 1998, p. 115.

<sup>132</sup> GASPAR, Jorge - “Orlando Ribeiro”, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, XXXIII, nº 65,1998, p. 4.

<sup>133</sup> Suzanne Daveau viúva de Orlando Ribeiro, confirmou a pedido nosso, realizado em 19 de Maio de 2009 via correio electrónico

<sup>134</sup> Idem, Ibidem, realizado em 19 de Maio de 2009 via correio electrónico.

<sup>135</sup> Suzanne Daveau viúva de Orlando Ribeiro, confirmou a pedido nosso, realizado em 19 de Maio de 2009 via correio electrónico.

<sup>136</sup> RIBEIRO, Orlando - *VERBO - Enciclopédica Luso-Brasileira de Cultura*, nº 16 - Editorial Verbo, Lisboa, 1974, pp. 575-576.

<sup>137</sup> Idem, Ibidem, 1974, pp. 575-576.



Pertenceu às Sociedades de Geografia de Lisboa (1929); Cuba (1950); Italiana em (1976) e também a de Paris<sup>138</sup>.

Orlando Ribeiro participou em congressos e reuniões científicas internacionais, em cursos de iniciação científica nas Universidades de Saragoça e do Rio de Janeiro, foi professor «visitante» no Colégio de França, na Universidade Laval, de Québec, e nas Universidades do Ceará e da Bahia e foi ainda Professor na Sorbonne<sup>139</sup>.

Como Professor, passou por universidades francesas, brasileiras, espanholas e canadianas. Por isso reconhecemos que “a sua preparação científica de base fá-lo percorrer caminhos e áreas diversas”, como foi o caso das matérias sobre “a História, a Geologia, a Etnologia e a Geografia”<sup>140</sup>.

A última lição de Orlando Ribeiro foi proferida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que decorreu no dia 16 Fevereiro de 1981<sup>141</sup>, ano da sua jubilação.

Note-se que embora jubilado o geógrafo continuou com as suas pesquisas e consequentemente permaneceu com as edições das suas obras. De realçar por esse facto do artigo sobre a “Colonização de Angola e o seu Fracasso” em 1981 e da 6ª edição da publicação “Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico”, divulgado em 1990.

---

<sup>138</sup> Suzanne Daveau viúva de Orlando Ribeiro, confirmou a pedido nosso, realizado em 19 de Maio de 2009 via correio electrónico, com data desconhecida.

<sup>139</sup> RIBEIRO, Orlando - “Introduções geográficas à História de Portugal - Estudo Crítico, Coleção Estudos Portugueses”, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1977, [capa do livro, nota descritiva].

<sup>140</sup> OLIVEIRA, António – Crónica – Doutoramento Solene de Orlando Ribeiro e de Santiago Kastner”, Biblos, Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2ª parte da Miscelânea em honra de Fernandes Martins, vol. LX - 1984, p. 550.

<sup>141</sup> AMARAL, Ilídio do – “Homenagem a Orlando Ribeiro”, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, XVI, 31, Lisboa, 1981, pp. 5-14. E RIBEIRO, Orlando - *Memórias de Um Geógrafo*, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 23.

## 2.2. – ORIENTAÇÕES CIENTÍFICAS

No que respeita ao percurso académico de Orlando Ribeiro, durante o seu magistério, orientou e fez parte de diversos júris de Doutoramento<sup>142</sup>. Por isso, a análise que realizamos<sup>143</sup>, é considerada apenas uma amostra do total efectuado pelo referido docente. A amostragem conseguida por nós ao longo da nossa pesquisa, e que prova a dimensão dos conhecimentos, disponibilidade e erudição de Orlando Ribeiro. Note-se que por serem relevantes apresentamos 11 de doutoramento e 13 teses de Licenciatura, teses que tivemos ao nosso alcance. Sabemos que muitos outros temas da área de Geografia foram orientados pelo mencionado geógrafo, sobretudo os que estudaram a partir de 1936, apresentados na Universidade da Sorbonne em Paris, Lisboa e Coimbra<sup>144</sup>.

O autor dirigiu e participou na orientação de dissertações de doutoramento e de licenciaturas editadas pelo Instituto de Alta Cultura e pelo Centro de Estudos Geográficos em Lisboa.

## 2.3. – A VIDA EM COIMBRA E LISBOA

Em 1940 as ligações entre Paris e Lisboa tornaram-se mais difíceis. Por esse motivo Orlando Ribeiro abandona aquela cidade em 1941 e, conseqüentemente, o Instituto Português da Sorbonne; “regressa a Portugal, duas semanas antes da ocupação da França pelos Alemães”<sup>145</sup>, ingressando como professor extraordinário na Faculdade de Letras de Coimbra<sup>146</sup>, pelo período de dois anos. Nesta universidade ensinavam grandes nomes das letras e figuras marcantes em áreas do seu interesse mantendo com elas intenso convívio.

Alfredo Fernandes Martins geógrafo, doutorou-se em 1949, com o estudo: “Maciço Calcário Estremenho: “Contribuição para um Estudo de Geografia Física” dedicando-se sobretudo ao estudo da observação das formas dos terrenos e ao estudo do clima e as suas características relacionado com os ventos<sup>147</sup>.

Na mesma Universidade reencontra Pierre David, a 30 de Março de 1941 chega a Coimbra um sacerdote francês, que, a pedido do Instituto Francês em Portugal, fora enviado

---

<sup>142</sup> Suzanne Daveau viúva de Orlando Ribeiro, confirmou a pedido nosso, realizado em 11 de Fevereiro de 2009 via correio electrónico. E como comprovam as teses por nós consultadas e apresentadas.

<sup>143</sup> Cf. (Anexo – 4).

<sup>144</sup> Cf. (Anexo – 4).

<sup>145</sup> Os seus companheiros enquanto da sua permanência em Paris, afluíram de todas as partes do mundo: investigadores vinham da Inglaterra, da Bélgica, de Portugal, do Egipto, da Roménia, da Grécia, da Pérsia, da Jugoslávia, da Bulgária e do Canada...<sup>145</sup>

<sup>146</sup> RIBEIRO, Orlando – *Dicionário de História do Estado Novo*, Direcção de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, Vol. II, M-Z, Bertrand Editora, Venda-nova, 1996, p. 845.

<sup>147</sup> MARTINS, Alfredo Fernandes – *Maciço Calcário Estremenho – Contribuição para um Estudo de Geografia Física*, (Dissertação de Doutoramento em Geografia, apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra, 1949, p. 19.

pelo seu Governo para reger a disciplina de Literatura Provençal na Faculdade de Letras<sup>148</sup>. Como investigador dedica-se ao estudo da “história eclesiástica, mas também à nossa história política, esclarecendo de uma maneira impressionantemente viva alguns aspectos fundamentais da formação da nacionalidade portuguesa (...) a História vive de comparações e de paralelos”<sup>149</sup>, acreditando que os factos e os monumentos portugueses podiam ser proveitosamente estudados à luz projectada pelos factos e monumentos dos outros países da Cristandade medieval tanto mais que «o método e as ferramentas da História são os mesmos nas margens do Mondego, nas do Tibre ou do Vístula»<sup>150</sup>. Além do curso de Literatura Provençal, regeu mais dois de História sendo um sobre “As Escolas e o Ensino na Idade Média” e outro sobre “A Liturgia e As Instituições Eclesiásticas”<sup>151</sup>.

Paiva Boléo, licenciou-se em 1929 em Filologia Românica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Esteve em Hamburgo entre (1929-1935). Doutorou-se em 1937, foi contratado pela mesma Faculdade como Prof. Extraordinário e mais tarde em 1949, nomeado Prof. Catedrático com distinção. No que respeita ao ensino, regeu as cadeiras de Linguística, Português, sendo considerado um dos mais importantes linguistas portugueses do século XX. Foi secretário de redacção do Boletim de Filologia entre 1935-1938 e de Biblos entre 1939-1949. Fundou em 1947 e dirige a Revista Portuguesa de Filologia<sup>152</sup>.

Joaquim de Carvalho, professor de História Filosófica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 1916 escreve: “António de Gouveia e o Platonismo da Renascença; “A Cultura Portuguesa”, em 4 vols., no período entre 1947 e 1955. Foi administrador entre 1921 e 1935 da Imprensa da Universidade de Coimbra. Promoveu ainda a edição das colecções: “Biblioteca dos Escritores Portugueses; Scriptorum lusitanarum; Subsídios para a História da Arte Portuguesa e ainda “Filosofia e Moralistas”. Director da Revista da Universidade de Coimbra da colecção Inédita da Rediviva. Foi membro do Instituto Internacional de Filosofia<sup>153</sup>.

Vergílio Correia Pinto da Fonseca, historiador de arte, arqueólogo e etnógrafo. Concluiu a sua formatura a 19 de Outubro de 1911. Foi nomeado subdelegado do procurador da República durante um período de 6 meses. Em Agosto de 1912 foi nomeado conservador do Museu Etnológico Português e em 1915 passou a exercer as mesmas funções no Museu de Arte Antiga. Nomeado pelo Conselho da Faculdade de Letras de Coimbra em Julho de 1921, Prof. da cadeira de Estética e História de Arte sendo-lhe impostas as insígnias doutorais a 30 de Abril de 1933. Publicou alguns estudos em El Neolítico de Pavia (Madrid, 1921). Na área de História de Arte publicou o seu primeiro estudo sobre “A Igreja de Lourosa

---

<sup>148</sup> COSTA, Avelino de Jesus da (Pe.) – “Prof. Cónego Pierre David – Trabalhos inéditos e bibliografia”, Revista Portuguesa de História, Tomo VI, Homenagem ao Prof. Pierre David, Volume I. Coimbra, 1955, p. LI.

<sup>149</sup> SOARES, Torquato de Sousa – “Prof. Doutor Pierre David, Revista Portuguesa de História. Tomo VI, Homenagem ao Prof. Pierre David, vol. I, Coimbra, 1955, p. V.

<sup>150</sup> Idem, Ibidem, Coimbra, 1955, p. VII.

<sup>151</sup> Idem, Ibidem, Coimbra, 1955, p. VIII.

<sup>152</sup> VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – “Paiva Bóleo”, vol. 3, Editorial Verbo, Lisboa, 1965, p. 1531.

<sup>153</sup> VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura - “Joaquim de Carvalho”, vol. 4, Editorial Verbo. Lisboa, 1966, pp.1259-1260.

da Serra da Estrela” em 1912. No período compreendido entre 1938-1944, foi Director do Diário de Coimbra<sup>154</sup>.

Aristides Amorim Girão, Professor Catedrático de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no período compreendido entre 14 de Janeiro de 1944 a 19 de Maio de 1955. Distinguiu-se como Professor e Geógrafo. A nível da sua carreira científica há a considerar duas fases distintas; a 1ª dedicada ao estudo e investigação da Geografia Física. Apresentou a sua tese de doutoramento em 1922 cujo estudo intitulado “Bacia do Vouga, no domínio da investigação da paisagem natural”. Na 2ª fase dedica-se à Geografia Humana. Foi fundador, director e relator principal do boletim do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra, além de se interessar pela História da Arqueologia. Colaborou em várias revistas nacionais e estrangeiras<sup>155</sup>.

Paulo Merêa, jurista e investigador iniciou a sua carreira académica em 1906 na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Após concurso ascendeu à cátedra na referida Faculdade, integrando o 1º Grupo de História do Direito e Legislação Civil Comparada, como Assistente em 1914 e mais tarde como Professor ordinário em 1915. Regeu as cadeiras regeu as cadeiras de Direito Constitucional Comparado, Legislação Civil Comparada, Direito Romano e ainda História do Direito Português. Também mas a título provisório regeu a cadeira de História de Portugal em 1920-1921. Depois de lhe terem conferido o grau de Doutor pediu transferência em 1923 para a Faculdade de Direito de Lisboa. Em 1948 recebe o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade de Coimbra e pela Universidade de Santiago de Compostela em 1950. Foi galardoado em 1971 com o Prémio Nacional de Cultura<sup>156</sup>.

Paulo Manuel Pires Quintela matriculou-se em 1922 em Filologia Germânica na Faculdade de Letras de Coimbra. Em 1926 foi um dos fundadores do Jornal Gente Nova.

De seguida recebe uma bolsa e vai para Berlim entre 1927-1929. Concluiu a sua Licenciatura em 1929 tendo sido convidado como leitor de Português para leccionar na Universidade de Coimbra. Doutorou-se a 21 de Abril de 1947. Entre 1938 e 1968 teve a seu cargo a direcção artística do Teatro de Estudantes da Universidade de Coimbra. Os seus méritos de Germanística foram reconhecidos pelo Instituto Goeth Institut que lhe concede em 1960 a medalha de Prata e em 1973 recebe a de ouro<sup>157</sup>.

Em 1943 Orlando Ribeiro é convidado para leccionar na Faculdade de Arte na Universidade de Lisboa, onde foi Assistente durante algum tempo de António José Saraiva e Vitorino Magalhães Godinho, passando a exercer as funções de Director da Faculdade de

---

<sup>154</sup> VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – “Vergílio Correia Pinto da Fonseca”, vol. 6, Editorial Verbo. Lisboa, 1967, pp.14-15.

<sup>155</sup> VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – “Aristides Amorim Girão”, vol. 9, Editorial Verbo. Lisboa, 1969, p. 548.

<sup>156</sup> VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – “Paulo Merêa”, vol. 13, Editorial Verbo, Lisboa, 1972, pp. 380-381.

<sup>157</sup> VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – “Paulo Manuel Pires Quintela”, vol. 15, Editorial Verbo. Lisboa, 1973, p. 1601.

Letras de Lisboa, em 1961, na mesma ocasião em que Marcello Caetano era Reitor na referida Universidade.

Vitorino Magalhães Godinho, economista historiador, doutorou-se na Sorbonne, recebendo influências históricas através da Escola de Braudel e de Lucien Febvre. Desde 1947 foi responsável pelas pesquisas no Centre National de la Recherche Scientifique. Diplomado em Ciências Económicas e Sociais, pela École des Hautes Études de Paris. Aplicou ao longo da sua carreira científica as doutrinas do positivismo económico à história da expansão portuguesa no Mundo<sup>158</sup>.

António José Saraiva, doutorou-se em 1942, exerceu o cargo de Professor do ensino Secundário e de Assistente da Faculdade de Letras de Lisboa. Colaborou em diversas Revistas e Jornais. Foi galardoado em 1947 com o Prémio da Academia das Ciências por “As Ideias de Eça de Queirós”. Em 1961 foi para o Centre National de la Recherche Scientifique, em Paris, onde se dedicou a estudos sobre a cultura portuguesa seiscentista especialmente sobre o Padre António Vieira. Nos últimos anos tem sido Prof. Universitário em Amesterdão. Tem-se dedicado sobretudo como crítico e historiador da Literatura Portuguesa<sup>159</sup>.

#### 2.4. – DIRECTOR DO CENTRO DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Fundou em Abril de 1943<sup>160</sup>, o Centro de Estudos Geográficos de Lisboa com o apoio do Instituto de Alta Cultura<sup>161</sup>, tendo ocupado o cargo de Director por mais de trinta anos.

Enquanto Director se deve a renovação da tradição dos congressos de Geografia, organizou o XVI Congresso Internacional de Geografia, realizado em Lisboa, de 8 a 15 de Abril em 1949, marcado quando ainda se sentia os efeitos da II Guerra Mundial na maioria dos países europeus, ficou marcado pela presença de 779 participantes que nele se inscreveram e que representavam no seu todo 37 países<sup>162</sup>.

Deste Congresso resultaram 4 volumes de Actas, um volume de resumos das Comunicações e seis livros-guias de excursões além de muitas outras publicações<sup>163</sup>, com este evento resultou um maior prestígio para o Centro de Estudos Geográficos.

Neste mesmo período Orlando Ribeiro foi nomeado para Vice-Presidente da União Geográfica Internacional em 1949, ao mesmo tempo que era indicado para 1º Vice-

---

<sup>158</sup> VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – “Vitorino Magalhães Godinho”, vol. 9, Editorial Verbo. Lisboa, 1969, pp. 663-664.

<sup>159</sup> VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – “António José Saraiva”, vol. 16, Editorial Verbo. Lisboa, 1974, p. 1476.

<sup>160</sup> AMARAL, Ilídio – “Notas e Recensões – Centro de Estudos Geográficos (1943-1973)”, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia. (Centro de Estudos Geográficos), vol. VIII, nº 16, Lisboa, 1973, p. 310.

<sup>161</sup> AMARAL, Ilídio – “Finisterra Uma Revista com Trinta e cinco anos de Prestígio Científico”, Finisterra, XXXVI, 72, 2001, p. 11.

<sup>162</sup> Idem Ibidem, 2001, p. 11.

<sup>163</sup> Idem, Ibidem 2001, p. 12.

Presidente do Congresso realizado em Washington, em 1952, sendo o único representante de Portugal<sup>164</sup>.

No Centro de Estudos Geográficos Orlando Ribeiro contribuiu para a publicação da produção científica que se desenvolveu ao longo do seu percurso. Podemos destacar obras de grande importância de Orlando Ribeiro e N. Cardigos, deram à estampa “Geografia da População de Portugal” em (1946); H. Lautensach, Mariano Feio, publicam “A Bibliografia Geográfica de Portugal” em 1948; Mariano Feio, divulga “A Evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve” em 1952; Raquel Soeiro de Brito escreve sobre “A Ilha de São Miguel” em 1955<sup>165</sup>.

A revista do Centro de Estudos Geográficos intitulada Finisterra mantém-se ainda hoje activa, com assinaturas e permutas com as diversas instituições.

Com o apoio de Orlando Ribeiro muitas dissertações de doutoramento foram publicadas através do Centro de Estudos Geográficos e como investigador, foi muitas vezes solicitado para ensinar em diversas Universidades da Europa e da América, Colégios de renome Internacional como foi o caso do Collège de France<sup>166</sup>.

Tendo sido mais tarde galardoado pelo Governo Francês com a Legião de Honra a sua obra científica na área da Geografia<sup>167</sup>.

Sabemos que “o Centro tem sido local escolhido para o estágio de bolseiros nacionais, de bolseiros brasileiros e de outros países da Europa e da América”<sup>168</sup>. Preparam neste Centro as suas dissertações de doutoramento. O Centro participa em diversos tipos de actividades (Conferências, lições, seminários, excursões, etc.)<sup>169</sup>. Preparou docentes e investigadores dotados de capacidades para investigação científica e que estão espalhados pela Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa; Universidade de Luanda, Universidade de Lourenço Marques, Instituto de Investigação Científica de Angola<sup>170</sup>. O prestígio da referida instituição progrediu com a análise dos “aspectos geográficos dos territórios ultramarinos fora criados pela Junta de Investigações do Ultramar, com bases no Centro de Estudos Geográficos”<sup>171</sup>. Além da numerosa contribuição em revistas e livros nacionais e estrangeiros.

O Centro de Estudos Geográficos oferece a sua colaboração ao estudar problemas de maior importância contribuindo desta forma para o desenvolvimento do País. Em 2009 a referida instituição mantém mais de quatro dezenas de investigadores todos cooperando para o desenvolvimento da informação das suas investigações e por consequência a transmissão através da Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia, ao mesmo tempo que promove a obra legada por Orlando Ribeiro.

---

<sup>164</sup> AMARAL, Ilídio – “*Notas e Recensões – Centro de Estudos Geográficos (1943-1973)*”. Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. VIII, nº 16, Lisboa, 1973, p. 310.

<sup>165</sup> Idem, Ibidem, Lisboa, 1973, p. 311.

<sup>166</sup> Idem, Ibidem, Lisboa, 1973, p. 312.

<sup>167</sup> Idem Ibidem, 1973, p. 312.

<sup>168</sup> Idem Ibidem, 1973, p. 313.

<sup>169</sup> Idem Ibidem, 1973, p. 314.

<sup>170</sup> Idem Ibidem, 1973, p. 314.

<sup>171</sup> Idem Ibidem, 1973, p. 314.

## 2.5. – A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DE ORLANDO RIBEIRO

Ilídio Amaral, ao lembrar Orlando Ribeiro, diz-nos: “indicamos-lhe cerca de 300 títulos (livros, artigos e colaborações de menor tamanho, introduções e prefácios, etc.) publicados desde 1934 até a 1980. (...) Podem ser repartidos por vários domínios, como da Geomorfologia, da Geografia rural, da Geografia da população, da Geografia urbana, da Geografia humana geral e comparada, da Geografia regional, da Geologia, da História, da Etnografia, do Ensino e investigação científica etc.. Devido ao seu carácter interdisciplinar, alguns dos trabalhos são difíceis de atribuir a um domínio único; servem de exemplo as suas magníficas sínteses sobre contactos de culturas e de civilizações. (...) Junta-se a de territórios investigados, em Portugal e nas Ilhas Atlânticas, na Guiné, em Angola e em Moçambique, na Índia, no Brasil, o México e no Perú, no Canadá, na França, na Espanha e outros países europeus. Alguns estão traduzidos em francês, espanhol, italiano, inglês e alemão”<sup>172</sup>

Orlando Ribeiro publicou inúmeros trabalhos científicos, alguns escritos ou traduzidos em várias línguas. As suas obras correspondem a uma concepção unitária da Geografia e inserem-se em métodos de pesquisa que acompanharam grande parte da vida científica.

Essencialmente dedicado ao ensino e investigação em Geografia, Orlando Ribeiro é considerado o renovador desta ciência no Portugal do século XX, e o geógrafo português com grande importância a nível internacional<sup>173</sup>. Verificamos através da sua obra científica que Orlando Ribeiro não se dedicou apenas à Geografia mas também à sua intensa carreira como professor e investigador universitário, revela progressos científicos na Geografia, no que respeita à diversidade de interesses e à sua condição de intelectual.

Foi desde estudante impulsionado por um espírito humanista e no seu entender no que concerne ao factor humano considera-o elemento fulcral à percepção geográfica compreendida como sendo uma síntese de diversas realidades, contribuindo sempre para a renovação da Geografia. O seu estudo não se baseava apenas na Geografia, mas desenvolveu o seu conhecimento sobre a História, a Antropologia, a Etnografia. Esta experiência adquiriu através dos intensos contactos que manteve com o seu Professor David Lopes, e Leite de Vasconcellos, de quem foi discípulo desde a sua adolescência.

A produção científica de Orlando Ribeiro é imensa e muito diversificada. É composta por 400 títulos, enumerados pelas temáticas do espólio documental que o compõem, como se pode observar no (Quadro – 1), que permite uma visão comparativa dos resultados tratados.

---

<sup>172</sup> AMARAL, Ilídio – “Homenagem a Orlando Ribeiro”, Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro, Centro de Estudos Geográficos, 1º vol. Lisboa, 1984, pp. 25-26.

<sup>173</sup> Cf. AAAVVV - <http://www.orlando-ribeiro.info/home.htm>

Quadro - 1: A produção científica de Orlando Ribeiro segundo as temáticas abordadas (artigos e monografias)

TEMÁTICAS	Nº DE EDIÇÕES	%
Antropologia	1	0,25%
Biografia	1	0,25%
Biologia	1	0,25%
Botânica	2	0,50%
Economia	2	0,50%
Educação	61	15,25%
Etnografia	27	6,75%
Filologia	1	0,25%
Geografia	209	52,25%
Geologia	29	7,25%
História	53	13,25%
Linguística	4	1,00%
Literatura	6	1,50%
Política	3	0,75%
<b>Total</b>	<b>400</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** A partir de <http://www.orlando-ribeiro.info/bibliografia/bibliografia.pdf> e das nossas pesquisas efectuadas nas Bibliotecas, identificadas na p. 17.

Como podemos verificar, foram dispostas da seguinte forma as temáticas da produção científica de Orlando Ribeiro por ordem alfabética das classes, número de edições e respectivas percentagens.

No referido estudo, constata-se que o predomínio vai para a Geografia com 209 artigos, com uma percentagem de 52,25%, com bastante representatividade está a Educação com 61 artigos e uma percentagem de 15,25%, mas também bastante expressiva a área da História com 53 artigos o que representa em termos percentuais 13,25% do total da produção científica.

Seleccionamos para uma breve síntese a área da Educação por ser a segunda temática dominante. Citamos por esse facto alguns desses temas e analisando quais foram os seus principais objectivos: “Em Torno da Universidade e da Investigação Científica”, editado em Lourenço Marques em 1963, na qual trata de problemas humanos, programas e objectivos das Universidades de hoje. Orlando Ribeiro considera também relevante o papel do investigador; segue-se “Problemas da Universidade”, publicado em Lisboa, em 1964, os temas dominantes são problema da carreira docente e científica, os níveis de ensino e a impreparação dos estudantes; em 1965 traz a lume a “Presença do Brasil na Universidade de Lisboa”, falando da falta de instalações de acolhimento à semelhança das existentes noutros



países, aquando da presença dos estudantes, docentes e investigadores brasileiros em Lisboa; no artigo “A Universidade em Crise”, publicado pelo jornal ‘A Capital’ em Lisboa no ano de 1968, Orlando Ribeiro refere sobretudo aspectos importantes para uma reforma do ensino superior. Citamos outro estudo “A Demissão do Ministro. Colapso da Universidade”, divulgado pelo ‘Diário de Notícias’ em 1974, sobre este estudo o autor trata da situação crítica na Universidade após o 25 de Abril; note-se o artigo sobre “Descolonização, Ensino e Ciência”, anunciado no ‘Diário de Notícias’, no ano de 1974 em Lisboa, fala da emancipação progressiva do ultramar e do desenvolvimento da educação e da pesquisa científica fomentada nos últimos anos; ainda no mesmo ano surge “As novas Universidades e a sua Localização”, editado no ‘Diário de Notícias’ em Lisboa, neste tema explica a importância da localização das Universidades e os seus reflexos regionais; seguindo-se “Perfil de um Ministro”, publicado ainda em 1974 no ‘Diário de Notícias’, à época era então Ministro da Educação José Veiga Simão, onde foram tratadas as medidas sobre o ensino, as comissões de estudos e ainda o aparecimento de novas escolas; também “Reflexões sobre o Ensino das Ciências Humanas” foram objecto de estudo de Orlando Ribeiro, publicado na ‘Seara Nova’ em 1974; no “Problema Fundamental da Universidade”, publicado em 1975, no ‘Diário de Notícias’, em Lisboa, o geógrafo chama a atenção para o espírito da Universidade, ou seja para a relação humana existente entre docentes e discentes; note-se também a “Universidade Selectiva”, editado no ‘Diário de Lisboa’ em 1975, este estudo reflecte sobre a impreparação dos alunos do ensino secundário; em 1976 Orlando Ribeiro retomaria o tema da “Universidade em Crise”, editado por ‘O Ponto das Questões’, neste estudo desenvolve temas da subversão dos quadros docentes e sobre a organização dos estudos superiores de Ciências Sociais; Orlando Ribeiro divulga outro estudo sobre “A Universidade e a criação Científica”, editado no ‘Diário de Notícias’ em 1979, com o objectivo de tratar de assuntos relevantes no tocante aos domínios do ensino e investigação científica; cita-se ainda outro tema em 1980, sobre “Universidades sem Professores”, anunciado no ‘Diário de Notícias’, em Lisboa, neste artigo comenta assuntos relevantes sobre a sua longa experiência e ainda sobre a reforma do ensino superior quanto aos estatutos que necessitam de ser repensados.

Além das suas obras e artigos publicados existem, ainda, as muitas viagens de trabalho sejam como professor, ou como investigador universitário, tema de que vamos desenvolver mais à frente.

Acerca da “orientação do desenvolvimento científico em Portugal”, Orlando Ribeiro escreveu em 1966, no Diário de Lisboa, comentando a importância da investigação fundamental; a sistematização do saber humano; os equipamentos científicos. A natureza “regional” da investigação científica em sectores do conhecimento, assim como o estudo das relações da investigação fundamental com a investigação aplicada aos campos da tecnologia<sup>174</sup>.

---

<sup>174</sup> RIBEIRO, Orlando - “Orientação do Desenvolvimento Científico em Portugal”, Diário de Notícias, 1966, p. 109-119. (veio a ser publicado em 1970, com o tema “Variações sobre Temas de Ciência).

Ainda sobre a sua produção científica, após análise efectuada, podemos apresentá-la segundo os mais diversos formatos de publicação. No nosso estudo, agrupamos as diversas temáticas seguidamente dissociamos em artigos, livros, miscelâneas, opiniões de jornais e outras publicações<sup>175</sup>, como se pode observar no (Quadro - 2).

### 2.5.1. - A produção científica de Orlando Ribeiro segundo as temáticas abordadas e a natureza da publicação

(Quadro – 2)

<b>FORMATOS</b>	<b>Artigos</b>	<b>Livros</b>	<b>Miscelâneas</b>	<b>Opiniões de Jornais</b>	<b>Outras Publicações (*)<sup>176</sup></b>	<b>Total</b>
<b>TEMÁTICAS</b>						
Antropologia	1	-	-	-	-	1
Biografia	-	-	-	1	-	1
Biologia	1	-	-	-	-	1
Botânica	2	-	-	-	-	2
Economia	2	-	-	-	-	2
Educação	25	11	3	21	1	61
Etnografia	11	2	-	3	11	27
Filologia	1	-	-	-	-	1
Geografia	155	41	-	6	7	209
Geologia	26	3	-	-	-	29
História	33	13	-	5	2	53
Linguística	3	-	-	1	-	4
Literatura	3	1	-	2	-	6
Política	2	-	-	1	-	3
<b>Total</b>	<b>265</b>	<b>71</b>	<b>3</b>	<b>40</b>	<b>21</b>	<b>400</b>

**Fonte:** Site da Internet de Orlando Ribeiro: <http://www.orlando-ribeiro.info/bibliografia/bibliografia.pdf> e pesquisas efectuada nas Bibliotecas, citado em notas na p.17).

Quando observarmos o site da Internet<sup>177</sup>, deparamos com o facto da bibliografia conter menos artigos, que os publicados. Após breve análise fomos encontrar nos números (150 a 152), da listagem apresentada, três temas agregados no Dicionário de Portugal

<sup>175</sup>

<sup>176</sup> (\*) Estão incluídos neste formato: Cartas, (Críticas), Citações, Conferências, Mapas, Notas Explicativas, Prefácios e Recensões.

<sup>177</sup> Cf. AAUVV - <http://www.orlando-ribeiro.info/bibliografia/index.htm>

(dirigido por Joel Serrão), com o título “Agricultura” para o primeiro título, “Aldeia” para o segundo e “Cidade” para o terceiro. Também encontramos quatro artigos considerados inéditos, no número referenciado pelo 214. Assim, a produção de Orlando Ribeiro incorpora segundo a nossa contagem, 400 títulos na sua totalidade.

## 2.6. – ESTUDOS DE CAMPO EFECTUADOS POR ORLANDO RIBEIRO NO PERÍODO ENTRE (1932-1985)

“Corri a Cordilheira Central de ponta a ponta e os planaltos castelhanos que por ambos os lados a enquadram, as finisterras da Galiza, das Astúrias e da Bretanha, os Pirenéus e seus sopés, as vinhas da Aquitânia, a planície da Alsácia, o Jura, os Alpes ocidentais e o Mittelland, onde palpita o coração rural, urbano e industrial da Suíça, a Inglaterra industrial do Black Country e rural dos confins do País de Gales, as cidades da Flandres, os polders da Holanda, as planícies, montanhas, minas, velhas e novas indústrias da Suécia central”<sup>178</sup>.

Orlando Ribeiro nunca sentiu contradição alguma na sua «dupla formação e vocação de naturalista e de historiador»<sup>179</sup>.

Em França, as suas raízes são múltiplas e compreendem a literatura e a geologia. Salientam-se Vidal de la Blache na área da Geografia Humana, Albert Demangeon e Emmanuel de Martonne, de quem se torna discípulo na área da Geografia. Mais tarde conheceu Pierre Gourou, com quem aprende a entender os grandes traços do relevo português e as raízes históricas da paisagem humanizada, em suma, as grandes relações entre as civilizações.

Adquiriu experiências dos geógrafos Alexandre von Humboldt, e de H. Lautensach, alemães, por volta dos anos 40. Foi com estes investigadores que nos seus primeiros anos como Professor e investigador atingiu métodos, analisou hipóteses e ao mesmo tempo orientou a ciência geográfica noutras regiões.

Quando falamos das viagens de Orlando Ribeiro, temos de associar, também, os resultados dessas mesmas investigações e conseqüentemente a sua vocação literária. Nas suas viagens relacionadas com o trabalho de campo, conheceu ao longo do Mediterrâneo o Egipto, passou pelo Assuão, visitou o Epiro, Itália, Marrocos, as Baleares, Espanha e França. Destas últimas, resulta o livro: “O Mediterrâneo. Ambiente e Tradição”<sup>180</sup>, podendo enquadrar melhor a geografia portuguesa. No entanto, Orlando Ribeiro alargou afinal mais os seus horizontes ao estudar ainda regiões e outros países por toda a Europa. E comenta ainda:

“Se o primeiro passo de qualquer aprendizado científico é a cuidadosa acumulação de materiais - e nunca é demais recomendar ao principiante

<sup>178</sup> RIBEIRO, Orlando – “*Memórias de Um Geógrafo*”. Apresentação de João Carlos Garcia. Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 109.

<sup>179</sup> DAVEAU, Suzanne – “*Opúsculos Geográficos – Orlando Ribeiro – III Volume, Aspectos da Natureza*”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 8.

<sup>180</sup> RIBEIRO, Orlando – “*Mediterrâneo. Ambiente e Tradição*”, 2ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 323.

aplicação, entusiasmo e humildade nesta tarefa de pouco brilho – segue-se a este trabalho limiar a arquitectura do edifício: para o delinear é preciso aprender a ver largo. Essa visão só se adquire viajando muito, notando particularidades locais e comparando analogias distantes, ganhando, o treino de observar rapidamente e o golpe da vista que permite, ao primeiro contacto, notar o que há de típico nos lugares e nos modos de vida humanos”<sup>181</sup>.

Através das mencionadas regiões e pela diversidade de territórios europeus, reuniu material de investigação para desenvolver o seu novo trabalho sobre “Introdução ao Estudo da Geografia Regional”<sup>182</sup>. Sobre esta característica de Orlando Ribeiro, Maria de Lurdes Belchior afirma:

“Andarilho, viajante de uma insaciável curiosidade, correu mundo e deu sempre notícia das suas andanças e das suas meditações de cientista. Obras como: L’ aménagement du territoire en Afrique Occidentale (1955), A Ilha do Fogo e as suas erupções (2ª edição (1961), S. Paulo, metrópole do Brasil (1955), Veneza (1966) são prova da sua atenção ao mundo que contemplava”<sup>183</sup>.

Orlando Ribeiro percorreu Portugal em companhia dos mais variados investigadores, como foi o caso de A. Fernandes Martins e principalmente, Mariano Feio, estudiosos das mesmas andanças, mantendo com estes estreita colaboração.

Mas em Espanha, também realiza as suas investigações na companhia de Eduardo e Francisco Hernández-Pacheco, Sole Sabaris de entre outros<sup>184</sup>.

Nestas viagens manteve a colaboração com H. Lautensach criador em 1928 da Geomorfologia em Portugal, Pierre Birot, e Emmanuel de Martonne considerados inspiradores de Orlando Ribeiro. Foram os colegas com os quais percorreu algumas regiões portuguesas com finalidades científicas.

Ainda sobre este assunto diz-nos Orlando Ribeiro:

“Viajei em Espanha, França, Bélgica e Holanda: visitei [todas] as nossas ilhas atlânticas excepto os Açores, a Guiné e Angola”...”visitei minas profundas e potentes instalações da indústria metalúrgica, voei sobre uma grande capital europeia onde vivi quatro anos”. “Percorri montanhas pastoris e velhas aldeias convivendo com gente rural, dormindo e comendo com eles; estive no interior de uma tabanca na Guiné, onde falei com um [feiticeiro] chefe ou homem grande”<sup>185</sup>.

Parece por isso ser proveitosa a contribuição dos trabalhos de campo para se conhecer melhor os objectos geográficos e aquilo que os tematiza. Os itinerários e os cadernos utilizados nas suas viagens são parte integrante da literatura científica de trabalhos de campo. Na tentativa de aprender e melhor conhecimento de todos sobre o mundo. Sobretudo por ficarmos a conhecer territórios que integram paisagens quer físicas quer humanas distintas. Deste modo, pela riqueza de informação e descrição das viagens de

<sup>181</sup> RIBEIRO, Orlando – “Introdução ao Estudo da Geografia Regional”, Edição policopiada, 1962, p.7. (Este tema seria desenvolvido e publicado em “Variações sobre Temas de Ciência”, em Lisboa, 1970, com 269 p).

<sup>182</sup> Idem, Ibidem, 1962, p. 40.

<sup>183</sup> BELCHIOR, Maria de Lourdes – “Orlando Ribeiro um Mestre - Um Geógrafo Humanista”. Jornal de Letras e Ideias, Março de 1995, p. 40.

<sup>184</sup> DAVEAU, Suzanne - *Opúsculos Geográficos - Orlando Ribeiro - III Volume, Aspectos da Natureza*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 9-10.

<sup>185</sup> RIBEIRO, Orlando - Propósitos e Projectos da Minha Carreira de Geógrafo. *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, nº 85, Lisboa 2008, p. 102.

campo que também possui para a Geografia foi importante pela exposição de lugares que eram menos conhecidos mas também pela própria interpretação que Orlando Ribeiro dava as descrições dos lugares e regiões por onde passou. A colecção de Cadernos de Campo de Orlando Ribeiro, é composta por 63 unidades e cada caderno, para sua identificação contém na lombada a sigla do autor (OR) de seguida o nome do país/cidade/local da investigação e o ano em que foi realizada essa pesquisa. Segundo Suzanne Daveau esta colecção é considerada “a parte mais valiosa de todo o Espólio, por reunir uma documentação excepcional sobre Portugal e numerosos outros países”<sup>186</sup>.

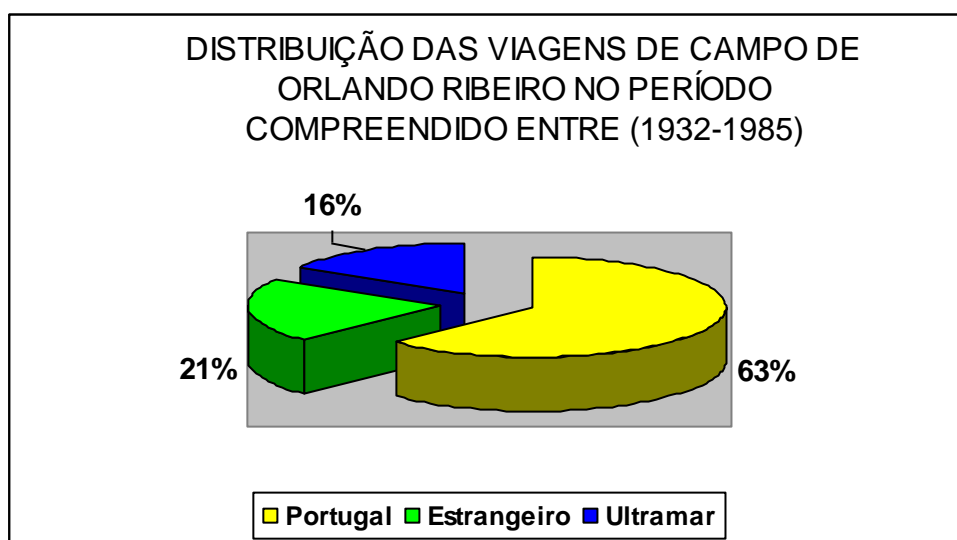
---

<sup>186</sup> DAVEAU, Suzanne - “O Espólio Científico de Orlando Ribeiro”. Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia - Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, nº 85, Lisboa, 2008, p. 134.

### 2.6.1. – Estudos de Campo efectuados por Orlando Ribeiro em Portugal no Estrangeiro e no Ultramar em função do ano e respectiva frequência entre (1932-1985)

Sendo difícil de caracterizar na sua totalidade os trabalhos de campo no quadro do presente trabalho, optou-se por fazer uma breve análise dos mesmos. Do estudo desses documentos podemos alcançar os resultados patentes na Figura 1.

Figura 1:



**Fonte:** A partir de Viagens de Campo, realizadas por Orlando Ribeiro entre (1932-1985 in <http://www.orlando-ribeiro.info/viagens/index.htm><sup>187</sup>.

Como se pode observar na informação disponível no sítio da internet os trabalhos de campo tiveram início em 1932 e prolongaram-se até 1985. As viagens de campo repartiram-se por cidades e países em Portugal, no Estrangeiro e no antigo Ultramar. Podemos concluir com estes resultados que em média foi nas regiões Portuguesas que Orlando Ribeiro efectuou um maior número de estudos de campo, segundo o (anexo - 5).

Refira-se que a sua primeira deslocação ao Estrangeiro ocorreu no ano de 1937 tendo efectuado duas visitas no mesmo ano, em relação à última viagem ela aconteceu em 1985. Quanto aos trabalhos de campo ao Ultramar, tiveram início no ano de 1947 com duas viagens. A última jornada sucedeu em 1985 apenas com uma saída. Note-se que terá sido na década de sessenta que se assinalou um maior número de deslocações ao Ultramar.

Em Portugal foi mais evidente a quantidade de viagens que Orlando Ribeiro efectuou, pelas investigações que essas jornadas proporcionaram e pelos trabalhos que realizou motivadas por essas mesmas pesquisas. No nosso continente as viagens tiveram início no ano de 1932 e prolongaram-se até ao ano de 1975.

<sup>187</sup> A partir de Viagens de Campo, realizadas por Orlando Ribeiro entre (1932-1985).

Sobre as viagens que realizava para os trabalhos de campo o autor comenta:

“Este livro de síntese, muito mais vasto pelo assunto do que o próprio título indica, porque constitui não só uma interpretação muito pessoal de toda a etnografia africana como ainda uma morfologia geral da civilização humana. Pois, bem. Este livro largamente concebido e delineado dum maneira ampla, assenta em muitos anos de trabalho de campo, em longas e minuciosas pesquisas monográficas, numa experiência que este grande investigador obteve através de muito tempo e de muitos itinerários no continente africano”.

“As condições de trabalho de campo parece-me serem a liberdade, a mobilidade, um âmbito delimitado com largueza suficiente para que seja possível ao investigador modificá-lo quando lhe parecer necessário, procurando adaptá-lo ao local à época e à duração do tempo das pesquisas”. “Creio que o objectivo fundamental dum organismo coordenador da investigação colonial é promover o trabalho nas colónias”<sup>188</sup>.

Para Orlando Ribeiro, o trabalho de campo é a base de toda e qualquer investigação geográfica<sup>189</sup>. Usava sempre uns pequenos cadernos rectangulares, de papel quadriculado, com capa de cartão e lombada na parte mais estreita, que se guardavam facilmente no bolso<sup>190</sup>.

“Anotava o que ia vendo, fazia esquemas, esboços e desenhos, transcrevia as informações obtidas através de inquéritos diversos, referenciava as fotografias que ia tirando ao longo do dia, enumerava em curtas frases dúvidas, sugestões, a necessidade de complementar observações num ou noutro local. No fim do dia de trabalho, relia as suas notas, acrescentava apontamentos que faltava”<sup>191</sup>.

Note-se que era fundamental para Orlando Ribeiro sempre que questionava alguém nas suas pesquisas de campo elas surgiam naturalmente, primeiro começava por reunir elementos sobre uma freguesia, embora entre o período compreendido de 1938 e 1947, existissem determinadas carências no que respeita a dados estatísticos<sup>192</sup>. Eram basilares possuir informações concretas no âmbito da economia da população ou mesmo sobre o clima de determinado local.

Podemos observar o resultado da análise<sup>193</sup>, efectuada com os respectivos locais sobre os trabalhos de campo, e observar o número de vezes que Orlando Ribeiro se deslocou a cada região. Nesse estudo foram identificadas 128 viagens. Note-se que esses trabalhos foram dispostos primeiro por Continentes e nestes estão incluídos África, América Latina, América do Norte, Ásia e Europa. Em segundo surgem os países como: Angola, Cabo Verde, Guiné, Marrocos, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Brasil, México, Estados Unidos, Índia, Bélgica, Espanha, França, Portugal e Suíça. Os restantes locais foram distribuídos por regiões quando significavam espaços delimitados e locais quando designavam sítios com menor precisão<sup>194</sup>.

---

<sup>188</sup> RIBEIRO, Orlando - “Problemas da Investigação Científica Colonial”, Lisboa 1950, p. 8.

<sup>189</sup> MEDEIROS, Carlos Alberto - “A Geografia no Sentir de Orlando Ribeiro”, Centro de Estudos Geográficos, Departamento do Ensino Secundário – Ministério da Educação, 1998, p. 29.

<sup>190</sup> Idem, *Ibidem*, 1998, p. 29.

<sup>191</sup> Idem, *Ibidem*, 1998, p. 29.

<sup>192</sup> Idem, *Ibidem*, 1998, p. 31.

<sup>193</sup> Cf. (Anexo – 6).

<sup>194</sup> Cf. (Anexo – 6).

É importante referir que aparecem 28 locais não identificados. Sabe-se apenas que no caso de Portugal surge com 21 locais, Espanha aparece com 5, por sua vez África surge no mencionado estudo com 2 locais não reconhecidos.

É de realçar que para uma visão mais consistente da análise efectuada seria necessário consultar todos os “Cadernos de Campo” do espólio de Orlando Ribeiro que no momento não se encontram disponíveis para consulta, por esse motivo e perante os dados apresentados, se conclui que o número real será de 156 viagens no seu total<sup>195</sup>. São muitos os Cadernos de Campo, num total de 63 como já tive ocasião de referir e de estimável valor.

### 2.6.2. – Distribuição dos Locais de Estudo de Orlando Ribeiro em Função das Regiões, Países e o papel da cartografia relativo às Viagens de Campo realizadas por Orlando Ribeiro

Em consequência deste estudo foi elaborado uma representação cartográfica considerada uma expressão gráfica que pode ser concebida como uma linguagem, sendo um meio fundamental empregue pelo Homem para registar e participar as suas análises e reflexões.

Observa-se por isso no (mapa 1), as regiões e os países, locais de trabalho de campo onde Orlando Ribeiro efectuou as suas grandiosas pesquisas científicas.

A cartografia é considerada como meio de armazenar informação, e tem a função de permitir destacar a relação existente entre diferentes fenómenos, facilita ainda a transmissão do conhecimento e por outro lado distingue as vantagens da representação gráfica como linguagem<sup>196</sup>.

Como se pode depreender, o estudo apresentado ficará mais enriquecido com o tratamento da informação geográfica o qual implica análise, comparação e simplificação.

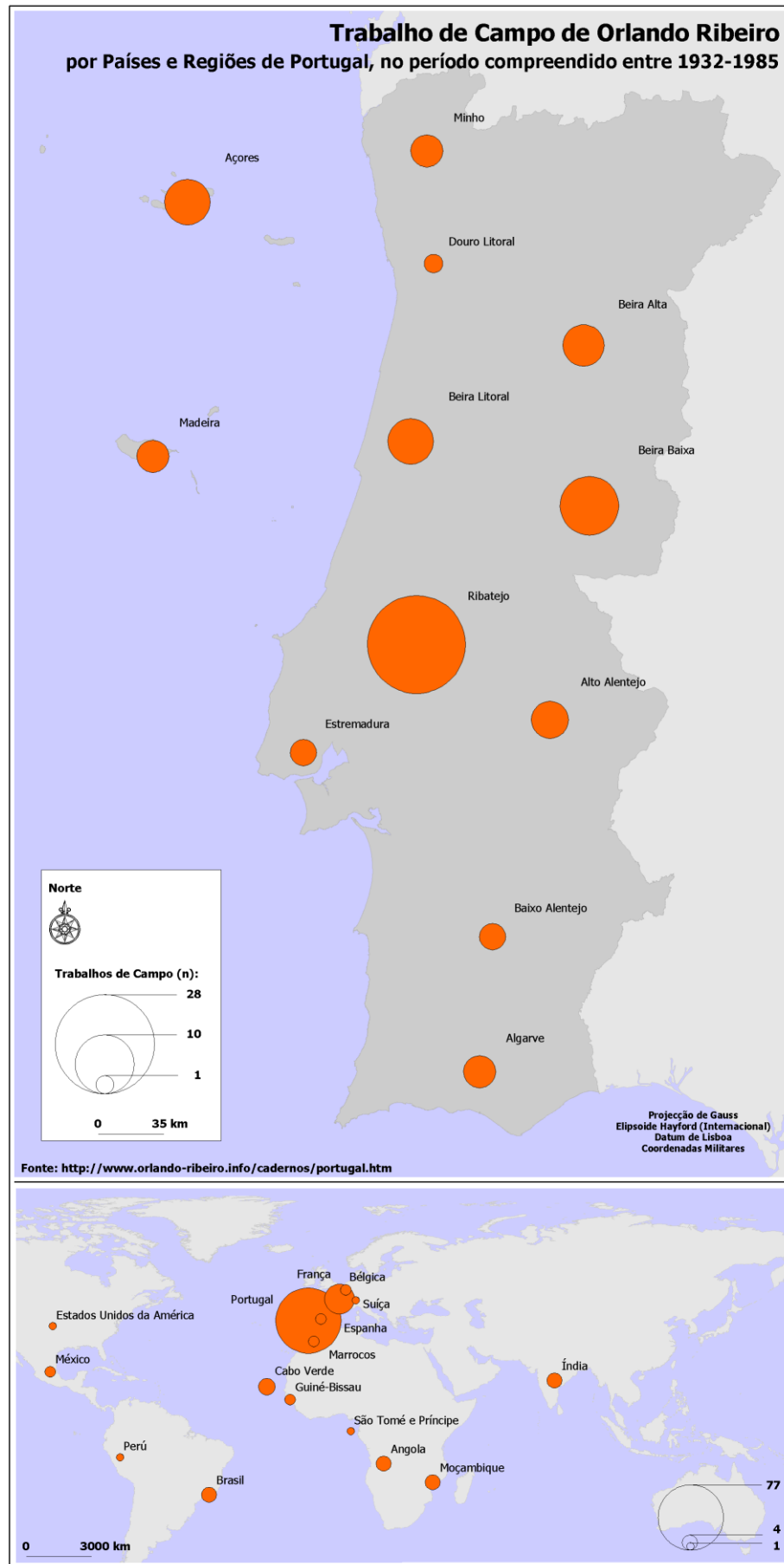
---

<sup>195</sup> Cf. AAAVVV - <http://www.orlando-ribeiro.info/cadernos/portugal.htm>

<sup>196</sup> PIMENTEL, M<sup>a</sup> Amália e FERNANDES, M<sup>a</sup>. Isabel – “Geografia”, Porto Editora, Lda., 1985, p. 234.



Mapa – 1: Representação Cartográfica dos Locais de Trabalho de Campo de Orlando Ribeiro



Fonte: A partir de <http://www.orlando-ribeiro.info/cadernos/portugal.htm>

Quadro – 3: Distribuição dos Locais de Trabalho de Campo de Orlando Ribeiro em função das Regiões

DISTRIBUIÇÃO DOS LOCAIS EM FUNÇÃO DAS REGIÕES		
REGIÕES	NÚMERO	%
<b>Portugal Continental</b>		
Minho	3	3,90%
Douro Litoral	1	1,30%
Trás-os-Montes	4	5,19%
Beira Alta	5	6,49%
Beira Baixa	10	12,99%
Beira Litoral	6	7,79%
Estremadura	2	2,60%
Ribatejo	28	36,36%
Alto Alentejo	4	5,19%
Baixo Alentejo	2	2,60%
Algarve	3	3,90%
<b>Portugal Insular</b>		0,00%
Açores	6	7,79%
Madeira	3	3,90%
<b>Total</b>	<b>77</b>	<b>100%</b>

Fonte: A partir de <http://www.orlando-ribeiro.info/cadernos/portugal.htm>

No estudo efectuado sobre a distribuição dos locais de trabalho de campo por regiões em Portugal<sup>197</sup>, os valores mais representativos são visíveis na região do Ribatejo seguindo-se a região da Beira Baixa. Mas observando o quadro - 4, no que diz respeito à análise por países verifica-se que em Portugal foi local privilegiado pelas suas pesquisas científicas seguido da França local onde também estudou e passou grande parte da sua juventude. No seguimento da mesma análise, podemos concluir, que Orlando Ribeiro se deslocou 22 vezes para trabalhos de campo ao antigo ultramar.

<sup>197</sup> Cf. (Anexo – 3).

Quadro – 4: Distribuição dos Locais de Trabalho de Campo de Orlando Ribeiro em função dos Países

DISTRIBUIÇÃO DOS LOCAIS EM FUNÇÃO DOS PAÍSES		
PAÍSES	NÚMERO	%
Angola	4	3,13%
Bélgica	2	1,56%
Brasil	4	3,13%
Cabo Verde	5	3,91%
Espanha	2	1,56%
Estados Unidos da América	1	0,78%
França	16	12,50%
Guiné	2	1,56%
Índia	4	3,13%
Marrocos	2	1,56%
México	2	1,56%
Moçambique	4	3,13%
Perú	1	0,78%
Portugal	77	60,16%
S. Tomé e Príncipe	1	0,78%
Suiça	1	0,78%
<b>Total</b>	<b>128</b>	<b>100%</b>

Fonte: A partir de <http://www.orlando-ribeiro.info/cadernos/portugal.htm><sup>198</sup>

<sup>198</sup> Cf. (Anexo – 6).

## 2.7. – A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA DE ORLANDO RIBEIRO

Segundo afirma João Garcia<sup>199</sup>, “ninguém como Orlando Ribeiro cultivou em Portugal a ligação entre a Geografia e a História, pela sua formação, pelos seus interesses”. As raízes das «cidades» na sua obra, temos de as buscar na abandonada carreira de medievista, na vivência directa e intensa dos espaços urbanos, na preocupação permanente da análise dos novos contributos teóricos, no acompanhamento crítico a alunos e discípulos<sup>200</sup>

Para esta análise foi relevante o que escreveu sobre o método histórico Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, referem: “é importante pesquisar suas raízes, para compreender sua natureza e função. Assim, o método histórico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma actual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época<sup>201</sup>”.

Quando se classificava a si mesmo geógrafo dizia que havia de dedicar os últimos tempos da sua vida à “História”.

Para a elaboração da produção historiográfica de Orlando Ribeiro foram efectuadas várias pesquisas bibliográficas, fontes secundárias, que abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses e material cartográfico. O estudo foi apresentado em primeiro lugar por ano seguido do título da publicação, contendo cada denominação um resumo no tocante a cada título.

### **1934, “Problemas de Geografia Humana”**

Neste ano e no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa Orlando Ribeiro fez uma análise e comenta sobre a ligação da História e Geografia dizendo: “História e Geografia, Homem e Terra, associam-se, ligam-se cada vez mais intimamente. A grande indústria está condicionada pela localização das matérias-primas e em torno destas tece-se uma rede complicada de interesses ligados a autênticas realidades geográficas<sup>202</sup>”. O referido autor explica que a variedade de assuntos tratados na Geografia da História, ao que lhe chama a geografia dos factos históricos totais, políticos, sociais, económicos, passados ou

<sup>199</sup> GARCIA, João Garcia – *As Cidades na Obra de Orlando Ribeiro*, Revista «Penélope, Fazer e Desfazer a História», Edições Cosmos, nº 7, 1992, p. 107.

<sup>200</sup> Idem, *Ibidem*, 1992, p. 107.

<sup>201</sup> LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade – *Fundamentos de Metodologia Científica*, 3ª Edição, Editora Atlas, São Paulo, 1991, pp. 106-107.

<sup>202</sup> RIBEIRO, Orlando – “Problemas de Geografia Humana”, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 52 – N.ºs. 3 e 4, 1934, p. 85.

presentes criada e desenvolvida por J. Brunhes, como que a continuação e expansão lógicas da geografia humana, procuram limitar o que por si mesmo se desenvolve em mil ramificações complicadas<sup>203</sup>.

Continuando desenvolve que “os fenómenos históricos dos grupos humanos, passa pela concepção basilar da Antropogeografia de Ratzel. Note-se que divergindo da orientação de Ratzel, Vidal de La Blache, viu o problema de outra forma: considerou as manifestações geográficas das sociedades humanas nas relações locais com o ambiente, mas é talvez das contingências da história e da pré-história, da longa sedimentação do tempo, que se esclarecem os factos, que se definem os tipos, se desenha a fisionomia dos fenómenos e se lhes apercebe a continuidade e o sentido”<sup>204</sup>.

### **1939, “Ensaio e Notas - Brandas inverneiras e, Castro Laboreiro”**

A povoação de Castro Laboreiro região do concelho de Melgaço, foi local para Orlando Ribeiro desenvolver o seu estudo sobre as produções típicas da Ribeira, tipos de habitação, verificou as causas de isolamento das populações, diz ainda o referido autor que não se sente tanto assim o isolamento das pessoas pelo motivo da emigração. Sobre a migração humana e animal discute o problema da exploração agrícola, explicando o porquê do deslocamento das populações, pelo facto de se deslocarem das planícies e das ribeiras para as pastagens mais elevadas no verão<sup>205</sup>.

### **1939, “Povoamento rural e regimes agrários no Sudeste da Beira”**

Foi feito um estudo sobre alguns concelhos da região das Beiras: Castelo Branco, Idanha-a-Nova e Vila Velha de Ródão. Chama a atenção para a relação existente entre o habitat aglomerado e a cultura de cereais de afolhamento.

Para que os rebanhos pastem livremente, Orlando Ribeiro lembra ainda: “É o chamado sistema de *openfield* que vigorou na Inglaterra, Norte de França. Alemanha, etc., ligado a fortes organizações comunitárias com propriedades e rebanhos pertencentes à aldeia e redistribuição periódica das terras atribuídas a cada cultivador”<sup>206</sup>.

O autor nesta investigação faz uma análise sobre as condições naturais, as formas de povoamento e sistemas agrários e uma vez confrontadas com as novas tecnologias tendem a modificar-se, para sucesso e desenvolvimento da economia. Lembra que a comunidade tradicional coincide muitas vezes com a organização religiosa e administrativa e por esse facto a aldeia é, ao mesmo tempo, freguesia eclesiástica e civil<sup>207</sup>.

---

<sup>203</sup> Idem, *Ibidem*, 1934, p. 89.

<sup>204</sup> RIBEIRO, Orlando – “Problemas de Geografia Humana”, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 52 – N.ºs. 3 e 4, 1934, pp. 89-90.

<sup>205</sup> RIBEIRO, Orlando - “Ensaio e notas - Brandas inverneiras e Castro Laboreiro”, Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, Tomo VI – N.ºs. 1-2, 1939, p. 301.

<sup>206</sup> RIBEIRO, Orlando – “Povoamento Rural e Regimes Agrários no Sudeste da Beira”. Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, Tomo VI – N.ºs. 1-2, Lisboa, 1939, p. 281.

<sup>207</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 1939, p. 287.

### **1942, “O Brasil: A Terra e o Homem”**

Para as questões das divisões administrativas, foi feita uma análise do povoamento do Brasil e sobre elas o autor refere que o domínio era disputado entre os Espanhóis e Franceses. Verificaram porém que o único recurso era a ocupação efectiva. Note-se que a fixação dos colonos no Brasil implicava uma forte organização de trabalho e era pressuposta que a população fosse sustentada através da agricultura<sup>208</sup>.

Recordamos ainda que no que concerne à organização social contavam com a produção do açúcar, tabaco, erva-de-fumo ou erva-santa, o pau-brasil. Todos estes produtos eram factores de sustentabilidade das populações. Contudo o açúcar de todos os produtos era visto com importância superior e por esse facto foi considerado até ao século XVIII a maior riqueza do Brasil e por consequência o maior impulsionador da colonização.

Para Orlando Ribeiro a verdade histórica não se fica apenas por atribuir aos Portugueses descobrimentos por via da navegação dando exemplo de “Gil Eanes, Diogo Cão, e Bartolomeu Dias”, no caso africano. Segundo o autor, no que se refere ao Brasil é apresentada uma “história quase sem personagens”<sup>209</sup>, mas chama a atenção para os heróis enigmáticos ignorados quando estes se fixaram no interior do sertão descobrindo terras e por isso alargando os limites do Estado até à cordilheira dos Andes.

### **1945, “Evolução e Perspectivas dos Estudos Olisiponenses”**

Esta análise foi utilizada na lição inaugural da cadeira de «Estudos Olisiponenses» da Universidade de Lisboa, proferida na Câmara Municipal a 25 de Outubro de 1945. E continuando comenta que a cidade atravessava uma época de grandeza e esplendor e explica que foi neste ambiente que nasceram estes estudos ao que chamou um momento crucial da história da cidade<sup>210</sup>.

Note-se ainda, que os temas olisiponenses do renascimento do último quartel do século XIX, provém do progresso geral dos estudos históricos durante a geração romântica, da qual se criou Júlio de Castilho<sup>211</sup>.

Orlando Ribeiro comenta que Lisboa é uma cidade antiga, velha como o mundo da história, mas que ao longo dos tempos a cidade se tornou moderna em menos de um século e a sua população aumentou e se desenvolveu.

### **1946, “Território e População”**

Neste estudo Orlando Ribeiro fez uma análise sobre a posição e dimensões do território português, esclarecendo também os contrastes naturais que existem em todo o país

---

<sup>208</sup> RIBEIRO, Orlando - *O Brasil: A Terra e o Homem*, Coimbra Editora, Lda., 1942, p. 5

<sup>209</sup> Idem, *Ibidem*, 1942, p. 12.

<sup>210</sup> RIBEIRO, Orlando – “*Evolução e Perspectivas dos Estudos Olisiponenses*”, Edição da Câmara Municipal de Lisboa, 1945, p. 4.

<sup>211</sup> Idem, *Ibidem*, 1945, p. 6.

e comenta que por esse motivo “variam os produtos e as necessidades de mão de obra, provocando deslocamentos permanentes de grupos humanos”<sup>212</sup>.

O autor fez ainda uma observação dizendo que no fim do século XI, o condado portugalense se estendia do Minho até ao Mondego e que passados cinquenta anos se tinha alargado até ao Tejo, tornando-se a partir de então independente o território português. Refere que a “Reconquista vai durar ainda um século, até à queda do Algarve em 1249”. E comenta com o seguinte pensamento:

“Portugal é, portanto, a formação mais antiga e mais estável da carta política da Europa. Não há, numa história de oito séculos, sombra de lutas para a unificação: a metade setentrional, independente, empreendeu a libertação da outra metade do jugo do muçulmano. É preciso ascender muito além para aperceber originalidade desta história tão simples na aparência”<sup>213</sup>.

Note-se que o mesmo autor lembra que “a emigração é, um destino do povo português desde que começaram a colonizar-se as primeiras ilhas do Atlântico”<sup>214</sup>. E finaliza este estudo falando da Ponta de Sagres e de S. Vicente locais onde o continente termina e conclui que “foi nesta solidão varrida pelos ventos que o Infante D. Henrique, fugindo ao bulício da corte, veio meditar o seu sonho de conquistas e descobrimentos”<sup>215</sup>.

#### **1947, “O Território de Lisboa – Oito Séculos de História”**

O autor fez uma análise que apresentou nas comemorações do 8º Centenário da tomada de Lisboa aos Moiros, na qual traçou um estudo sobre as linhas essenciais do relevo: Sobre este assunto Orlando Ribeiro esclareceu que cada um dos terrenos mencionados tem, na paisagem dos arredores de Lisboa, uma fisionomia própria. Esclarece ainda que “a era quaternária é dominada por dois grandes acontecimentos: o aparecimento do homem e a expansão, que se deu por quatro vezes, de grandes massas de gelo em volta dos pólos e nas montanhas”<sup>216</sup>. E sobre o referido assunto comentou:

“...assento da cidade das sete colinas”<sup>217</sup>. Monsanto, o vale de Alcântara, o planalto de Lisboa e a costeira de Loures, os vales do Tejo e os seus afluentes; bairros ou sítios da cidade ligados às formas do terreno; topografia e principais linhas de circulação”<sup>218</sup>.

#### **1949, “A Universidade e o Espírito Científico”**

Segundo Orlando Ribeiro só a partir de 1809, com a fundação da Universidade de Berlim, se adoptou definitivamente o conceito de Universidade como organismo criador da

---

<sup>212</sup> RIBEIRO, Orlando – “*Território e População*” - “Separata do Livro «Portugal». Edição do S.N.I., Lisboa, 1946, p. 4.

<sup>213</sup> Idem, *Ibidem*, 1946, pp. 5-6.

<sup>214</sup> Idem, *Ibidem*, 1946, p. 8.

<sup>215</sup> Idem, *Ibidem*, 1946, p. 27.

<sup>216</sup> RIBEIRO, Orlando. - *O Território de Lisboa – Oito Séculos de História*, Publicações do 8º Centenário da Tomada de Lisboa aos Moiros, Câmara Municipal de Lisboa, 1947, vol. I, p. 7 desta análise o autor traçou um estudo sobre as linhas essenciais do relevo da área de Lisboa sobre (topografia e geologia).

<sup>217</sup> Idem, *Ibidem*, 1947, p. 9.

<sup>218</sup> Idem, *Ibidem*, 1947, p. 10.

Ciência. Esclarece, que foi a partir do terceiro quartel do século XIX, que a Universidade francesa se consagrava essencialmente ao ensino e à preparação profissional<sup>219</sup>. Foi com a reforma de 1911, que se viu renovada em bases largas as nossas instituições universitárias<sup>220</sup>. O autor comenta que “a Ciência revelou-se ainda como poderoso factor de aproximação das élites nacionais. Entre homens separados pela raça, diferentes pelos hábitos e pelas crenças, sensíveis a diversas formas de beleza, o conhecimento racional e os seus processos de pesquisa apareciam como um ideal comum e poderosamente unificador”<sup>221</sup>.

### 1950, “Problemas da Investigação Científica Colonial”

Publicado pela Junta de Investigações Científicas Coloniais, este texto faz parte de um Colóquio realizado naquela Junta em 30 de Dezembro de 1949, p. 23.

Divulga através de pequenos resumos em francês e inglês, dedicando este tema à História Colonial em África. Sobre esta pesquisa o investigador clarifica:

“...os problemas da investigação colonial são apenas um caso particular no panorama da investigação científica portuguesa. Os métodos, o espírito, as orientações de trabalho, são essencialmente os mesmos, quer nos ocupemos de temas científicos das nossas colónias, quer nos ocupemos de temas científicos da metrópole”<sup>222</sup>.

Orlando Ribeiro explica sob o seu ponto de vista, como se formam os cientistas.

“...os investigadores não se improvisam. Formam-se, formam-se lentamente, pela comunidade do ensino, animado por um espírito onde os métodos críticos e de pesquisa informem toda a actividade docente. As vocações surgem nas escolas, em contacto com os mestres, não se criam por força de decretos ou de disposições, por mais favoráveis e bem intencionadas que sejam”<sup>223</sup>.

O geógrafo comenta como poderão surgir os investigadores coloniais:

“Os investigadores coloniais como poderão aparecer? Naturalmente, quando se desenvolver nas nossas escolas o ensino das matérias coloniais, quando este ensino for feito por professores competentes isto é, não apenas por homens que tenham maior ou menor informação bibliográfica, mas que possuam experiência directa sejam capazes de ensinar o que viram”<sup>224</sup>.

Por último, ainda sobre o tema fulcral de qualquer investigação, o autor ao aliar a interdisciplinaridade, esclarece:

“Outro ponto que me parece fundamental é o carácter desinteressado que tem de animar a maior parte do trabalho científico. Claro que a investigação pode e deve também servir fins práticos; quanto melhor for o conhecimento de História Natural que se tenha numa região, tanto mais firme será o delineamento do seu desenvolvimento económico”<sup>225</sup>. “A actividade científica tem de ser livre porque depende da intuição da imaginação, da inspiração de cada investigador”.

<sup>219</sup> RIBEIRO, Orlando – “A Universidade e o Espírito Científico”, Lisboa, 1949, p. 11.

<sup>220</sup> Idem, *Ibidem*, 1949, p. 13.

<sup>221</sup> Idem, *Ibidem*, 1949, p. 37.

<sup>222</sup> RIBEIRO, Orlando – “*Problemas da Investigação Científica Colonial*”, Junta de Investigações Científicas Coloniais, Lisboa, 1950, p. 4

<sup>223</sup> Idem, *Ibidem*, 1950, p. 4.

<sup>224</sup> Idem, *Ibidem*, 1950, p. 5.

<sup>225</sup> Idem, *Ibidem*, 1950, p. 11.



## 1950, “São Paulo - Metrópole do Brasil”

Estudo importante sobre a população e os seus hábitos, publicado pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1955, sobre este estudo Orlando Ribeiro fala-nos da fisionomia dos bairros de pequeno comércio, explicando as influências Italianas que a população recebeu a nível da alimentação nos hábitos e na maneira de confeccionar as refeições, passando pela indústria dos próprios restaurantes. Explica no seu estudo que os “retirantes” são homens, mulheres e crianças do Nordeste vindos do fundo do sertão do Ceará, que fogem à seca e à fome e se dirigem a S. Paulo, onde ouviram dizer que todos encontram albergue e trabalho<sup>226</sup>.

Segundo Orlando Ribeiro, em São Paulo encontra-se gente de toda a parte: Europeus das mais diversas procedências, Alemães, Eslavos, Mediterrâneos, Sírios em grande número e até Japoneses. O mesmo autor refere ainda que numa modesta aldeia de Piratininga, os Jesuítas fundaram em 1554 um Colégio para educar os seus alunos<sup>227</sup>. Foi à volta deste Colégio que se cria o primeiro grupo de casas de “taipa”, Este núcleo, a que mal se pode chamar urbano, representou durante dois séculos e meio um papel essencial na história do Brasil.

“Taipa de pilão” (como lhe chamam no Brasil), era uma técnica de construção que consiste em encher em fiadas sobrepostas, formas de madeira com uma massa de barro e pedras miúdas fortemente batida. Esta técnica teria sido introduzida pelos Mouros no Sul da Península e é ainda prática no Alentejo. Orlando Ribeiro afirma que foi a colonização Ibérica a transportá-la a vários lugares da América<sup>228</sup>.

A “casa do sopapo” com armação interna de madeira ou canas, revestida de barro, é confundida às vezes com a anterior, esta foi introduzida pelos negros africanos<sup>229</sup>.

## 1955, “Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa”

O autor publica mais um ensaio através da Fundação da Casa de Bragança e comentou sobre o problema das raízes da colonização portuguesa, que teve início com a ocupação da ilha da Madeira. Orlando Ribeiro lembra o regime das capitánias, “terras que eram doadas a senhores a quem se transmitiam amplos poderes económicos, jurídicos e administrativos”<sup>230</sup>. E relativamente sobre a população que se dedicava ao comércio fez o seguinte comentário:

---

<sup>226</sup> RIBEIRO, Orlando - *São Paulo. Metrópole do Brasil*, Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra, IX (V), 1955, p. 7.

<sup>227</sup> Idem, *Ibidem*, 1955, pp. 8-9.

<sup>228</sup> Idem, *Ibidem*, 1955, p. 8 (nota 2).

<sup>229</sup> RIBEIRO, Orlando - *São Paulo. Metrópole do Brasil*, Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra, IX (V), 1955, p. 9. (nota 1). Que o fundador de Piratininga (Martim Afonso de Sousa), tivesse escolhido tal sítio pelas vantagens que apresentava no acesso às várias bacias hidrográficas é hipótese sedutora mas fortemente contaminada pelo destino de São Paulo, que ele provavelmente não previa.

<sup>230</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa*”, *Fundação da Casa de Bragança*, 1955, p. 18.

“A população de carácter urbano, comerciantes, mesteirais, homens importantes, que se congregavam em vilas e cidades, recebiam, exactamente como as vilas e cidades de Portugal, uma carta de foral, especificando, da mesma forma que entre nós, direitos e regalias, isenções e tributos”<sup>231</sup>.

No que diz respeito a produção do milho, quer viesse directamente do Brasil, quer por intermédio de Portugal, este cereal propagou-se rapidamente às Ilhas Atlânticas. Sobre esta cultura o geógrafo comenta: “O milho representa assim um exemplo, porventura o mais eloquente, porque foi de todos os produtos alimentares aquele que teve fortuna mais ampla, da expansão de certos produtos que os portugueses encontraram no decurso dos descobrimentos e acabaram por difundir em todos os lugares da terra onde era possível a sua cultura”<sup>232</sup>. Orlando Ribeiro lembra ainda que a colonização de São Tomé se fez com degradados e judeus, caídos sob a alçada da Inquisição<sup>233</sup>. Esclareceu o significado e a forma como se alargou o povo, falando das conjecturas sobre a sua origem e das formas de propagação das culturas. O autor realça o facto dizendo que as “cidades só surgem quando a terra se valorizou, a população se enraizou, os instrumentos de fixação económica se mostraram eficazes”<sup>234</sup>. O desenvolvimento do povoamento verificava-se sempre que a agricultura era favorável e por consequência se desenvolviam as cidades. Segundo o mesmo autor conclui: “foi o milho, portanto que veio a ter, quanto a mim, influência decisiva na expansão portuguesa”<sup>235</sup>.

### **1955, “Primórdios da Ocupação das Ilhas de Cabo Verde”**

O descobrimento: Primeiras notícias, Povoamento da Ilha de Santiago, Análise das Cartas de Doação de Capitania e sobre este assunto diz Orlando Ribeiro: «A criação das primeiras capitanias não se seguiu imediatamente ao descobrimento, mediando entre os dois factos um lapso de tempo suficiente para que tivesse começado, de modo espontâneo e insensível, a ocupação do solo e o povoamento»<sup>236</sup>. «Tal como sucedera com as cartas de foral, que na maioria dos casos, não fundavam mas organizavam núcleos povoados, as cartas de capitania davam à sociedade incipiente um estatuto por que ela se regesse, quando o número de povoadores e a ocupação e rendimento da terra o justificavam. Em Cabo Verde, porém, parecem ter elas sido um factor de incremento, pois os primeiros donatários, que entre si dividiam o sul e o norte da ilha mais importante (Santiago), foram os descobridores (reais ou pretensos) dos dois grupos de ilhas do arquipélago: António de Noli e Diogo Afonso. Aquele já figurava como «capitão da ilha» em 1466, exercendo o governo em colaboração com um irmão e um sobrinho; este, falecido em 1473, deixou o cargo a um sobrinho que nesse ano se apresentou a solicitar configuração a D. Afonso V». «A Carta da capitania do

---

<sup>231</sup> Idem, *Ibidem*, 1955, p.18.

<sup>232</sup> Idem, *Ibidem*, 1955, p.18.

<sup>233</sup> Idem, *Ibidem*, 1955, p. 21.

<sup>234</sup> Idem, *Ibidem*, 1955, p. 26.

<sup>235</sup> Idem, *Ibidem*, 1955, p. 32.

<sup>236</sup> RIBEIRO, Orlando – “Primórdios da Ocupação das Ilhas de Cabo Verde”, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, Imprensa de Coimbra, Lda., Tomo XXI - 2ª Série - Nº 1, Lisboa, 1955, pp. 97-98.

norte de Santiago, cuja data se ignora, é conhecida por uma transcrição de 1485, confirmando no cargo de capitão o sobrinho e herdeiro de Diogo Afonso»<sup>237</sup>.

O autor refere: "As primeiras Ilhas ocupadas", "O arquipélago nos alvares do século XVI", "Navegação e Comércio". Sobre este último tema diz: «Mencionam-se, como artigos de exportação, peles, coiros e sebo, cuja dízima tanto se podia pagar no porto como nas casas das povoações onde o gado era abatido, algodões, cavalos e ainda escravos, que os rendeiros podiam livremente trazer ao reino ou à ilha da Madeira "sem pagar direito algum". E continuava: «...os escravos constituíam o principal valor»<sup>238</sup>.

Ainda sobre os escravos Orlando Ribeiro escreve: «...desembarcaram na ilha perto de três mil escravos, a maior parte na Ribeira Grande, apenas 185 em Alcatrazes e 132 no porto da Praia. Note-se que 100 foram "avaliados", certamente por se destinarem a ser vendidos para fora da ilha: os outros arquipélagos atlânticos, a Península e o Brasil, seriam os seus lugares de destino»<sup>239</sup>. Sobre o estudo: «A Ilha de Santiago nos meados do Século XVI», "A introdução do milho e os seus possíveis caminhos». O autor falou-nos ainda sobre as: «Relações com o Brasil», deu o exemplo de: "Gabriel Soares de Sousa, como sendo o senhor de engenho de açúcar, dono de roças e fazendas na Baía, autor do Tratado descritivo do Brasil em 1587, repositório inexaurível de notícias especialmente minuciosas em relação ao território que ele habitou, dá a este respeito seguras indicações»<sup>240</sup>.

Orlando Ribeiro evidencia o seguinte:

"Traz-se assim um exemplo das íntimas relações que unem a Geografia à História. Sem a análise destes primórdios, fica incompreendida a ocupação de uma terra onde os homens irão viver rasando os limites extremos das suas possibilidades naturais; sem o conhecimento das coisas e dos sítios, não se verificam os documentos nem se eleva a História acima do nível da simples erudição. Se o objectivo desta disciplina é, na verdade, "a compreensão do homem", como é possível desenrolar o drama sem delinear o cenário e enumerar grandes feitos e destinos ilustres, sem que se conheçam as formas da vida quotidiana e humilde e as necessidades fundamentais da população, que em toda a parte procura modos de subsistência e de actividade produtiva?"<sup>241</sup>

### **1956, "As Ilhas de Cabo Verde no princípio do Século XIX"**

Surge mais um trabalho, este publicado em Garcia de Orta, Revista da Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar em Lisboa. Foi realizada uma análise pelo autor sobre as memórias inéditas de António Pusich foram divulgadas enquanto era Intendente da Marinha das Ilhas e mais tarde como Governador. Comentou sobre a sua biografia no contexto da sua época. Fez ainda uma breve síntese da descrição físico-política

---

<sup>237</sup> RIBEIRO, Orlando – "Primórdios da Ocupação das Ilhas de Cabo Verde", Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Imprensa de Coimbra, Lda., Tomo XXI - 2ª Série - Nº 1, Lisboa, 1955, p. 98. - (e segundo Sena, Barcelos, ob.cit., p. 41-43).

<sup>238</sup> Idem, Ibidem, Lisboa, 1955, p. 106.

<sup>239</sup> Idem, Ibidem, Lisboa, 1955, p. 107.

<sup>240</sup> Idem, Ibidem, 1955, p. 115.

<sup>241</sup> Idem, Ibidem, 1955, p. 122.

as ilhas de Cabo Verde em 1810, elaborando um ensaio Físico e Político da Ilha de São Nicolau em 1803<sup>242</sup>.

Foi dado relevo não só à origem e progresso dos habitantes de Cabo Verde, mas também foi dado especial destaque a toda a produção agrícola, económica, religiosa e administrativa de todas as ilhas.

### **1958, “Um Povo na Terra”**

Este estudo foi apresentado por ocasião da Exposição Universal e Internacional de Bruxelas e foi intenção do autor esclarecer sobre algumas referências que dizem respeito à expansão portuguesa, lembrando o comércio ultramarino existente e por consequência dando origem a difusão das culturas e por esse facto também a mestiçagem<sup>243</sup>.

### **1958, “Viagens e negócios de um mercador português do século XVII”**

À Prof.<sup>a</sup> Virgínia Rau se ficou a dever o conhecimento de “*O Livro de Rezão de António Coelho Guerreiro*”, Lisboa, 1956, personagem nascida por volta de 1653 em Santiago do Cacém, que foi viajante e comerciante, e também serviu na capitania de Pernambuco, em Angola, na Índia e em Timor, tendo ocupado altos cargos governativos. Das suas actividades pode-se fazer uma imagem das importantes relações, regulares, entre o Brasil, a África e o Oriente<sup>244</sup>.

### **1960, “Reflexões em Torno da Expansão Portuguesa”**

Na análise desenvolvida sobre este tema, publicado na revista «Palestra», o autor elucida: que as matérias que compreendem a expansão portuguesa dizem pertencer ao domínio dos historiadores, mas continua dizendo que como geógrafo cada vez mais consagra mais tempo à investigação e por consequência à reflexão destas temáticas<sup>245</sup>. O mesmo investigador começa por afirmar que os historiadores conhecem bem a importância das relações da China com a África, por ser do Oriente que a China importava durante a Idade Média certas matérias primas como foi o caso da seda, marfim, pérolas, incenso e outros aromas<sup>246</sup>.

### **1960, “Três Imagens do Mundo”**

Publicado na Revista Brotéria, em Lisboa, o autor ao recuar no tempo, esclarece: “No século XV, pela primeira vez na história humana, este localismo se rompeu. As navegações ibéricas, logo seguidas de uma expansão geral do Ocidente em que haviam de

---

<sup>242</sup> RIBEIRO, Orlando - “As Ilhas de Cabo Verde no princípio do Século XIX”, Garcia de Orta, Lisboa, IV, (4), 1956, pp. 605-634. (Notas de rodapé e em fim de texto).

<sup>243</sup> RIBEIRO, Orlando - “Um Povo na Terra”, Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro, 1958. Coligida e Anotada por Ilídio do Amaral, Lisboa, 1981, p. 35.

<sup>244</sup> RIBEIRO, Orlando - “Viagens e Negócios de um Mercador Português do século XVII”, Garcia de Orta, Lisboa, 6 (2), 1958, pp. 335-345.

<sup>245</sup> RIBEIRO, Orlando - “Reflexões em Torno da Expansão Portuguesa”, Separata do número 9 da Revista «Palestra», Lisboa, 1960, p. 3.

<sup>246</sup> Idem, Ibidem, 1960, p. 5.

ter papel relevante os povos marítimos, difundiram no globo uma religião, um alfabeto, uma maneira de viver, de pensar e de sentir<sup>247</sup>. E sobre o desenvolvimento das técnicas, o autor comenta: “A civilização do Ocidente mais do que todas, aberta à curiosidade do mundo e servida por uma capacidade de progresso técnicas sem paralelo na história, foi a única que alcançou a universalidade”<sup>248</sup>.

No que concerne à análise das navegações ibéricas, o cientista faz ainda a seguinte observação:

“As navegações ibéricas alteram profundamente esta primeira imagem do mundo, pondo em relação todos os continentes tropicais e todos os domínios oceânicos. Pela primeira vez, na evolução humana do globo, percorre a sua face um fermento de vida universal”<sup>249</sup>.

O criador desta obra explica ainda sobre a Terra dos Homens:

“A Terra dos homens criou-se debaixo do signo da variedade: a própria natureza a sugere, nas faixas de climas e de ambientes biológicos que a envolvem, na margem dos continentes maciços ou franjados na desigualdade dos relevos e dos solos. Seis milénios de história são, em larga parte, preenchidos pelo ajustamento a esta variedade”<sup>250</sup>.

### **1960, “Sur un Style de la Colonisation Rurale Portugaise”**

Ao dirigir-se ao “XIX International Geographical Congress. Abstracts of Papers em Estocolmo”, apresenta uma comunicação com resumo em parceria com Francisco Tenreiro, sobre a temática da história da colonização portuguesa. Note-se que neste tema é feita uma analogia entre três regiões distintas: o monte alentejano, a fazenda brasileira e a roça de S. Tomé. Em consequência deste estudo verifica-se que as diferenças predominantes são igualmente três: as instalações habitacionais, as culturas agrícolas e a criação de gado<sup>251</sup>.

### **1960, “Uma Biografia Francesa de D. Pedro IV”**

Este estudo seria dado à estampa no Diário de Lisboa, em Janeiro e sobre este estudo Orlando Ribeiro fez a seguinte observação:

“...a história concede cada vez mais atenção à análise das estruturas sociais, da conjuntura económica, da evolução das ideias e das técnicas, aspectos indispensáveis numa reconstituição e interpretação integral do passado. Mas a par da História, renovada ao contacto de disciplinas e de preocupações do nosso tempo, outra permanece fiel ao propósito de «narrar», de seriar acontecimentos e de evocar o papel que os grandes homens tiveram neles”<sup>252</sup>. E por isso Orlando Ribeiro distingue: “O livro de Denyse Dalbian<sup>253</sup>, não só estuda cuidadosamente o

---

<sup>247</sup> RIBEIRO, Orlando - “Três Imagens do Mundo”, Edições Brotéria, Lisboa, 1960, p. 10.

<sup>248</sup> Idem, *Ibidem*, 1960, p. 14.

<sup>249</sup> Idem, *Ibidem*, 1960, p. 17.

<sup>250</sup> Idem, *Ibidem*, 1960, p. 18.

<sup>251</sup> RIBEIRO, Orlando - “Sur un Style de la Colonisation Rurale Portugaise”, XIX, Internacional Geographical Congress. Abstracts of Papers, Estocolmo, 1960, p. 247. Cf. Suzanne Daveau, “Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro (1934-2004)”, 2004, p. 20.

<sup>252</sup> RIBEIRO, Orlando - “Uma Biografia Francesa de D. Pedro IV”, Diário de Lisboa, 5 de Janeiro de 1960, p. 148.

<sup>253</sup> Denyse Dalbian - “Dom Pedro, Empereur du Brésil, Roi du Portugal (1798-1834)”, Paris, 1959, p. 296. ob. cit. Orlando Ribeiro, “Uma Biografia Francesa de D. Pedro IV”, 1960, p. 266.

período português mas coloca D. Pedro na história europeia do seu tempo, a que esteve intimamente ligado quando procurava apoio à sua estranha aventura<sup>254</sup>.

### 1961, “O Infante e o Mundo Novo”

Oração proferida no Solene Acto Académico com que, no dia 25 de Março de 1960, a Universidade de Lisboa se associou às Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. O investigador faz o seguinte comentário:

“Com as navegações no tempo do Infante, começaram de maneira sistemática, é um novo mundo que se abre à expansão portuguesa primeiro, depois à expansão ibérica, e, finalmente, arrastada nesta corrente impetuosa, a toda a expansão do Ocidente”. Em que consistia este mundo novo, quais as suas novidades, quais os espectáculos que os homens pela primeira vez contemplavam, quais os problemas com que pela primeira vez se defrontavam?” “Era a costa de África, além do Cabo Não”<sup>255</sup>.

### 1961, “Problemas Humanos de África”

Editado em Estudos e Ciências Políticas e Sociais, nº 51, da Colecção «Estudos de Ciências Políticas e Sociais, o cientista elucida:

“...é na verdade um mundo novo e estranho, habitado pela porção da humanidade que, mesmo numa época em que se generalizam os encontros das raças, mais contrasta com o que se poderia chamar o padrão médio do homem”<sup>256</sup>.

Orlando Ribeiro, numa das suas viagens a Moçambique explica quais os entraves à ascensão social africana, e os comportamentos dos brancos perante os negros, e por isso, comenta:

“Claro que tidas estas coisas encontram explicação na história e na estrutura da sociedade. Um longo passado de escravatura, seguido de formas mais ou menos encobertas de servidão, ajuda a compreender como os Pretos passaram da humildade e do servilismo ao ressentimento e a formas brutais e desumanas de o manifestar. O mesmo passado explica que os Brancos tenham dificuldade em compreender que na África de hoje lhe está reservado um papel de construtores do futuro, mas não de perpétuos e exclusivos senhores”<sup>257</sup>.

A colonização teve um papel preponderante na evolução dos continentes e sobre este assunto o autor fez a seguinte análise:

“Colonização: uma palavra que várias propagandas tornaram execrável, mas uma noção que é impossível extirpar da compreensão do mundo actual, porque até na velha Europa, onde algumas nacionalidades mergulham raízes para além da própria história, se pode com toda a propriedade falar dela: colonização alemã no Báltico, colonização russa em vários territórios da Europa e da Ásia e a que a U.R.S.S. deve, assim como à férrea disciplina do seu estado, unidade e coesão. Colonizações estas feitas por expansão de populações, por encontros de civilização, por valorização de terras, por acção de um povo desenvolvido e empreendedor”<sup>258</sup>.

<sup>254</sup> RIBEIRO, Orlando - “Uma Biografia Francesa de D. Pedro IV”, Diário de Lisboa, 5 de Janeiro de 1960, p. 266.

<sup>255</sup> RIBEIRO, Orlando - “O Infante e o Mundo Novo”, Oração proferida no Solene Acto Académico com que, no dia 25 de Março de 1960, a Universidade de Lisboa se associou às Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961, p. 8.

<sup>256</sup> RIBEIRO, Orlando - “Problemas Humanos de África”, separata de Colóquios sobre Problemas Humanos nas Regiões Tropicais, nº 51 da colecção «Estudos de Ciências Políticas e Sociais», Lisboa, 1961, p. 7.

<sup>257</sup> Idem, *Ibidem*, 1961, pp. 13-14.

<sup>258</sup> Idem, *Ibidem*, 1961, p. 16.

O investigador reflecte sobre o factor que constitui o maior peso demográfico dizendo: “Na evolução humana de África é indispensável recordar que os Pretos constituem o elemento de maior peso demográfico, tanto pelo número como pela fertilidade; que, precisamente em relação a esta massa, se acumularam erros e se criaram ressentimentos<sup>259</sup>”.

Ao lembrar a imigração portuguesa que na época se dirigia mais para os países em franco desenvolvimento como era o caso do Brasil e a Venezuela, o cientista descreve:

“O problema essencial dos colonatos europeus em Angola e Moçambique tem duas faces e para ambas se deve olhar com a mesma atenção: destina-se, por um lado, a transpor para o sertão africano uma paisagem de policultura de subsistência, um pouco no estilo do campo e da horta que na metrópole já não comportam a gente que vive deles; mas para elevar o nível social do camponês, que é a única forma de elevar o seu nível de educação e de técnica, e de transformar de um ganhão rotineiro num colono capaz de iniciativa e de visão, é necessário orientar a economia dos colonatos para produtos valiosos, cujo comércio e conseqüente lucro tenham sido cuidadosamente organizados<sup>260</sup>”.

No final desta análise, Orlando Ribeiro comenta sobre as aspirações, e a variedade e originalidade das civilizações africanas, sobre o arranque para o progresso do seu nível de vida e uma próspera educação familiar e conclui:

“...é necessário compreender e preservar. Só através desta obra de entendimento, feita ao mesmo tempo com objectividade e com amor, se poderá, pouco a pouco, e com firmeza, edificar África com que sonham os espíritos ávidos de justiça: uma terra ampla onde diferentes raças vivam em paz, na dignidade e no respeito mútuo, baseados na compreensão, na tolerância e na equidade<sup>261</sup>”.

### **1961, “Geografia e Civilização. Temas Portugueses”**

Sobre este tema Orlando Ribeiro explica quando os Portugueses chegaram às cidades africanas do Oceano Indico, os nativos já se dedicavam ao comércio. Também a comprová-lo existem os cronistas do século XVI<sup>262</sup>. O investigador faz referência à governação de Pombal, dizendo que quando foi resolvido separar Moçambique do governo da Índia, a praça da ilha foi elevada a vila em 1761 e a cidade em 1818. Mas, com a fundação de Lourenço Marques, para onde se transferiu a capital em 1898, Moçambique perdeu interesse e isso veio a verificar-se a nível do comércio e conseqüentemente, o porto que costumava ser visitado pela navegação portuguesa.

Os indígenas, faziam parte de uma população negra e dedicavam-se à religião muçulmana. Verificou-se que o contacto que mantinham com os Portugueses fez com que alguns se dedicassem à religião cristã. Como símbolo destes ideais religiosos controversos, possuíam na extremidade sul da ilha, o crematório hindu e três cemitérios<sup>263</sup>.

<sup>259</sup> Idem, *Ibidem*, 1961, p. 20.

<sup>260</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Problemas Humanas de África*, Estudos e Ciências Políticas e Sociais”, nº 51, da Colecção «Estudos de Ciências Políticas e Sociais, 1961, p. 22.

<sup>261</sup> Idem, *Ibidem*, 1961, p. 24.

<sup>262</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Geografia e Civilização. Temas Portugueses*”, Lisboa, Cento de Estudos Geográficos, Col. Chorographia, 1961, p. 21.

<sup>263</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Geografia e Civilização. Temas Portugueses*, Lisboa, Cento de Estudos Geográficos, Col. Chorographia, 1961, p. 21 figs. XLVIII págs. XLVIII ests., p. 136.

Com o tráfico negreiro notou-se uma constante prosperidade a nível do comércio e as relações com o Brasil, intensificou o negócio sendo considerado o principal mercado<sup>264</sup>.

### **1963, “Em Torno da Universidade e da Investigação Científica”**

Orlando Ribeiro publica mais um estudo que teve como objectivo a conferência proferida no Liceu Salazar onde tratou de temas relacionados com a cultura, preparação dos quadros e ainda os problemas humanos das Universidades actuais. Termina comentando o papel da Universidade e por conseguinte a investigação científica envolvente em África<sup>265</sup>.

### **1964, “Problemas da Universidade”**

O autor faz uma introdução dedicada à memória de Francisco Tenreiro, companheiro de trabalho, apresenta de seguida uma análise sobre os problemas que mais afectam a carreira docente e científica, ao mesmo tempo que alude para a necessidade da simplificação dos cursos, pronunciando-se sobre: técnica, profissão, cultura, educação e ciência. Refere ainda sobre o ensino permanente de extensão universitária e comenta sobre a verdadeira reforma, o estado e as ideologias da Universidade<sup>266</sup>.

### **1965, “Presença do Brasil na Universidade de Lisboa”**

O Geógrafo escreveu três artigos sobre a temática da Educação, no primeiro desenvolveu “Acerca de alguns conceitos fundamentais da investigação científica”, no segundo incrementou sobre “Presença do Brasil na Universidade de Lisboa”, no terceiro fomentou “Universidade do Brasil”, além destes artigos, escreveu um artigo sobre Geologia e outro sobre Geografia, finalizou o ano com a publicação de um artigo no âmbito da Linguística.

### **1966, “Rigor e Reflexão na Ciência Moderna”**

Nesta análise o geógrafo cita o físico Pierre Auger para comentar sobre a dimensão, rigor e estrutura como sendo as características fundamentais da Ciência Moderna<sup>267</sup>.

### **1966, “Orientação”**

Publica este artigo que seria o texto de abertura do primeiro número de Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia do Centro de Estudos Geográficos, com o auxílio prestado pela Fundação Calouste Gulbenkian, com o referido estudo traçavam as linhas gerais da sua

---

<sup>264</sup> Idem, *Ibidem*, 1961, p. 21 figs. XLVIII p. XLVIII ests., p. 139.

<sup>265</sup> RIBEIRO Orlando -. “Em Torno da Universidade e da Investigação Científica”, *Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro, Coligida e Anotada por Ilídio do Amaral*, Lisboa, 1981, p. 44. Seria publicado no *Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique*, Lourenço Marques, 1963, pp. 5-14.

<sup>266</sup> RIBEIRO, Orlando -. “Problemas da Universidade”, *Livraria Sá da Costa, Editora*, Lisboa, 1964, pp. 1-114.

<sup>267</sup> RIBEIRO, Orlando -. “Rigor e reflexão na Ciência Moderna”, *Brotéria, Cultura e Informação*, Lisboa, LXXXII (5), 1966, p. 524-633.



orientação para tentar propor fazer de Finisterra, não um lugar isolado da Ciência mas uma janela aberta para o mundo<sup>268</sup>.

Orlando Ribeiro comenta: “A Geografia, situada na fronteira das Ciências Sociais naturais e sociais, nutre-se como outros ramos destes dois sectores do conhecimento, da investigação no espaço e no tempo”. (...) O conhecimento racional, herdado dos Gregos, enriquecido com a reflexão, a experiência e as descobertas das «Grandes épocas criadoras», do Renascimento ao Romantismo, é hoje um empreendimento aberto à participação de todos os povos civilizados”. (...) Nascida como um elo entre a História natural e a História humana, a Geografia beneficiou de métodos que estas ciências haviam afinado<sup>269</sup>.

O mencionado autor coloca em evidência a geografia humana, metodologia aliás recebida pelo proeminente “Pierre Gourou”, e refere a importância da densidade populacional relacionando-a com as técnicas e as práticas agrícolas, pois a interligação das relações humanas, da produção, da terra e do clima, são para o investigador factores determinantes para o progresso das populações.

#### **1966, “Veneza – Estudo de uma Cidade”**

Considera uma cidade única, por ter apenas um canal como via e trânsito. (...) “não é a natureza mas a história que permite compreender este destino singular. Aparentemente, nenhuma cidade tinha, como Marselha, a posição favorável de «entrada» do maior sulco transversal por onde penetram longe, na Europa média, as influências mediterrâneas. Mas a Itália «desempenhou, no começo da revolução comercial da baixa Idade Média, um papel tão predominante como o da Inglaterra no começo da revolução industrial moderna”<sup>270</sup>. (...) “A cidade, produto apenas das sociedades ou civilizações históricas, no sentido de TOYNBEE, exprime, mais do que outro estilo e vida, a variedade das obras humanas, onde a comparação encontra similitudes mas, não raro, faz ressaltar o incomparável.

#### **1967, “Rodrigues Lapa, Professor”**

Orlando Ribeiro publicou oito artigos na área da Geografia, um sobre Etnografia, e por último desenvolve um trabalho na área da Educação com o título: “Rodrigues Lapa, Professor”.

#### **1969, “Alexander von Humboldt – (1769-1859)”**

Neste artigo o autor, fala-nos Alexander von Humboldt do Geógrafo Alemão descendente de uma família nobre e abastada, permitindo-lhe uma vida social razoável para a época, e da sua importante obra científica, ligado a acidentes do terreno e povoações da América, a montanha da China, um glaciário da Gronelândia, dos cargos que ocupou em

<sup>268</sup> RIBEIRO, Orlando - “Orientação”, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia. (Centro de Estudos Geográficos), Lisboa, 1, 1966, p. 7.

<sup>269</sup> Idem, Ibidem, 1966, pp. 5-8.

<sup>270</sup> Idem, Ibidem, Lisboa 1966, pp. 105-109.

Berlim a partir de 1827, as suas obras escritas em latim alemão e francês e traduzidas em várias línguas, difundidas durante um século. Orlando Ribeiro considera-o como sendo o mais eminente naturalista do seu tempo e diz: “no mundo da Ciência, o derradeiro representante dessa espécie de homens universais, aparecia no Renascimento e extinta com os próprios progressos e a diferenciação do conhecimento”<sup>271</sup>.

### **1969, “O Ensino Elementar da Geografia”**

Orlando Ribeiro publicou quatro artigos no âmbito da Geografia, um sobre Etnografia, e finalizou com um outro na área da Educação intitulado: “O Ensino Elementar da Geografia”<sup>272</sup>. O geógrafo comenta: “Durante o curso secundário, toda a Geografia deve ser ensinada com base na observação”.

### **1970, “Bochímanes de Angola»**

Orlando Ribeiro quis escrever ao que chamou de umas breves notas sobre a monografia de Manuel Viegas Guerreiro, “Estudo Etnográfico”, publicado em Lisboa em 1968. Note-se que o autor denominou o estudo de interesse geográfico porque diz respeito às “últimas populações que conserva a colecção como modo de vida, adaptando-se, por meio dela, a um espaço vasto e desprovido de recursos”<sup>273</sup>. Como se sabe através desta análise, as primeiras notícias de “Bochímanes encontram-se não só através do roteiro da viagem de Vasco da Gama em 1499, mas também através dos cronistas dos Descobrimentos. Estes povos viviam sobretudo da “pesca, da caça, da apanha de raízes e mel silvestre”. Ficaram conhecidos pelas suas pinturas rupestres em extensas superfícies como foi o exemplo do “Sahara e das do Paleolítico superior da Península Ibérica”.

Note-se pelo facto de não permanecerem muito tempo no mesmo local não era favorável à agricultura e à criação de gado, facto que era frequente na população negra.

Segundo a análise efectuada em Angola encontram-se estes povos na região do Cunene e no Cubango.

No que se refere à constituição familiar “os Bochímanes têm cinco a seis filhos por casal, a contar com a mortalidade infantil é enorme” mas quando surgem gémeos um deles é sacrificado<sup>274</sup>.

### **1970, “Em Torno das Origens de Viseu”**

O autor dedica esta análise ao Professor Paulo Merêa pela estima intelectual e humana que nutre pelo citado Professor. Comenta sobre os aspectos do relevo da região de Viseu e as origens do povoamento, lembrando os castros existentes, e por consequência os

---

<sup>271</sup> RIBEIRO, Orlando - “Alexander von Humboldt – (1769-1859)”, «Finisterra»: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Vol. IV, Nº 8, Lisboa 1969, p. 155-158.

<sup>272</sup> RIBEIRO, Orlando - “O Ensino Elementar da Geografia”, Diário de Lisboa, 23 de Maio de 1969, p. 9.

<sup>273</sup> RIBEIRO, Orlando - “Bochímanes de Angola”, Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1970, p. 130.

<sup>274</sup> Idem, Ibidem, 1970, p. 136.

efeitos da romanização e finaliza com a apresentação de um estudo evolutivo da planta da cidade desde o século XII até meados do século XIX<sup>275</sup>.

### **1971, “Hermann Lautensach – (1886-1971)”**

Considera-o importante pelo rigor com que observava a informação bibliográfica e pesquisas que efectuava, era um geógrafo explorador nas suas grandes viagens.

Visitou Trás-os-Montes, Bragança, o Douro, e toda a Cordilheira Central portuguesa, elaborou um estudo sobre as glaciações da Serra da Estrela. Era um mestre na Geografia regional.

Orlando Ribeiro diz-nos: “Ao recordar a sua memória é-me grato confessar, mais uma vez, quanto devo aos seus trabalhos e à sua personalidade, pelo facto de ter recebido de Hermann Lautensach, como afirma, o precioso complemento sobre a informação germânica, com grande poder de síntese e de crítica. Sem este ponto de partida não me seria possível o tratamento sintético que, desde Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, procurei dar a certos temas da Geografia Portuguesa”<sup>276</sup>.

### **1971, “Les Conditions Historiques de la Régionalisation de L'Espace au Brésil”**

Esta comunicação apresentada num Seminário Internacional do C.N.R.S., no Centro de Estudos de Geografia Tropical de Bordéus, 20-22 de Novembro de 1968, sobre aquele tema. Falou de Pernambuco e Baía, conhecidas por cidades portuárias, também foram abordados aspectos sobre a economia agrícola e tudo o que as envolve, como a introdução de culturas, criação de animais a contratação de homens para as plantações. Comentou sobre o litoral em contraste com o *sertão*. No entender do autor poderá dizer-se que cada século ficou marcado no Brasil por uma forma de actividade predominante e pela organização dum parte do seu espaço em torno de uma fundação urbana. Explicou qual destino do Brasil equatorial, do século XVIII, época conhecida pela “idade do ouro e dos diamantes”, Comentou o papel preponderante do café e do gado, no século XIX, por último elucidou sobre o desenvolvimento da população e a sua composição, na formação das grandes regiões brasileiras contribuindo para a construção das grandes cidades<sup>277</sup>.

### **1971, “Povoamento”**

Sobre o povoamento o autor faz uma interpretação e descrição dos diversos tipos de povoamento, desde a nomenclatura dos locais de habitação, passando pelas diversas formas de divisão dessas mesmas habitações. Falou da protecção e da forma como eram protegidos os contornos das povoações anteriores à Reconquista, prolongando-se até ao

---

<sup>275</sup> RIBEIRO, Orlando – “Em Torno das Origens de Viseu”, Revista Portuguesa de História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, XIII, 1970, pp. 211-229.

<sup>276</sup> RIBEIRO, Orlando – “Hermann Lautensach – (1886 -1971)”, «Finisterra»: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Vol. VI, Nº 12, Lisboa 1971, pp. 161-163.

<sup>277</sup> Ribeiro, Orlando - Les conditions historiques de la Régionalisation de l'espace au Brésil, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1971, pp. 27-30.

século XII. Explicou dos formatos de povoamento na época portuguesa dos séculos XII e XIII da baixa Idade Média até à actualidade, explanando sobre as suas formações mais sensíveis<sup>278</sup>.

### **1971, “Cidade”**

Como Orlando Ribeiro diz as cidades provêm de uma época anterior aos Romanos, e por esse motivo o autor afirma:

“As cidades muçulmanas obedecem a conceitos de certo modo opostos aos do urbanismo romano: casas que abrem para a intimidade de pátios interiores, ruelas estreitas e tortuosas onde cada esquina oferece um refúgio para o ataque ou a defesa, becos sem saída que levam a residências particulares e subtraem a vida familiar ao bulício da rua”<sup>279</sup>.

Começa por dar três grandes exemplos: Porto, Coimbra e Lisboa. Estas cidades provêm de uma época anterior aos Romanos, com pontos de convergência comuns porque todas nasceram num planalto de uma colina. No caso da cidade do Porto a proximidade de um rio reforça a protecção e assegura, ao longo do vale, a convergência de caminhos<sup>280</sup>. Estas cidades provinham ora de civilizações locais, isoladas e arcaizantes, ora de um alargamento das relações do comércio marítimo<sup>281</sup>. Em Coimbra a cidade medieval teve aí assento, coroada por um castelo ainda hoje é apreciada pelo conjunto dos velhos edifícios da Universidade, que até aos nossos dias constituem o mais preponderante elemento da vida coimbrã<sup>282</sup>.

Deste modo, a romanização caracteriza-se pelo primeiro surto de vida urbana geral e organizada no Ocidente da Península Ibérica.<sup>283</sup> Se por um lado alguns Castros se arruinaram, como foi o caso da “Citânia de Briteiros”, outras transformaram-se completamente no sentido ideal das cidades romanas obedecendo, no seu arranjo, aos conceitos urbanísticos correntes no tempo do Império<sup>284</sup>. Contudo, só mais tarde com o numeramento de 1527, é que nos é dada uma ideia aproximada da população das cidades e vilas. Assim, ficamos a conhecer que das 33 aglomerações urbanas com mais de 500 fogos (2000 a 2500) habitantes, 25 ficam no Sul, 3 no Centro e 5 no Norte.

### **1974, “Descolonização, Ensino e Ciência”**

Publicado no Diário de Notícias de Lisboa, surge mais um tema que compreende o ensino em África. Tratou neste texto da emancipação progressiva do Ultramar. Fala ainda da obrigação de prosseguir a obra na área de Educação e conseqüentemente a pesquisa científica que foi desenvolvida nos últimos anos<sup>285</sup>. Ainda sobre o ensino o autor esclarece

---

<sup>278</sup> RIBEIRO, Orlando - “Povoamento”, Dicionário de História de Portugal (dirigido por Joel Serrão), Lisboa, Iniciativas Editoriais, vol. IV / SIS-ZUR, Adenda, Cronologia, Índices, 1971, pp. 466-485.

<sup>279</sup> RIBEIRO, Orlando, *Cidade*, Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, vol., I/A-D, Iniciativas Editoriais, 1971, pp. 574-575.

<sup>280</sup> Idem, *Ibidem*, 1971, p. 574.

<sup>281</sup> Idem, *Ibidem*, 1971, p. 574.

<sup>282</sup> Idem, *Ibidem*, 1971, p. 574.

<sup>283</sup> Idem, *Ibidem*, 1971, p. 574.

<sup>284</sup> Idem, *Ibidem*, 1971, p. 574.

<sup>285</sup> RIBEIRO, Orlando - “Descolonização, Ensino e Ciência”, Diário de Notícias, Lisboa, 1974, Lisboa, 1975, p. 7.

que foram abertas Universidades em Luanda e Lourenço Marques para evitar de certo modo que os filhos dos colonos e funcionários regressassem à metrópole para aí educar os seus filhos<sup>286</sup>. Orlando Ribeiro no que concerne à Ciência chama a atenção para o seguinte:

“A Junta de Investigações do Ultramar desenvolvida a partir de uma modesta comissão de cartografia fundada por Gago Coutinho, tem feito trabalho desigual mas onde há muita coisa relevante. Informes tecnológicos que podiam ser apenas policopiados tomam a forma de livros aparatosos. O estudo físico e humano de um território tem a mesma tiragem que um relatório sobre o gorgulho da mancarra apenas porque pertence a mesma colecção. A Junta multiplicou-se em sucessivos organismos que nem todos escapam à farfalhice erudita e patriótica mas onde apareceram trabalhos fundamentais para o conhecimento histórico, geográfico e etnológico do ultramar”<sup>287</sup>.

### **1975, “Dificuldades da Independência”**

Anunciado no semanário ‘Nova Terra’ em Julho, neste artigo Orlando Ribeiro trata do processo de afastamento do Ultramar e explica que este princípio pode ser encarado de diferentes maneiras. Diz: “para a maioria da população este sistema será o final de um pesadelo e como tal, motivo de regozijo”.

Sobre esta temática, Orlando Ribeiro insurge:

“Numa história curta desenham-se já «linhas de força»: a guerra no Norte, foi, desde o início e durante toda ela, entre brancos e pretos, mas não menos feroz entre facções locais que, nem à vista da independência próxima, que tem de preparar e sustentar, renunciam às armas na conquista pela preponderância política”<sup>288</sup>.

Quanto aos obstáculos, o autor refere: “ «Dificuldades específicas de Angola» - escrevi num dos meus artigos só que elas estão vindo donde parecia mais provável o desejo de sobrepor a ambições partidárias a tarefa imensa e aliciante de criar uma das maiores nações africanas”<sup>289</sup>.

### **1975, “Destinos do Ultramar”**

Logo após ao 25 de Abril, escolhe os ‘Livros Horizonte’ e na Colecção Horizonte, publica no Diário de Notícias e sobre este assunto o autor comenta:

“A descolonização é um processo irreversível, mas admite, por vezes estranhos paradoxos (a Grã-Bretanha libertou todas as colónias mas recusa-se a entregar Gibraltar à Espanha, ferindo susceptibilidades nacionais e aferrando-se à posse de uma base que perdeu quase todo o interesse estratégico”<sup>290</sup>.

Sobre o destino dos Africanos Brancos o autor esclarece:

“Industriais e comerciantes poderosos têm sempre recursos para novas iniciativas. O destino destes modestos africanos brancos constitui um problema difícil. Como serão eles aceites no futuro Estado de maioria negra?”<sup>291</sup>.

Contudo ainda sobre a descolonização, o investigador ilustra:

---

<sup>286</sup> Idem, *Ibidem*, 1975, p. 7.

<sup>287</sup> Idem, *Ibidem*, 1975, p. 7.

<sup>288</sup> RIBEIRO, Orlando - *As Dificuldades da Independência*, Nova Terra, Julho de 1975, p. 276.

<sup>289</sup> Idem, *Ibidem*, 1975, p. 276.

<sup>290</sup> RIBEIRO, Orlando - *Destinos do Ultramar*, Livros Horizonte, 1975, p. 35.

<sup>291</sup> Idem, *Ibidem*, 1975, p. 48.

“A descolonização total não se fará sem desencontros e sobressaltos e não é sem nostalgia que se vê romper uma linha da nossa história começada a robustecer há cinco séculos e meio. Quis o destino dos impérios que Portugal inaugurasse a expansão europeia e pusesse termo ao seu predomínio político”<sup>292</sup>.

### **1975, “O Problema Fundamental da Universidade”**

O autor refere sobre este artigo esclarece o seguinte: “Ponto da maior importância é a relação entre docentes e alunos, de tal modo que os trabalhos escritos, elaborados em casa ou na aula, possam ser corrigidos e discutidos individualmente e não apenas classificados”<sup>293</sup>. E persiste “O ideal será que, depois das aulas, o professor possa atender os estudantes que o procuram e estes saibam que o podem efectivamente fazer”. Era importante que houvessem mais Faculdades e a constituição das turmas fosse menor.

Orlando Ribeiro esclarece: “Na diversidade dos estudos e da preparação profissional são elas que sustentam a universalidade do saber e constituem os alicerces de qualquer cultura especializada”.

### **1976, “A Universidade em Crise”**

“Uma das mais extraordinárias revoluções da nossa história desencadeou compreensíveis acessos de entusiasmo, criando, pelo que havia de inesperado na sua vitória, um ambiente de euforia e de intensa comunicação”<sup>294</sup>.

Foi objectivo do autor elaborar uma análise sobre a situação da Faculdade de Letras em Maio de 1974.

Neste estudo foi essencialmente abordado as “Memórias da Vida Universitária de Orlando Ribeiro, foram comentados assuntos como as disciplinas que leccionava, o significado do ensino, as relações permanentes mantidas com os alunos sobre o instrução, os seminários e as excursões.

Lembrou a sua passagem como Professor visitante da Universidade Laval de Québec no Canadá<sup>295</sup>.

### **1976, “Regiões Históricas”**

O autor redige o estudo sobre as unidades políticas, que comenta do seguinte modo:

“...regiões históricas podem agrupar-se as unidades políticas e administrativas e as áreas de nacionalidades sem existência política, estas definidas quase sempre pela linguagem, veículo de complexas manifestações do sentimento e da vontade, que dão a um povo a consciência de si próprio”.

Orlando Ribeiro sobre as fronteiras e seus limites, esclarece ainda:

“Há, porém, outros motivos para que as fronteiras possam constituir limites geográficos. Séculos de vida em comum dentro de um contorno bem definido reforçam a personalidade de um povo, e com ela muitos aspectos da sua vida material – a casa, os instrumentos, o traje, as maneiras. A circulação dos produtos

<sup>292</sup> RIBEIRO, Orlando - “*Destinos do Ultramar*”, Livros Horizonte, 1975, p. 72.

<sup>293</sup> RIBEIRO, Orlando - “O Problema Fundamental da Universidade”, Diário de Notícias, Lisboa, 1975, p. 7

<sup>294</sup> RIBEIRO, Orlando - “A Universidade em Crise”, Edições Cosmos, Lisboa, 1976, p. 122.

<sup>295</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 126.

e a estrutura económica não podem deixar de ressentir-se das barreiras alfandegárias<sup>296</sup>.

Em relação aos conceitos aplicados às regiões de fronteira o autor salienta:

“a fronteira permaneceu tanto tempo com o mesmo traçado que o geógrafo propende a ver nela o resultado de um ajustamento às condições naturais. É o caso de Portugal, a formação mais antiga e mais estável do mapa político da Europa, independente há mais de oito séculos, fixado há quase sete nas linhas essenciais do seu contorno, que apenas oscilou além do Guadiana; muitas vezes se aponta como exemplo de individualidade geográfica de uma entidade política, embora por uma demonstração mais engenhosa do que convincente”.

Mas os conceitos variam de país para país, segundo Orlando Ribeiro:

“...os conceitos válidos entre nós mudam por completo do outro lado da Europa. Aí, as fronteiras têm variado ao sabor das forças políticas, das combinações internacionais ou do poderio militar”. Como modelo temos a “Checoslováquia – ceder ao impulso de uma ideologia nacional - a dos Sudetas, que desejavam unir-se à grande pátria da gente de fala alemã; a derrota militar contrariou, parece que definitivamente, tais propósitos<sup>297</sup>”.

Relativamente às categorias das “Regiões Históricas”, o investigador elucida:

“Pertencem também à categoria de regiões históricas as grandes divisões do interior dos estados, geralmente destituídos hoje de qualquer função administrativa, embora o sentimento delas se conserve muito vivo tanto no povo como nas pessoas cultas<sup>298</sup>”.

Segundo o Orlando Ribeiro os habitantes são designados também pela mesma apelação regional, a exemplo, apresenta: “Galiza, Castela, Aragão, Catalunha, Andaluzia, etc., em Espanha, Minho, Trás-os-Montes, Ribatejo, Alentejo, Algarve etc., em Portugal<sup>299</sup>”. Contudo, o estudioso relativamente à análise da origem das divisões, afirma:

“A origem directa destas divisões é a histórica. Procedem de unidades administrativas que se mantiveram durante séculos, coordenando a vida de relação, pelos mesmos caminhos, em torno das mesmas cidades; de unidades políticas, como os grandes e poderosos senhorios feudais de França (Normandia, Lorena, Borgonha) ou até de antigos estados, como em Espanha (Navarra, Aragão). Podem às vezes ajustar-se a regiões geográficas: é o caso da Andaluzia, que integra duas importantes unidades – a depressão do Guadalquivir e a Cordilheira bética - distintas embora contíguas e intimamente relacionadas. Mas é frequente que assim não aconteça<sup>300</sup>”.

Sobre os recursos económicos em face da população crescente, o autor comenta:

“Os estudos de geografia política apontam como áreas favoráveis à eclosão ou permanência de estados as faixas de contacto, onde se combinam naturezas diferentes com os recursos de economias complementares: a montanha pastoril e arborizada, com a planura despida de arvoredo e cultivada de cereais; um litoral de pesca com sertão agrário; áreas industriais ou mineiras com massas florestais, reserva de combustível, ou montanhas pobres, onde se acham disponibilidades de mão-de-obra na população que cresce onde minguam os recursos”.

Acerca da análise do sentido geográfico refere o especialista: “Assim, muitas destas regiões históricas carecem de sentido geográfico, porque reuniram no mesmo destino

<sup>296</sup> RIBEIRO, Orlando – *Regiões Históricas*, - Estratto dagli «Scritti geografici in onore di Riccardo Ricardi», Memorie della Società Geografica Italiana, Roma, 1976, pp. 723-724.

<sup>297</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 724.

<sup>298</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 725.

<sup>299</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 726.

<sup>300</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 726.

político fragmentos de diversas unidades naturais”. O estudo reflecte ainda sobre a região de “Aragão”:

“Para o geógrafo, Aragão não é mais do que um território, uma porção de espaço, que pode servir para localizar qualquer facto mas não serve para demarcar nenhuma divisão geográfica. No caso de “Castela-a-Velha é o caso diferente: a região histórica ajusta-se sem dificuldades à Meseta setentrional, enquadrada por montanhas drenadas todas pelo Douro: é na orla destas montanhas que se detém o limite geográfico da enorme depressão fechada, embora tradicionalmente alguma parte delas ainda lhe pertença e fosse dum país acidentado e pobre que partisse a Reconquista”<sup>301</sup>.

No tocante às regiões montanhosas Orlando Ribeiro define:

“É na montanha que no geral se encontram, ao mesmo tempo, regiões geográficas bem definidas e o desacordo destas com as regiões históricas. Compreende-se porquê: as terras montanhosas são pobres de recursos, de vida dura, necessitam do complemento económico das baixas adjacentes; por outro lado, as comunicações são muitas vezes difíceis no interior das cordilheiras e toda a vida de relação, os mercados, a transumância, as migrações periódicas, se orientam para os territórios ou cidades de sopé. Os Pirenéus não só separam dois estados como ainda, do lado espanhol, se repartem entre Catalunha, Aragão, Navarra, mantendo os diferentes troços entre si relações mais frouxas e difíceis do que com estas regiões históricas a que pertencem”, acrescentando: “A Cordilheira Central separa as duas Castelãs, em Espanha, e as duas Beiras, em Portugal”<sup>302</sup>.

Todavia no caso português salienta: “Grande parte da divisão tradicional da terra portuguesa assenta nos rios e nas montanhas, como alguns nomes de antigas províncias mostram só por si: Entre-Douro-e-Minho, posteriormente Minho, Entre-Tejo-e-Odiana, depois Alentejo, Trás-os-Montes”<sup>303</sup>. Contudo, da análise desenvolvida por Orlando Ribeiro, sobre a divisão administrativa, explana:

“Toda a divisão administrativa ou política importante carecia, no passado ainda mais do que hoje, de certa unidade económica que lhe permitisse subsistir quando as comunicações eram difíceis e restritas. Foi este o motivo por que certas regiões geográficas, extremamente pobres, nunca puderam adquirir individualmente histórica, antes viveram na órbita de territórios mais favorecidos – caso que as montanhas ilustram perfeitamente. Por outro lado, a acção administrativa precisa, para se exercer, de uma cabeça, de uma capital, e por isso se confundem muitas vezes divisões tradicionais com territórios de cidades ou vilas importantes, demarcadas pelos limites da acção urbana, dos seus mercados e feiras, das suas autoridades ou do seu prestígio. Terras de Bragança, Terra de Miranda, Campo de Calatrava, Campo de Montiel são designações de comarcas bem expressivas desta referência ao núcleo povoado preponderante, cujo valor geográfico deve ser estado a propósito das divisões tradicionais. A ausência de unidade geográfica necessária, a combinação de parcelas de regiões distintas, parece ser a regra em todos os tipos das chamadas regiões históricas”<sup>304</sup>.

Numa espécie de resenha acerca desta temática Orlando Ribeiro conclui:

“Si possono indicare con l’espressione «regioni storiche» tutte le divisioni, del presente o del passato, fondate su fatti d’ordine amministrativo, politico e nazionale.

I confini di Stato o di nazionalità sono spesso mutevoli o mal definiti. I confini più stabili, quelli che hanno acquisito un vero significato geográfico, dividono unità nazionali o anche umane. Le regioni storiche si sono di solito costituite intorno a

<sup>301</sup> RIBEIRO, Orlando - *Regiões Históricas*, - Estratto dagli «Scritti geografici in onore di Riccardo Ricardi», Memorie della Società Geografica Italiana, Roma, 1976, p. 727.

<sup>302</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 728.

<sup>303</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 728.

<sup>304</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 729.



città, ma queste spesso sono ubicate in zone di contatto tra unità geografiche diverse tra le quali si stabiliscono scambi. Così, le regioni storiche sono quasi sempre caratterizzate da mancanza di unità geográfica<sup>305</sup>.

### **1977, “Introduções Geográficas à História de Portugal”**

“Uma nação é apenas um produto da História. Um grupo de homens, unidos pela tradição comum, estabelecida, mantida e reforçada durante um longo passado de convivência, pela igualdade do falar, pela expressão dominante que entre eles tomam ideias e afectos, vive, ligado embora por estes laços morais, sobre um pedaço de solo<sup>306</sup>”.

Orlando Ribeiro pronuncia-se sobre as duas grandes Histórias de Portugal, de Fortunato de Almeida a partir de 1922 e a dirigida por Damião Peres a partir de 1928, proferindo o seguinte: “mau grado os seus defeitos, constituem ainda instrumentos de trabalho indispensáveis ao conhecimento do passado português<sup>307</sup>”.

O mencionado autor fala das “transformações históricas do litoral que se resumem à colmatagem de reentrâncias, à progressão de cabedelos, que tornam cada vez mais difícil a entrada de certos rios, às lagunas, que se separam em elementos rodeados de terra firme...”<sup>308</sup>. Note-se que sobre a importância dos portos Orlando Ribeiro esclarece: “Uma reconstituição do litoral e dos acessos ao respectivo «interior» é indispensável para se poder apreciar a importância histórica de qualquer porto<sup>309</sup>”.

Nesta obra o autor refere nomes importantes da historiografia portuguesa e estrangeira como: Oliveira Martins; Vidal de la Blanche; Jaime Cortesão; R. Menéndez Pidal; Eduardo Hernández-Pacheco; David Lopes; Leite de Vasconcellos; Lucien Fèbvre; Marc Bloch; Fernand Braudel; Vitorino Magalhães Godinho; Damião Peres; Albert-Alain Bourdon (1970).

Na perspectiva de Orlando Ribeiro, todos estes historiadores muito contribuíram para o desenvolvimento da história de Portugal.

### **1978, “A Terra e a Variedade Humana – As Raças”**

Divulgada na Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, separata, Vol. XIII-25 Lisboa, o autor pronuncia-se sobre a colonização:

“A colonização levou a raça branca ao oeste da Sibéria à África do Sul e à maior parte da América. O elemento branco puro apenas prepondera nos Estados Unidos e no Canadá, tanto anglo-saxónico como francês. Na América ibérica, os Brancos mestiçaram-se com Índios e Pretos e, embora constituam geralmente os quadros da vida social são nalguns estados, às vezes franca minoria<sup>310</sup>”.

Logo, sobre o desenvolvimento das grandes cidades, Orlando Ribeiro insurge-se:

---

<sup>305</sup> Idem, *Ibidem*, 1976, p. 729.

<sup>306</sup> RIBEIRO, Orlando – “Introduções Geográficas à História de Portugal – Estudo Crítico”, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1977, p.19.

<sup>307</sup> Idem, *Ibidem*, 1977, p.51.

<sup>308</sup> Idem, *Ibidem*, 1977, pp. 97-98.

<sup>309</sup> Idem, *Ibidem*, 1977, p. 98.

<sup>310</sup> RIBEIRO, Orlando - *A Terra e a Variedade Humana - As Raças*, ‘Finisterra’: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XIII, (25), Lisboa, 1978, p. 8.

“A raça amarela é a que reúne a maior parte da humanidade (só a de civilização chinesa e suas derivadas, mais de um quarto da espécie humana) a que alcançou, ao mesmo tempo, as mais elevadas e antigas densidades agrárias a que conta pelo seu desenvolvimento recente, algumas grandes cidades do mundo...”<sup>311</sup>.

Portanto e ainda sobre a mesma análise podemos verificar o que comenta o autor sobre a colonização americana:

“A colonização americana teria sido impossível ou, pelo menos muito mais difícil, sem a imediata formação de uma activa geração mestiça, que foi elemento importante na conquista e povoamento das terras novas, conglomerado inicial de povoações interiores e laço de união com as tribos índias do interior continental. Representa um elemento de equilíbrio do triângulo racial actuante: o Branco conquistador, o Índio conquistado e o Negro importado. O processo de fusão étnica continua ainda hoje e continuará até que se chegue a um tipo uniforme e relativamente homogéneo”<sup>312</sup>.

O autor sobre este tema e como que uma sinopse complementa:

“Le grand problème du métissage est illustré par l'exemple de l'Amérique ibérique. Les types de rapports sociaux qui découlent des diverses formes du métissage y sont particulièrement variés et visibles. Les cas des Etats-Unis et de l'Afrique du Sud sont ensuite présentés et introduisent à l'étude critique de préjugés raciaux et de l'apartheid. Les réalisations comparées des grandes races humaines ne permettent de conclure à aucune classification de valeur, mais certaines races se trouvent aujourd'hui en régression, alors que la plupart sont en forte expansion. Les problèmes «raciaux» actuels sont en réalité des conflits politiques ou de civilisation”<sup>313</sup>.

### **1978, “O Brasil : Evolução Singular no Império Português”**

Publicado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o autor sobre o achamento e organização do Brasil, comenta:

“O argumento decisivo (se o há) é a proposta do desvio do meridiano de Tordesilhas para Oeste, na previsão de encontro, não de mares inúteis, mas de terras em cuja ocupação Espanhóis e Portugueses iriam participar, criando não raro irritantes problemas de fronteiras”<sup>314</sup>.

No que respeita à procedência dos colonos, o autor fala da sua origem desta forma:

“No Sul do Brasil, São Paulo em particular, foram numerosos os colonos de procedência espanhola, sobretudo Sevilhanos. Em todo o país também se fixaram Flamengos, Italianos, Alemães e Ingleses, sendo exigência única para a sua admissão que professassem a religião católica. Uma fracção importante de Judeus ibéricos – alguns dos quais só aparentemente cristianizados – aqui também se localizou, em particular nas zonas de comércio internacional, como era o caso então da região açucareira. Com a sua experiência de negócios e com as suas ligações com os centros capitalistas do Norte da Europa, contribuíram para a expansão da produção colonial”<sup>315</sup>.

O desenvolvimento teve grande preponderância no seio da economia do país e esclarece:

“A agro-indústria do açúcar lançou os fundamentos sociais e económicos do Brasil e não só fixou o Branco à terra, como fez trazer da África o Negro como escravo. Assim, a grande propriedade rural, voltada para a produção de um só produto, utilizando a mão-de-obra escrava, deu o carácter marcante da história brasileira”.

<sup>311</sup> Idem, *Ibidem*, 1978, p. 11.

<sup>312</sup> Idem, *Ibidem*, 1978, p. 18.

<sup>313</sup> Idem, *Ibidem*, 1978, p. 33.

<sup>314</sup> RIBEIRO, Orlando - *O Brasil: Evolução Singular no Império Português*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de História Económica e Social, Coimbra, 1978, p. 231.

<sup>315</sup> RIBEIRO, Orlando – *O Brasil: Evolução Singular no Império Português*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de História Económica e Social, Coimbra, 1978, Coimbra, 1978, pp. 233-234.

“...Calcula-se que só no século XVII o açúcar produziu 200 milhões de libras esterlinas, quantia que excede a de toda a produção de ouro do Brasil: isto indica a importância fundamental dessa actividade económica na história do país”<sup>316</sup>.

O autor fala-nos de uma outra fonte de riqueza e no que concerne à mineração diz:

“Os colonizadores portugueses do Brasil tinham, desde os primeiros anos do século XVI, procurado metais e pedras preciosas; o resultado tinha sido sempre, porém, insatisfatório. Mas com o desbravamento do interior pelos bandeirantes surgiram os primeiros descobrimentos de ouro”<sup>317</sup>.

Orlando Ribeiro explica também um pouco sobre a independência do Brasil com a proclamação do imperador por volta de 1822 e o reconhecimento da independência através das Cortes de 1825, da recolha desta análise esclarece:

“D João VI deu ao Brasil as raízes da sua independência, seu filho colheu os frutos. Uma grande nação nascia assim de reis e de filhos – nada nela recordará (a não ser revoltas sem consequências uma América fragmentada. Por um paradoxo aparente, ao grande esfacelamento ibérico, consequência da história e do isolamento de vários futuros estados, corresponderá, do outro lado do Atlântico, a unidade lusitana”<sup>318</sup>.

O autor evoca o pensamento de Herculano ao dizer: “Disse Herculano que, com a independência, o Brasil se tornaria a maior colónia de Portugal”<sup>319</sup>. E ainda sobre os colonos portugueses refere: “O colono português é considerado bom trabalhador, ordeiro, disciplinado, sempre pronto a abrir a bolsa e contribuir com o seu óbolo quando o peditório oficial ou semi-oficial lhe vem bater à porta”<sup>320</sup>.

Ainda sobre os emigrantes portugueses o autor comenta:

“O Português no Brasil é tido como trabalhador, áspero ao ganho, desejoso de alcançar promoção social pelo único meio que a confere. Por isso é às vezes visto com maus olhos, competitivo perante a indolência, preferido pelas suas qualidades de esforço perante certo desleixo e deixar ir. É provável que país tenha colocado no Brasil alguns «retornados» de iniciativa e, em compensação, se veja a braços com um número cada vez maior de arruaceiros. Os outros ajudaram a fazer um Brasil português, estes desmantelam a pátria, já de si tão carecida de «ordem e progresso». E assim vão os ventos da História...”<sup>321</sup>.

### **1978, “La Leçon de Carl Troll – (1899-1975)”**

Em 1920 foi Professor de Geografia colonial em Berlim, possui conhecimentos da colonização espanhola, dedicando-se mais tarde à Geografia Económica. Ao longo da sua carreira, preocupa-se com a planificação colonial et da possibilidade da colonização das regiões tropicais com a ajuda dos Europeus. Estuda ainda a estrutura géo-económica da América do sul tropical e da subdivisão dos Andes tropicais. Por volta de 1937, terá completado toda a região da África tropical de L’est e a compara à Cordilheira dos Andes a nível de clima vegetação modos de vida indígena. Mas neste mesmo ano dirige uma expedição aos Himalaias, embora não tivesse corrido tudo bem pelo facto de uma avalanche ter levado sete dos seus nove colaboradores. Note-se que com este trágico episódio não o

<sup>316</sup> Idem, Ibidem, Coimbra, 1978, p. 237-238.

<sup>317</sup> Idem, Ibidem, Coimbra, 1978, p. 238.

<sup>318</sup> Idem, Ibidem, Coimbra, 1978, p. 240.

<sup>319</sup> Idem, Ibidem, Coimbra, 1978, p. 241.

<sup>320</sup> Idem, Ibidem, Coimbra, 1978, p. 241.

<sup>321</sup> Idem, Ibidem, Coimbra, 1978, p. 242.

impediram de prosseguir os seus propósitos sobre as altas montanhas da Ásia Central e de Abissínia.

“Méticuleux et indépendant dans toutes ses activités, communicatif et animable, enclin à un serein optimisme, il a laissé à ses collègues allemands et étrangers un regret ému et à ses nombreux élèves le juste orgueil d’avoir eu un maître fascinant”<sup>322</sup>.

### **1979, “Sociedade Humana e Ambiente, no Tempo - Temas e Problemas de Geografia Histórica”**

Através da nota preliminar do estudo realizado por Gaetano Ferro, Orlando Ribeiro recorda:

“Pertença a uma das últimas gerações que, em Portugal, ainda frequentaram uma licenciatura de História e Geografia. Se completei esta formação com a de naturalista, sem a qual não há geógrafo digno deste nome, estudei biologia e fiz investigação e levantamentos geológicos, por gosto de andar a pé e por necessidade deste apoio que faltava para os meus trabalhos de Geomorfologia, nunca deixei de estudar História. No fim da vida talvez leia mais livros e artigos de História...”<sup>323</sup>.

### **1979, “África e América : Visão Comparativa há um Século”**

O autor comenta que não existe analogia possível entre: “os rios navegáveis da América e aos rápidos e cataratas que dificultam a penetração africana”<sup>324</sup>. Orlando Ribeiro sobre a viagem de Colombo esclarece:

“A descoberta do Novo Mundo fez-se em 27 anos, pois tantos mediarão entre a viagem de Colombo e a de Magalhães. A descoberta do litoral africano durou de 1424, primeira expedição às Canárias, até se dobrar o Cabo da Boa Esperança, virtual encontro do caminho marítimo para a Índia, em 1486; a grande viagem de relação de Vasco da Gama só veio a fazer-se em 1498”<sup>325</sup>.

O investigador diz ainda que existe uma analogia mas é aparente, que esconde profunda diferença no destino humano e por esse facto faz o seguinte comentário:

“A América é um mundo novo, com as suas riquezas minerais e o rápido incremento e prosperidade que toma uma plantação mediterrânea, rapidamente transformada na maior plantação tropical: a cana-de-açúcar. O papel da África vai ser o de sustentar a prosperidade que a América alcançou em poucos anos: fornecer a mão-de-obra servil para a lavoura e o fabrico da cana, pois os índios mexicanos e peruanos são, até ao garimpo feito com Negros nas Minas Gerais, os trabalhadores das minas de ouro, de prata, de mercúrio”. Por esse facto, o autor cita CADORNEGA (1690) “... A África será, até à sua tardia emancipação, terra de escravos de servos, de serviçais compelidos ao duro trabalho dos senhores brancos. Este estigma pesa ainda sobre a sua história”<sup>326</sup>.

---

<sup>322</sup> RIBEIRO, Orlando - “La Leçon de Carl Troll – (1899 -1975)”, «Finisterra»: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Vol. XIII, Nº 26, Lisboa 1978, p. 167.

<sup>323</sup> RIBEIRO, Orlando – “Nota Preliminar” in Gaetano Ferro, Sociedade Humana e Ambiente, no Tempo - Temas e Problemas de Geografia Histórica, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p.19. Trad., de Carminda Cavaco. Do Original Italiano intitulado “Società Umane e Natura nel Tempo Temi e problemi di Geografia Storica – Milano, 1974.

<sup>324</sup> RIBEIRO, Orlando - “África e América : Visão Comparativa há um Século”, Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XIV, nº 27, Lisboa, 1979, p. 97.

<sup>325</sup> Idem, Ibidem, 1979, p. 97.

<sup>326</sup> Idem, Ibidem, 1979, p. 98.

### **1979, “A Universidade e a Criação Científica”**

Orlando Ribeiro neste artigo fala-nos da criação de Institutos e de Centros de Investigação dentro das Universidades Portuguesas. Referia-se também dos magros subsídios que essas instituições recebiam que não chegavam para pagar aos funcionários.

Ainda sobre a Universidade o autor refere: “A Universidade não pretende outro privilégio que não seja a primazia da inteligência e a melhor utilização dos seus recursos”<sup>327</sup>.

### **1980, “Le Caroubier, ses Conditions Naturelles, son Expansion, ses rapports avec L’agriculture”**

O autor desenvolveu um estudo que veio a ser tema do Simpósio sobre a Geratonia Siliqua L. no Mundo Mediterrâneo. Comentou sobre a alfarrobeira no Algarve, específica dos terrenos calcários<sup>328</sup>.

### **1980, “O Alcorão em Português”**

Também a história religiosa teve bastante significado na vida de Orlando Ribeiro quando escreve um artigo em 30 de Setembro de 1980 no Diário de Notícias com o título: “O Alcorão em português”, quando diz: “Portugal está profundamente ligado ao Islame. Pela história, pois embora se possam buscar raízes mais profundas, foi com a reconquista que se reconstituiu a nação e definiu a forma do seu corpo político” os mouros permaneceram em 18 mourarias, bairros próprios, onde se lhes permitiam a crença e os usos, todas ao sul do Tejo ou perto dele: extintas com a Inquisição, o rasto deles só se perde no século XVII”. Orlando Ribeiro explica ainda: As duas grandes miragens da nossa História não foram o Brasil nem Angola e Moçambique, mas o domínio de Marrocos”. Quase no final deste estudo o autor refere: “Os portugueses que seguem a religião islâmica são assim inteiramente originários das antigas províncias ultramarinas”<sup>329</sup>.

### **1980, “Jules Daveau, Botânico Francês ao Serviço de Portugal”**

O autor dedicou este estudo a propósito do cinquentenário da morte de Jules Daveau, por ter sido o criador do Jardim Botânico e pela sua importância científica da Faculdade de Ciências de Lisboa<sup>330</sup>.

### **1981, “Ruços Além”**

Orlando Ribeiro faz uma analogia entre os “velhos investigadores e o própria tema deste artigo que publicou no Diário de Notícias em Maio de 1981, onde explica que “Fernão

---

<sup>327</sup> RIBEIRO, Orlando - “A Universidade e a Criação Científica”. Diário de Notícias, Lisboa, 1979, p. 3

<sup>328</sup> RIBEIRO, Orlando - Le Caroubier, ses Conditions Naturelles, son Expansion, ses rapports avec L’agriculture , Portugaliae Acta Biologica, Lisboa, Série A, XVI (1-4), 1980, p. 3-10.

<sup>329</sup> RIBEIRO, Orlando - *O Alcorão em português*, Diário de Notícias, 1980, p. 2.

<sup>330</sup> RIBEIRO, Orlando - “Jules Daveau, Botânico Francês ao Serviço de Portugal”, Diário de Notícias, Lisboa, 8 de Julho de 1980, p. 2. Ver: Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro, coligida e anotada por Ilídio do Amaral, Lisboa, 1981, p. 83.

Lopes, com incomparável vivacidade, que D. João I preparou no maior sigilo a expedição a Ceuta<sup>331</sup>. Segundo Orlando Ribeiro, quando os jovens cavaleiros, ávidos de comprovar o seu valor pelas armas, manifestaram um ruidoso entusiasmo, por esse facto um determinado velho teria dito “Ruços, além! Ruços” o que significara homens de cabelos brancos. Tratava-se de “gente idosa ainda capaz de acompanhar os novos com o exemplo e a experiência”.

Segundo o referido autor esta analogia veio a propósito de alguém ter decidido que os “investigadores jubilados” poderiam dedicar-se à investigação sem receber nada por esse facto. Contudo o presidente do I.N.I.C. da época teria optado por dizer que os docentes jubilados continuariam a receber, se não exercessem nenhuma profissão liberal.

Sobre esta temática Orlando Ribeiro comenta: “Esta medida trás aos investigadores jubilados grande reconforto e preciosa ajuda há sempre que comprar livros e manter contactos científicos<sup>332</sup>”.

### **1981, “A Colonização de Angola e o seu Fracasso”**

Publicado em Lisboa pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, através da Colecção Estudos Portugueses, com mais de 459 páginas. Orlando Ribeiro elaborou uma análise sobre Angola no contexto do Ultramar, fazendo de carácter comparativo com o trabalho anteriormente desenvolvido em África e América, Angola e Brasil, as analogias e divergências, explica os motivos do desenvolvimento tardio de Angola, o preço da independência, e ainda afirma: “A colonização Portuguesa de Angola saldou-se por um fracasso que é necessário não iludir para tentar compreender e explicar. A comparação com o Brasil forneceu ao autor a mais forte linha interpretativa: outra conjuntura, sobretudo outra dimensão histórica<sup>333</sup>. A comparação entre traços físicos e humanos da África e da América e entre a colonização portuguesa de Angola e do Brasil tomou grande desenvolvimento, segundo o referido autor por nunca ter sido delineada dentro de forma sistemática.

O cientista faz uma análise sobre a colonização em Angola, e dos motivos que levaram ao fracasso e defende: “O Brasil e as Colónias Portuguesas (1880) é uma espécie de complemento à História de Portugal e à História da Civilização Ibérica que acabava de escrever. Não é um panorama completo da expansão porque lhe faltam as «conquistas» do Oriente<sup>334</sup>”.

Orlando Ribeiro neste seu estudo lembra Oliveira Martins, e comenta o facto deste ter omitido “a tentativa de colonização de Pernambuco, em plena zona tropical, em que os holandeses se empenharam a fundo e teriam levado por diante se as guerras da Restauração os não tivessem expulso do território”. Por este motivo esclarece:

“Os holandeses foram, sem dúvida, excelentes colonos, mas o seu arreigado racismo criou no mundo uma das mais perigosas tensões humanas que existem.

---

<sup>331</sup> RIBEIRO, Orlando – “Ruços Além”, Diário de Notícias, Lisboa, Maio, 1981, p. 2.

<sup>332</sup> Idem, Ibidem, 1981, p. 2.

<sup>333</sup> RIBEIRO, Orlando - “A Colonização de Angola e o seu Fracasso”, Estudos Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1981, p. 17.

<sup>334</sup> Idem, Ibidem, 1981, p. 209.

Só que no tempo de Oliveira Martins não se lhe ligava importância e o valor de um colono media-se pela sua capacidade económica<sup>335</sup>.

Relacionado com a Fundação do Império do Brasil, Orlando Ribeiro elucida ainda: “O Brasil deve muito do que é às circunstâncias históricas que, com o exílio de João VI, transformaram a antiga colónia, há muito chamada de reino, em império com um imperador português legítimo de 1807 a 1821”<sup>336</sup>.

### **1981, “Las Ciudades Ibéricas Tradicionales y su Expansion por el Mundo”<sup>337</sup>**

Este tema seria apresentado no I Colóquio Ibérico de Geografia em 1980 em Salamanca, Espanha.

### **1982, “Le Portugal Central”**

Orlando Ribeiro desenvolve uma análise sobre a economia agrária de Portugal e por esse facto faz um comentário sobre os produtos dominantes:

“C’est lui, cependant, qui en tant que céréale dominante, commande l’organisation du terroir. Autour de sa tige, comme autour d’un tuteur, grimpent les haricots ; on fait des cultures intercalaires de choux et de citrouilles ; à la périphérie des champs, des rideaux de vignes et d’arbres fruitiers, parmi lesquels l’olivier, rappellent encore l’aspect bocager qui est celui des régions très humides et très peuplées du Nord-Ouest de Portugal”<sup>338</sup>

### **1986, “Iniciação em Geografia Humana”**

Orlando Ribeiro nesta obra lembra: “O tempo pré-histórico, muito alargado por descobertas recentes e novos métodos de datagem, alcança já uns quatro milhões de anos: ele recobre, por um lado, o tempo geológico, no derradeiro período da história da Terra”<sup>339</sup>. E comenta sobre o tempo da história e o tempo da humanidade dizendo:

“O tempo da história, que pode computar-se em cinco ou seis mil anos, é uma fracção mínima do tempo da humanidade, oitocentas vezes superior”. O autor cita (F. Braudel) quando afirma:

“Dentro dele há rimos diferentes: «uma história quase imóvel, a do homem nas suas relações com o ambiente que o rodeia» e que se confunde com a geografia; a história «lentamente ritmada» dos agrupamentos humanos e das estruturas que lhes dão coesão e aparência – a história da civilização com que depara, a cada passo, a geografia humana”<sup>340</sup>.

É importante realçar o ponto de vista do investigador sobre o papel das grandes civilizações e por isso esclarece ainda:

---

<sup>335</sup> RIBEIRO, Orlando - “A Colonização de Angola e o seu Fracasso”, Estudos Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1981, p. 222.

<sup>336</sup> Idem, Ibidem, 1981, p. 288.

<sup>337</sup> RIBEIRO, Orlando - “Las Ciudades Ibéricas tradicionales y su expansion por el Mundo”, I Colóquio Iberico de Geografia, 1980, Universidade de Salamanca, Salamanca, 1981, pp. 213-217.

<sup>338</sup> RIBEIRO, Orlando - “Le Portugal Central”, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisbonne, 1982, p. 22,

<sup>339</sup> RIBEIRO, Orlando - “Iniciação em Geografia Humana”, Coleção Humanismo e Ciência. Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1986, p. 18.

<sup>340</sup> Idem, Ibidem, 1986, p. 18.

“...não parece lícito deixar de considerar o papel que as grandes civilizações (isto é, as civilizações históricas) exercem na formação da densidade. Por um lado, todos os seus focos se situam nas áreas que mais contribuíram para o desenvolvimento do património humano, tanto no mundo das invenções técnicas como no da vida espiritual. Por outro lado, só as grandes civilizações que subsistiram, e especialmente as que chegaram até hoje conservando a sua poderosa originalidade, se revelaram aptas a criar elevadas densidades de população”<sup>341</sup>.

### **1987, “Mediterrâneo Ambiente e Tradição”**

Através da Fundação Calouste Gulbenkian, Orlando Ribeiro elucida «Os caminhos da história», escreve:

“Em nenhum outro espaço do Globo as relações da geografia e da história formam, como no Mediterrâneo, uma trama espessa e indissolúvel. É preciso considerar a persistência das condições naturais e a continuidade do esforço humano para compreender a gente e os lugares. Até ao fim da Idade Média pertenceu ao Mediterrâneo o privilégio de conduzir a história do Ocidente ou de participar nela em grau elevado. As grandes civilizações do Oriente clássico são, em parte, civilizações de oásis, estabelecidas nos confins do deserto e difundindo através dele múltiplas influências”<sup>342</sup>.

E sobre a navegação, o autor refere ainda:

“É inegável também que a navegação aqui encontrou condições favoráveis, suscitando o desenvolvimento da vida de relação ao longo dos abrigos costeiros, fermento do surto urbano e das mais antigas formas do que se poderia chamar uma expansão colonial sem mudança sem lhes alterar os modos de subsistência, difunde, em toda a parte e com igual êxito, as mesmas técnicas e os mesmos produtos, encontra sítios semelhantes para fundar as cidades” ...”E este esparzimento de gente em lugares afins pela natureza, reforça, por sua vez, o ar de família que aproxima as colónias das metrópoles”<sup>343</sup>.

### **1987, “A Formação de Portugal”**

Orlando Ribeiro sobre a Formação de Portugal e o seu destino comenta:

“...o destino histórico separou o Norte de Portugal da Galiza, que pertence à mesma fachada atlântica em à parte os recessos das rias que dão maior peso à sua vida marítima, na paisagem, na língua, na índole dos habitantes, na emigração e na riqueza do seu lirismo, é o mais «português» dos territórios espanhóis”<sup>344</sup>. “A Nação não é uma consequência do território ou da «Raça», mas da própria história: tudo o que em contrário se tem escrito é inaceitável à luz de conceitos actuais da ciência”<sup>345</sup>.

O mesmo autor esclarece que nos alvares da história estiveram ligados com o mesmo objectivo os Fenícios, Gregos e Cartagineses, vindos por mar pela forma como estabeleceram feitorias no litoral onde mantiveram relações com os indígenas, exploraram ou

---

<sup>341</sup> Idem, *Ibidem*, 1986, p. 71.

<sup>342</sup> RIBEIRO, Orlando – “Mediterrâneo Ambiente e Tradição”, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª edição, Lisboa, 1987, p. 283.

<sup>343</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, pp. 301-302.

<sup>344</sup> RIBEIRO, Orlando – “A Formação de Portugal, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1ª edição, 1987, pp. 23-24

<sup>345</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, p. 25.



incrementaram a exploração das riquezas mineiras e trocaram pelos artefactos as matérias-primas<sup>346</sup>.

O investigador faz uma análise no que diz respeito à romanização que se manifestou em todo o território português verificou-se uma profunda transformação das paisagens e modos de vida que se fez notar, passando pelas divisões administrativas romanas que se ajustaram aos anteriores limites étnicos, o que teriam influenciado a fixação do traçado da fronteira do Estado Português<sup>347</sup>.

Também as invasões germânicas correspondem a um importante episódio político e militar que não trouxe nenhuma alteração considerável ao estilo de vida das populações peninsulares. Mas no que respeita à cooperação para o desenvolvimento da civilização no Sul do País, o mesmo autor menciona os muçulmanos, como sendo aqueles que deram um especial auxílio durante um período de quatro a cinco séculos e por esse facto refere que foram aqueles que deram um contributo idêntico aos dos Romanos<sup>348</sup>. Note-se que a Reconquista portuguesa segundo Orlando Ribeiro, vai desenvolver-se rapidamente durante o período de pouco mais de um século, entre as primeiras acções militares de Afonso Henriques e a ocupação das últimas povoações do Algarve, apoiados pelas ordens militares e frotas dos cruzados os primeiros reis de Portugal deslocam-se para a foz dos rios<sup>349</sup>.

Ainda sobre as Origens de Portugal o referido autor lembra a importância dos dois estudos de Torquato de Sousa sobre “Reflexões sobre a Origem e a Formação de Portugal”, (Coimbra, 1962) e ainda “Contribuição para o estudo das Origens do Povo Português”, (Sá da Bandeira, 1970). Evoca algumas contradições de Torquato Soares e Sánchez-Albornoz, recorda J. Leite de Vasconcellos e Alberto Sampaio quando afirmam que “o território português parece dividir-se em duas regiões, uma isolada e arcaizante, onde as cidades são raras como é o caso de Braga e Chaves, a outra mais aberta e com uma economia urbana florescente”<sup>350</sup>.

### **1987, Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico”**

Nesta obra o autor comenta sobre os aglomerados que se fizeram em várias regiões do país. Dá exemplo da dispersão das habitações antigas do Noroeste que no tempo dos romanos se despovoaram.

Orlando Ribeiro esclarece sobre o conceito da população e as diversas formas de povoamento, elucida sobre a economia, a vida agrária, das grandes propriedades, explica alguns conceitos da pressão demográfica e sobre esta situação comenta:

“A população de Portugal, que era de 8 292 000 habitantes em 1960, duplicou em menos de um século. De 38 por Km<sup>2</sup> em 1841, a densidade foi subindo a 52 em 1890, a 81 em 1940 e a 93 em 1960; em 1970 observou-se estagnação ou até ligeiro declínio, causado pela desordenada emigração”<sup>351</sup>. E continua dizendo: “A

<sup>346</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, p. 32.

<sup>347</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, p. 36.

<sup>348</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, p. 39.

<sup>349</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, p. 48.

<sup>350</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, p. 71-73.

<sup>351</sup> RIBEIRO, Orlando - “Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico”. Livraria Sá da Costa Editora, 1987, p. 98.

emigração filia-se tanto numa tendência histórica como no rápido aumento da população”.

Lembra o “precioso recenseamento de fogos, ordenado em 1527 sobre o referido país que nos permite apreciar as diversas transformações posteriores a essa data, pouco mais ou menos a da difusão do milho graúdo”<sup>352</sup>.

Sobre a reconquista e a formação do Estado foram temas abordados pelo investigador e esclarece:

“Separada para sempre da Galiza, à qual a ligavam a mesma natureza, a mesma economia, a língua e a cultura comum, a metade setentrional de Portugal vai empreender, numa luta de mais de dois séculos, a Reconquista da outra metade, incorporando assim no património da Nação regiões que o quadro físico e a evolução histórica tornavam assaz diversas”.

Orlando Ribeiro deu também importância nesta obra, à análise dos movimentos para as regiões de maior cultura do trigo e do arroz, carenciados de braços nos momentos culminantes das fainas agrícolas, por esse facto vamos assistir ao deslocamento da população e segundo o referido autor, “o fluxo humano da reconquista é, essencialmente, um fenómeno deste tipo”<sup>353</sup>.

### **1989, “A Vida de Goethe. Poesia e Verdade”**

Orlando Ribeiro nesta análise comenta que «Goethe» se dedicou principalmente ao ensino da geografia, chegando a ser considerado o renovador desta ciência em Portugal, no século XX<sup>354</sup>.

### **1998, “As Transformações do Povoamento e das Culturas na área de Pinhal Novo”**

Edição da Junta de Freguesia de Pinhal Novo, 1998, p. 35, sobre esta temática, José António Cabrita, comenta quais as verdadeiras intenções do autor sobre este estudo, e então explica que Orlando Ribeiro compara as transformações espaciais patentes nas cartas geográficas de 1892 e 1942, acentuando a contribuição nesse processo, sobre a implantação do caminho-de-ferro, e das opções económicas de José Maria dos Santos, quer ainda, da importância do movimento migratório protagonizado pelos ‘caramelos’, constituindo um dos primeiros documentos conhecidos que, com relevância científica legitimada, nos oferece uma abordagem da designada “região de Pinhal Novo”<sup>355</sup>.

---

<sup>352</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, p. 121.

<sup>353</sup> Idem, *Ibidem*, 1987, p. 139.

<sup>354</sup> RIBEIRO, Orlando – “A Vida de Goethe. Poesia e Verdade”, *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, 5ª série, 12, 1989, pp. 37-46.

<sup>355</sup> RIBEIRO, Orlando e Ribeiro, J. - “As Transformações do Povoamento e das Culturas na área de Pinhal Novo”, prefácio de José António Cabrita, Edição da Junta de Freguesia de Pinhal Novo, 1998, p. 9-14.

## CONCLUSÃO

Como diz Jorge Gaspar a obra científica de Orlando Ribeiro radica, em três áreas de influências fundamentais: a portuguesa, a francesa e alemã<sup>356</sup>. Por esse facto a actividade de Orlando Ribeiro foi o produto de um geógrafo inserido na sua época e na sua sociedade, representando o fruto de uma leitura pluridisciplinar. A obra publicada do referido autor organiza-se fundamentalmente em seis tipos de trabalhos: grandes sínteses; notícias de investigação; pistas e hipóteses de trabalho; monografias; ensaios de reflexão; prefácios, recensões e outras<sup>357</sup>.

José Mattoso no 1º volume da sua obra publicada em 1985, “Identificação de um País – Ensaio sobre as Origens de Portugal 1096-1325”, comenta que se deve a Orlando Ribeiro a formulação mais clara, mais completa e ao mesmo tempo mais elaborada da oposição entre o Norte e o Sul do território português.

“Montanha e planície resumem [...] o aspecto das duas metades de Portugal. Mas é preciso dar um toque nesta fórmula: montanha, com vastas áreas lisas onde o relevo se sente apenas nos ásperos declives que as limitam; planície, tantas vezes molemente ondulada, com silhuetas azuladas de cimos no horizonte de quase todos os lugares. Em todo o caso, duas vocações humanas: de um lado, terras abertas, caminhos fáceis, vastas áreas permeáveis a influências estranhas, por onde alastram os tons uniformes das mesmas civilizações; do outro, mil obstáculos que impõem ou permitem o isolamento, fundos vales que separaram, montes que limitam, planaltos defendidos por ladeiras ínvias, terras pobres, primitivas, arcaizantes...”<sup>358</sup>.

Quanto aos condicionalismos culturais o autor esclarece com a reflexão de Orlando Ribeiro:

“A cultura fazia-se apenas à roda das povoações e ao longo dos cursos de água. Sobre o terreno ondulado, nos areais da beira-mar, nos cascalheiros que enquadram o curso dos rios, apenas havia o matagal interminável de estevas, lentiscos e medronheiros. De longe em longe derrotava-se um pedaço, chegava-se fogo aos ramos ressequidos, semeando-se na cinza fertilizante. Mas depois de dois ou três anos de seara, tudo voltava ao brávio primitivo”<sup>359</sup>.

Note-se ainda o comentário sobre as descrições dos geógrafos árabes, sobre eles Orlando Ribeiro elucida: “As descrições dos geógrafos árabes, ao deixarem na sombra o espaço rural, para além de uma certa distância das cidades, pode dar a impressão que a maioria da zona rural era desabitada”<sup>360</sup>.

---

<sup>356</sup> GASPAR, Jorge - “O Jubileu de Orlando Ribeiro – Um Marco Simbólico na Geografia Portuguesa”, Revista «O Professor», Edições o professor, Lda., Lisboa, Nº 29, (Nova Série), Junho, 1981, p. 30.

<sup>357</sup> Idem, *Ibidem* - 1981, p. 31.

<sup>358</sup> MATTOSO, José - Identificação de um País – Ensaio sobre as Origens de Portugal 1096-1325, Editorial Estampa, Lisboa, 1985, p. 28.

<sup>359</sup> Idem, *Ibidem*, 1985, p. 30.

<sup>360</sup> Idem, *Ibidem*, 1985, p. 30.

Mas na edição de 1986 no II volume sobre “Identificação de um País – Ensaio sobre as Origens de Portugal 1096-1325”, José Mattoso pronuncia-se sobre Orlando Ribeiro e explica os fenómenos que existiam entre as regiões e as gentes do norte com as do sul, comentando o papel preponderante dos mercadores e almocreves e por isso comenta o seu pensamento:

“A acção do homem teve larga parte no atenuar destes contrastes...Tavez se pudessem distinguir, na mistura destes elementos, a acção de duas correntes. A mais antiga caminhou do sul para o norte: os Romanos levaram a gente dos redutos castrejos a praticar uma agricultura regular com base na produção de cereais; na alta Idade Média difundiu-se a vinha em terras de cidra e de cerveja e o centeio nas montanhas; modernamente, apenas a oliveira caminhou no mesmo sentido... A outra corrente, dirigida do norte para o sul, mais moderna, tomou também maior importância: porque, além dos produtos da terra, afectou os homens que nela vivem e trabalham. A Reconquista desencadeou o movimento de gente do noroeste para o sul e o interior, que em várias épocas recebeu incremento; e, ainda nos nossos dias, prossegue este fluxo de colonização interna, importante, se não pela massa, ao menos pela continuidade com que se tem manifestado... Nesta mistura de gente e de plantas, assim como na variedade das regiões reside o segredo da unificação portuguesa. Áreas próximas e muito diferentes, faltam-lhes todavia condições de vida próprias. Que seria do Norte, superpovoado, se lhe houvesse estancado a emigração? Que seria do «celeiro» alentejano se as regiões de população densa lhe não consumissem os produtos da terra?”<sup>361</sup>.

Também Carlos Alberto Medeiros transmitiu o seguinte pensamento de Orlando Ribeiro:

“Os Princípios da Geografia Humana, com o seu constante apelo à observação e ao passado, consolidaram as duas tendências do meu espírito. A Geografia, em tudo o que toca o homem, era como uma maneira de ver e sentir o que da História persistiu até nós. Nunca mais deixei de associar estreitamente as duas ciências”<sup>362</sup>.

O mesmo autor refere ainda:

“A larga maioria dos seus trabalhos foi difundida em português, mas Orlando Ribeiro escreveu directamente em francês e em castelhano um número significativo (...); há ainda outros que apareceram traduzidos em italiano, inglês e alemão”<sup>363</sup>.

Como diz Carlos Alberto Medeiros “não é fácil sistematizar a ampla diversidade de temas tratados” e por isso esclarece: “os estudos relativos a Portugal ocupam parcela relevante, mas todo um conjunto de territórios mais ou menos vastos, de regiões, de aglomerações urbanas de diferentes partes do mundo são também analisados ou tomados como exemplos”<sup>364</sup>. Os seus estudos enquadram-se no âmbito Geografia, da Geologia, da

<sup>361</sup> MATTOSO, José - *Identificação de um País – Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Vol. II, Imprensa Universitária, Editorial Estampa, o. cit., (1986, p. 191. (Orlando Ribeiro, 1967, pp. 159-160).

<sup>362</sup> MEDEIROS, Carlos Alberto – “A Geografia no Sentir de Orlando Ribeiro”. Centro de Estudos Geográficos. Departamento do Ensino Secundário – Ministério da Educação, Lisboa, 1998, p.11.

<sup>363</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 1998, p. 18.

<sup>364</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 1998, p. 23.

História, da Etnologia e de assuntos que se prendem com a organização da vida universitária e científica. Segundo Carlos Medeiros, “A história era para ele essencial, na medida em que só através da reconstituição da génese e da evolução das paisagens transformadas pelo homem, conseguia atingir a compreensão das mesmas”<sup>365</sup>.

---

<sup>365</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 1998, p. 39.

## II PARTE

### III. – A BIBLIOTECA DE ORLANDO RIBEIRO LEGADA AO INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

#### 3.1. - O ESPÓLIO: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS

A Biblioteca de Orlando da Cunha Ribeiro, legada ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, integra 104 títulos de revistas e 213 monografias. Segundo advertência da Prof<sup>a</sup> Suzanne Daveau, “eram exemplares duplicados”, considerados por nós valiosíssimos por compreender diversas metodologias para apoio da investigação.

Essa doação realizou-se no ano de 1984, e conforme observação da Prof<sup>a</sup> Suzanne Daveau, “foi pouco tempo depois de se ter criado a Secção de Geografia do Porto”, sedeadado na época nas antigas instalações da Faculdade de Letras na rua do Campo Alegre. Ficamos a saber através da Esposa de Orlando Ribeiro que todo o espólio doado teria sido adquirido umas vezes por “oferta” e outras através de “permuta”.

Através de descrição de *Suzanne Daveau*, «Orlando Ribeiro sempre emprestou muitos livros (bastantes perderam-se assim), mas sem nenhuma “organização”»<sup>366</sup>. Quanto ao hábito de frequentar alfarrabistas, *Suzanne Daveau* foi peremptória em afirmar: “Durante a maior parte da vida, tinha pouco dinheiro para comprar livros e a biblioteca cresceu sobretudo por *ofertas* e *permutas*”<sup>367</sup>.

A referida doação foi acompanhada pela cópia de um pequeno livro manuscrito pelo próprio doador e encontra-se no Departamento de Geografia da FLUP. Quanto à descrição do livro na folha do rosto contem as palavras: “Espólio Orlando Ribeiro – Livros doados ao Porto”. É composto por 91 páginas A4: sendo 32 páginas com o rol das monografias e 59 contêm o rol das revistas. Nas 59 páginas que contêm fichas, 56 têm 2 fichas cada página e 3 contêm 1 ficha cada.

Na primeira parte do livro, estão escritas as monografias, organizadas pela seguinte ordem: número de registo, data de entrada, autor, título da obra, local de edição, data de publicação, número de volumes e algumas observações escritas pelo Professor Orlando Ribeiro. Na coluna das observações Orlando Ribeiro utilizou três protótipos, umas vezes escrevia apenas o *título* da obra, outras a *instituição* que financiava e ainda noutras escrevia a *sigla da instituição* e o *número*. Sobre esta última utilizou uma palavra para a designação o nome da editora seguido das iniciais do Instituto Nacional de Estatística, memórias ou estudos e o número da obra, como é o caso do exemplo que se segue da Junta

---

<sup>366</sup> Suzanne Daveau viúva de Orlando Ribeiro, confirmou a pedido nosso, realizado em 9 de Agosto de 2008 via correio electrónico.

<sup>367</sup> Idem Ibidem, 9 de Agosto de 2008 via correio electrónico.

de Investigação do Ultramar, (I.N.E.) “Estudos” nº 24). Na segunda parte contêm as fichas com todas as revistas do espólio devidamente organizadas.

A biblioteca ficou assim composta, por diversificadas temáticas a saber: Administração, Estatística, Agricultura, Agronomia, Antropologia, Economia Educação, Etnografia, Filologia, Geografia, Geologia, História, e Sociologia. Para uma melhor percepção do público, a doação foi organizada no Departamento de Geografia, por ordem alfabética das revistas, e dos autores das monografias, como podemos observar no inventário identificado no Anexo I “Revistas” e Anexo II “Monografias”.

No que respeita ao condicionamento e estado das edições, a maioria do espólio doado encontra-se em boas condições, identificado através da sinalética, usando-se para o efeito o nome de Orlando Ribeiro<sup>368</sup>.

O espólio agora estudado veio dar mais um contributo à geografia e ao enriquecer de certa forma a biblioteca, fica mais valiosa em benefício de toda a comunidade académica.

Maria Ramona Domínguez Sanjurjo adverte que:

“No se debe olvidar que una forma de rentabilizar la colección de publicaciones periódicas es establecer un acuerdo com el resto de las bibliotecas públicas de nuestro entorno para repartir las suscripciones de aquellos títulos que tengan un uso más moderado. Cada biblioteca deberá comprometerse a proporcionar a las demás un boletín de sumários de esta parte específica de la colección. Este boletín de sumários será utilizado como fuente de información entre los usuarios de las demás bibliotecas, que podrán acceder a estos fondos a través del servicio de préstamo interbibliotecario”<sup>369</sup>.

Neste sentido, pensamos que o espólio doado por Orlando Ribeiro só terá utilidade se estiver devidamente organizado para proporcionar a todos os utilizadores maior facilidade de pesquisa e conseqüentemente uma rápida recolha de informação, tanto a nível interno como inter-bibliotecário.

---

<sup>368</sup> Quanto às características da sala que contêm a doação está situada no Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na Torre B – 3º Piso. A sala onde se encontra a doação, é composta por cinco janelas portas, é dotada de duas cadeiras de braços, uma secretaria, duas mesas grandes e duas mais pequenas servindo de apoio às reuniões e à consulta de livros, com 32 cadeiras. Como se pode observar a Biblioteca do Departamento contêm fortes estantes de madeira para abarcar todo os livros de apoio à investigação.

<sup>369</sup> DOMÍNGUEZ SANJURJO, Maria Ramona – *Nuevas Formas de Organización y Servicios en la Biblioteca Pública*, Ediciones Trea. S. L. Espanha, 1996, p. 47.



### 3.2. – ANÁLISE DAS REVISTAS E MONOGRAFIAS INSERTAS NA DOAÇÃO DE ORLANDO RIBEIRO

A doação é constituída por 104 revistas com 2127 números e 213 monografias diversificadas por múltiplas temáticas. Este espólio foi trabalhado tendo em conta principalmente alguns factores, em primeiro lugar o factor tempo para a realização do nosso estudo e em segundo o factor que nos limita em questões da dimensão da tese porque existem regras para o seu formato/dimensão, a realização do inventário instrumento fundamental de investigação, a agregação documental de toda a informação recolhida, a elaboração de sínteses, as visitas a várias Bibliotecas para a recolha de novas pesquisas.

Numa primeira parte demos início à organização do inventário<sup>370</sup> e posterior ordenamento da sua construção. Para o efeito recorreremos a meios informáticos considerados imprescindíveis ao tratamento de toda a informação, usando os programas File Maker e Excel. A partir da informação recolhida foi realizada uma análise a nível quantitativo e qualitativo; e como diz Laurence Bardin: Em pleno século XX, graças ao progresso das ciências sociais e humanas, sugeriram novas técnicas de análise no que concerne à comunicação. No entanto, já anteriormente havia modos de interpretar os textos, como a hermenêutica (arte de interpretar os textos sagrados ou misteriosos), a retórica (que “estudava as modalidades de expressão mais propícias à declamação persuasiva”<sup>371</sup>) e a lógica (“que tentava determinar, pela análise dos enunciados de um discurso e do seu encadeamento, as regras formais do raciocínio certo”<sup>372</sup>). Pretende-se que a «análise de conteúdo» não seja instrutiva nem regular, embora se reconheça como “é difícil afastar toda e qualquer implicação ideológica, mesmo multiplicando as técnicas de rigor e validação”<sup>373</sup>.

Foi desde o início da primeira metade do século XX e durante cerca de quarenta anos, que nasceu e cresceu nos Estados Unidos a «análise do conteúdo». O rigor científico assentava na medida e o material analisado era essencialmente jornalístico. Com o desenvolvimento da I Guerra Mundial introduziu um novo motivo para análise, que adquiriu substancial crescimento com a II Grande Guerra: o estudo da propaganda, com a intenção de controlar a difusão das teorias revolucionárias, sobretudo a nazi. Os observadores foram, mesmo, incentivados a revelarem os jornais e outros periódicos suspeitos. O primeiro nome que surge referenciado na história da «análise do conteúdo» é o de H. Lasswell. As suas abordagens terão incidido sobre a imprensa e outros veículos de propaganda – crê-se que, aproximadamente, a partir de 1915. Em consequência do seu trabalho, em 1927, foi publicada a obra «Propaganda Technique in The World War»<sup>374</sup>. No final dos anos 40-50, a definição de Berelson para «análise de conteúdo» sintetiza bem as preocupações

<sup>370</sup> O inventário das revistas do Espólio da Doação de Orlando Ribeiro ao IG-FLUP. Em Anexo.

<sup>371</sup> BARDIN, Laurence – “Análise de Conteúdo”, Persona, Edições 70, 1979, p.14.

<sup>372</sup> Idem, Ibidem, 1979, p.14.

<sup>373</sup> Idem, Ibidem, 1979, p.14.

<sup>374</sup> Idem, Ibidem, 1979, p.15.

epistemológicas desse período: “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”<sup>375</sup>. No que respeita ao período seguinte, apesar do alargamento da técnica a disciplinas muito diversificadas, foi de alguma dificuldade, conduzindo à decepção de boa parte dos pesquisadores, envolvendo os próprios Lasswell e Berelson. Todavia, no princípio dos anos 50, a «Social Science Research Council’s Committee on Linguistics and Psychology» organizou vários congressos sobre os problemas da «Psicolinguística». A «análise de conteúdo deixou de ser “considerada exclusivamente com um alcance descritivo, antes se tomando consciência de que a sua função ou o seu objectivo é a inferência”<sup>376</sup>.

Mas, “nos finais dos anos 50, e tomando por base o critério do número de estudos por ano, quantitativamente, a «análise de conteúdo» progrediu, segundo uma razão geométrica, desde os 2,5 estudos por ano (em 1900-1920) até aos mais de 100 (entre 1950-1960)”<sup>377</sup>. É por esse facto que Laurence Bardin afirma: “A abordagem quantitativa e a qualitativa, não têm o mesmo campo de acção”<sup>378</sup>.

---

<sup>375</sup> Idem, *Ibidem*, 1979, p.19.

<sup>376</sup> Idem, *Ibidem*, 1979, p. 22.

<sup>377</sup> Idem, *Ibidem*, 1979, p. 22.

<sup>378</sup> BARDIN, Laurence – *Análise de Conteúdo*, (Trad. Portuguesa), Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, Lisboa: Edições 70, 1979, p. 115. A primeira, obtém dados descritivos através de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objectiva, mais fiel e mais exacta, visto que a observação é mais bem controlada. Sendo rígida, esta análise é, no entanto, útil, nas fases de verificação das hipóteses. A segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável, a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou várias do locutor (ou da situação de comunicação).

### 3.2.1. Temática das Revistas e sua Distribuição

Face ao elevado número de títulos (104) e temáticas abordadas pelas revistas constantes no espólio doado por Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da Universidade do Porto, fomos obrigados a criar várias categorias a fim de tornar a análise mais perceptível<sup>379</sup>.

Quadro - 5: Distribuição das Temáticas das Revistas Insertas na Doação de Orlando Ribeiro

TEMÁTICAS	NÚMERO DE REVISTAS	%
Administração	5	4,81%
Agricultura	1	0,96%
Agronomia	2	1,92%
Antropologia	3	2,88%
Bibliografias	1	0,96%
Botânica	1	0,96%
Ciências	1	0,96%
Cultura	1	0,96%
Demografia	3	2,88%
Economia	10	9,62%
Educação	2	1,92%
Estatística	20	19,23%
Estudos Ultramarinos	3	2,88%
Etnografia	1	0,96%
Filologia	1	0,96%
Geografia	36	34,62%
Geologia	2	1,92%
História	10	9,62%
Sociologia	2	1,92%
<b>Total</b>	<b>104</b>	<b>100%</b>

Fonte: <sup>380</sup>

<sup>379</sup> Cf. Anexo – 7.

<sup>380</sup> Estudo do espólio doado por “Orlando Ribeiro”, ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, actual Departamento de Geografia em 1984. (Cf. (Anexo – 7).

Como diz Laurence Bardin, “Classificar elementos em categorias, impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros”<sup>381</sup>.

As revistas inseridas na doação de Orlando Ribeiro são apresentadas com os seguintes resultados anunciadas no quadro seguinte, expomos o núcleo das referências 104 revistas do universo estudado. Apresenta-se pela ordem das mais numerosas para as que estão em posição minoritária<sup>382</sup>.

Verificamos que todas as temáticas inseridas no espólio da doação ao Instituto de Geografia da FLUP têm a sua relevância. Consequentemente constatamos que as obras de Geografia tiveram muito interesse na vida e obra de Orlando Ribeiro não só a nível da docência, mas também a nível científico. Mas embora o referido autor se tivesse dedicado a esta temática manteve sempre a interdisciplinaridade com outras ciências.

Nesta análise podemos constatar que a predominância do número das revistas vai para o ‘Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa’ com 270 títulos, seguido da do ‘Bulletin de L’Association de Géographes Français’ com 183 volumes, também a revista ‘Garcia de Orta’ com 176 títulos; ainda uma outra revista de grande interesse ‘Estudos, Ensaios e Documentos’ com 146 volumes e ‘Annales de Géographie’ com 124 exemplares; com 82 volumes temos o ‘Bulletin de l’Association Française pour L’Étude du Quaternaire’; também com 76 volumes temos ‘Acta Geographica’; as ‘Memórias da Junta de Investigação do Ultramar’ ficam-se pelos 69 exemplares; todas as restantes não ultrapassam os 50 volumes<sup>383</sup>.

---

<sup>381</sup> Idem, *Ibidem*, 1979, p. 118.

<sup>382</sup> Cerca de 34,62% dos títulos pertencem ao grupo da Geografia, mais representativas com 36 revistas. Neste núcleo encontramos: actas, anais, anales, bibliografias, boletins, cadernos, publicações do Centro de Estudos Geográficos, estudos, ensaios e documentos, memórias da Junta do Ultramar, mensários, revistas e assuntos sobre urbanização. A categoria da Estatística aparece em segundo lugar com 20 exemplares e a percentagem de 19,23%. Nesta análise resultaram estatísticas sobre os anuários de Lisboa, anuário de Nova Goa, Ultramar, agricultura, comércio e navegação, educação, saúde, demografia, turismo, indústria, judiciária, organização corporativa e previdência e pescas. O grupo que se refere à investigação historiográfica aparece em terceiro lugar com algum significado (10 obras o que equivale uma proporção de 9,62%). Nesta categoria surgiram recursos do Arquivo de Beja (5 volumes); o Boletim do Instituto da Ilha Terceira apenas com (1 volume), foi publicado em Angra do Heroísmo em 1985<sup>382</sup>. A Revista Portuguesa de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, (faz parte da doação, com 7 volumes)<sup>382</sup>. Seguido da Economia com igual valor 10 revistas, a que corresponde igualmente a percentagem de 9,62%<sup>382</sup>. Em quinto lugar surge o grupo da Administração com 5 revistas equivalente a 4,81%<sup>382</sup>. A classe da Antropologia, a Demografia e Estudos Ultramarinos, com 3 revistas que rondam os 2,88%<sup>382</sup>. Com uma 1,92% integram matérias relativas<sup>382</sup>. Por último e com uma percentagem de 0,96%<sup>382</sup>. Note-se que na temática das Bibliografias, surge o Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira com 48 volumes, editado pela Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa, compreendido entre (1960-1973), contém um conjunto de bibliografias sobre diversificadas temáticas<sup>382</sup>.

<sup>383</sup> Cf. Anexo – 7.

### 3.2.2. – O Estudo da Língua nas Revistas Inseridas na doação de Orlando Ribeiro ao IG-FLUP

Pretendeu-se ainda fazer uma análise dos locais responsáveis pela edição das obras aqui apresentadas. Em toda a informação são incluídos os seguintes pontos: identificação e distribuição da língua referente ao país, totais de edições seguidos das respectivas percentagens.

A língua<sup>384</sup>, mais utilizada nas revistas era o português<sup>385</sup>.

Distribuídas por 5 línguas a que constitui o núcleo mais numeroso de referências correspondem a edições portuguesas que representam em termos linguísticos (65,54%). Seguem-se as francesas como a segunda língua mais expressiva com (33,33%. O aumento substancial de edições francesas, deve-se sobretudo à prolongada permanência de Orlando Ribeiro em França como aluno e como docente, o que veio a adquirir não só conhecimentos culturais e pessoais mas também institucionais, como se pode verificar com a proveniência de uma boa parte do seu espólio bibliográfico. Salientamos ainda as edições produzidas em Espanha são representadas com 0,85%. Outras línguas como o Italiano e o Inglês que representam (0,14%) em iguais circunstâncias em relação ao seu total.

No que se refere à nacionalidade das edições, a distribuição, faz-se de acordo com o quadro seguinte:

Quadro – 6: Distribuição das Revistas da Doação por Nacionalidade, Número de Edição e %

LÍNGUAS DE EDIÇÃO	Nº DE REVISTAS	%	Nº DE EDIÇÕES	%
Portuguesa	83	80%	1394	65,54%
Francesa	16	15%	709	33,33%
Espanhola	2	2%	18	0,85%
Italiana	2	2%	3	0,14%
Inglesa	1	1%	3	0,14%
<b>TOTAL</b>	<b>104</b>	<b>100%</b>	<b>2127</b>	<b>100%</b>

Fonte: <sup>386</sup>

<sup>384</sup> Seguimos a metodologia desenvolvida por Maria Adelaide Salvador Marques, que ao basear-se nos idiomas das listas das bibliotecas portuguesas particulares e monásticas remetidas à Real Mesa Censória (1769-1770). Cf. MARQUES, Maria Adelaide Salvador, "A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional. Aspectos da Geografia Cultural Portuguesa no Século XVIII". Separata do "Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra", vol. XXVI, Coimbra, 1963, p. 73.

<sup>385</sup> Cf. Quadro – 6.

<sup>386</sup> Estudo do Espólio Doador por Orlando Ribeiro, ao IG-FLUP em 1984.

Constatamos que através da proveniência das obras existentes na doação de Orlando Ribeiro ao referido Instituto, a predominância das obras existentes no referido Instituto é de origem portuguesa em pleno Estado Novo, seguindo-se as obras de nacionalidade francesa, sucedendo a espanhola, italiana e por fim a inglesa, esta ocorrência prende-se com o facto da grande sociabilidade do autor e o papel que exerceu a nível científico em Portugal, na Europa e no Mundo.

### 3.2.3. – Análise dos locais de proveniência das revistas em função do número de edições insertas na doação de Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da F.L.U.P.

Verificamos que as edições das revistas portuguesas foram editadas nas localidades de Amadora, Angra do Heroísmo, Beja, Coimbra, Lamego e Porto, surge Lisboa como sendo a cidade onde se produziram um maior número de obras. No estrangeiro foram impressas nas cidades de Barcelona, Génova, Roma, Edimburgo, Helsínquia, Minas Gerais, Rio Claro, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Lourenço Marques (Maputo), Luanda/Lubango, Sá da Bandeira, Bissau, Dakar, Bogotá, Gaza, Goa, e Toulouse<sup>387</sup>. No estrangeiro figura a cidade de Paris com maior número de obras impressas. Nesta análise podemos concluir que se publicaram 1123 volumes na Cidade de Lisboa e a cidade de Paris apresentou o valor de 605 obras.

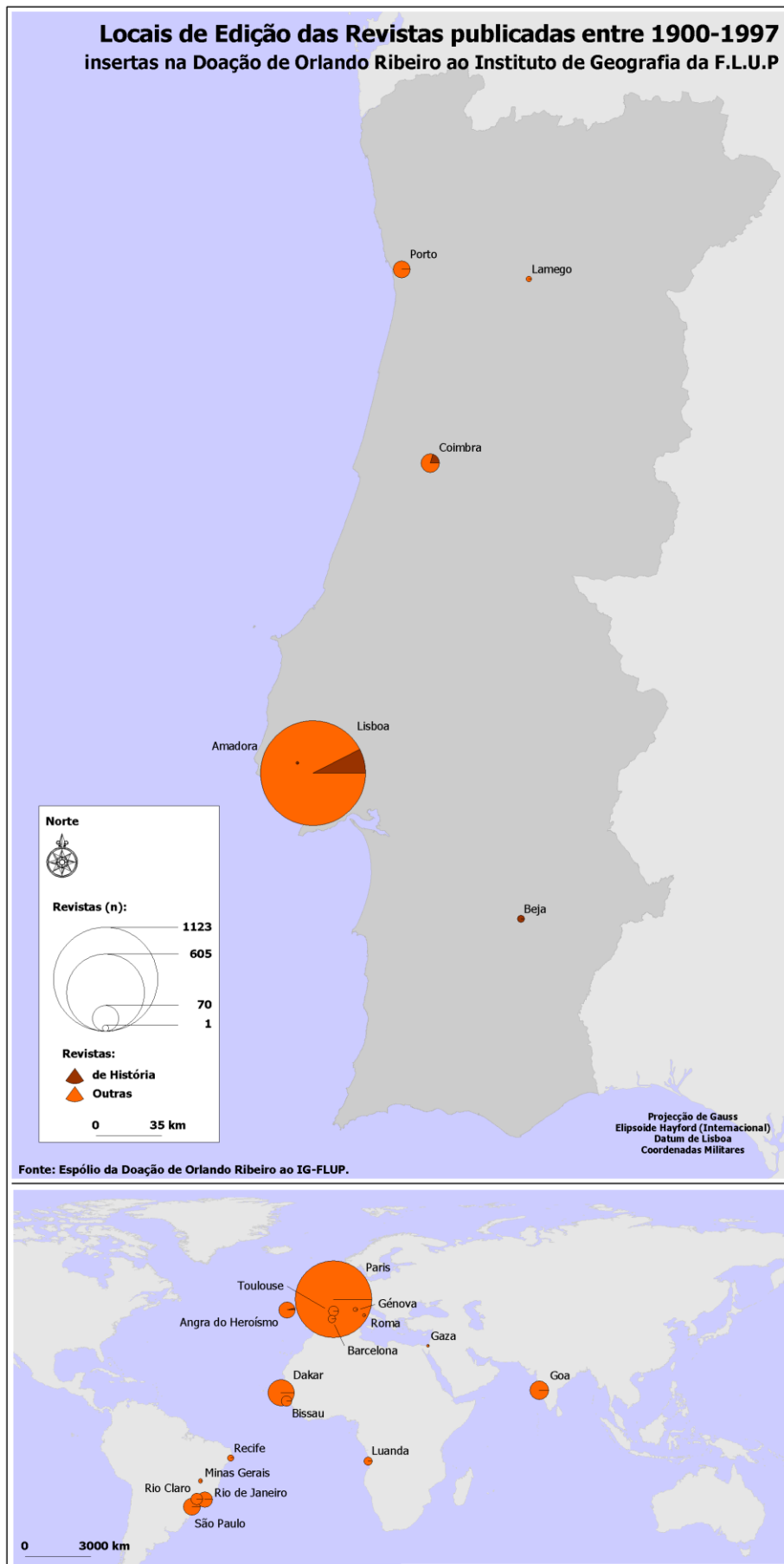
A análise<sup>388</sup> realizada, dá-nos uma projecção da quantidade de volumes assim como a diversidade das cidades e países de proveniência das fontes documentais, editadas nesses países que hoje se encontram no Instituto de Geografia da F.L.U.P. Ao mesmo tempo podemos concluir que o facto de Orlando Ribeiro se ter deslocado a todos estes locais ora em trabalhos de campo outras vezes para participar em congressos em muito contribuiu para aumentar o espólio da sua biblioteca pessoal e de certa forma deixar o legado que todos nós conhecemos hoje. Sobre a proveniência das revistas podemos verificar no (mapa – 2), as cidades onde foram impressas a nível de Portugal e do estrangeiro. Podemos concluir que embora o espólio estivesse reunido em Lisboa na biblioteca particular de Orlando Ribeiro ele teve diversas proveniências.

---

<sup>387</sup> Cf. (Anexo – 8).

<sup>388</sup> Cf. (Anexo - 8).

Mapa – 2: A Proveniência das Revistas Portuguesas e Estrangeiras Observadas através da Cartografia



### 3.2.4 - Distribuição dos Editores Insetos nas Revistas da Doação de Orlando Ribeiro ao IG-F.L.U.P., em Função do Número de Edições e Percentagens

Também os editores tiveram a sua importância ao longo dos tempos no que diz respeito ao aparecimento do livro. Por esse facto fizemos uma análise detalhada sobre os editores insetos na doação de Orlando Ribeiro<sup>389</sup>, procuramos saber quais os editores que publicaram um maior número de livros num total de 2132. Destacamos os mais representativos como se pode verificar no caso da editora da Sociedade de Geografia de Lisboa com um número relevante que rondam as 270 edições, seguindo-se as edições do Instituto Nacional de Estatística – Portugal, com 220 exemplares, sucedendo-se o Ministério do Ultramar – Junta de Investigação do Ultramar com 214 publicações, mas em quarto lugar surge a Librairie Armand Colin com 124 livros e ainda a Junta de Investigações Científicas do Ultramar com 106 impressões. As remanescentes distribuíram-se abaixo do nível 100<sup>390</sup>.

### 3.2.5 - Distribuição dos Impressores Insetos nas Revistas da Doação de Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da F.L.U.P., em função do Número de Impressões e Percentagens

São muitas as tipografias utilizadas para a publicação das revistas do espólio doado ao referido Instituto, o que totalizam igualmente 2132 no seu total. Desta análise salientamos o nome, número de revistas por cada tipografia com respectivas percentagens. Destacam-se as que têm maior número de impressões como o exemplo do caso da Imprimerie Saint-Paul com 183 publicações, seguindo-se Bertrand (Irmãos), Lda., com 174 e Tipografia Silvas, Lda., com 161 edições. Por outro lado evidencia-se 121 edições sem tipografia, sobressaem 33 policopiadas e 5 impressões apenas dactilografadas. As restantes distribuíram-se abaixo do nível 100. Esta análise tornou-se interessante pelo facto de se ficar a conhecer quais as tipografias que funcionavam e mais produziam no período compreendido entre (1900-1997)<sup>391</sup>, mas sobretudo tomamos conhecimento das tipografias que produziram o espólio documental de Orlando Ribeiro.

---

<sup>389</sup> Cf. (Anexo – 9).

<sup>390</sup> Cf. (Anexo – 10).

<sup>391</sup> Cf. (Anexo – 11).



### 3.3. AS MONOGRAFIAS INSERTAS NA DOAÇÃO DE ORLANDO RIBEIRO AO INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA F.L.U.P.

#### 3.3.1. Temáticas das Monografias e sua Distribuição

Apresenta-se no quadro 7, o resultado da análise das 213 monografias insertas na doação de Orlando Ribeiro segundo as temáticas dominantes<sup>392</sup>.

Quadro – 7: Monografias do espólio doado por Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia da Universidade do Porto segundo a temática dominante, em %

TEMÁTICAS INSERTAS NAS MONOGRAFIAS	Nº DE TÍTULOS	%
Administração	11	5,16%
Antropologia	13	6,10%
Astronomia	1	0,47%
Botânica	4	1,88%
Demografia	5	2,35%
Economia	43	20,19%
Educação	5	2,35%
Estatística	2	0,94%
Geografia	39	18,31%
Geologia	16	7,51%
História	55	25,82%
Informática	1	0,47%
Literatura	2	0,94%
Matemática	2	0,94%
Medicina	3	1,41%
Política	2	0,94%
Sociologia	9	4,23%
<b>Total</b>	<b>213</b>	<b>100%</b>

Fonte: Biblioteca do Departamento da F.L.U.P. – Fundo Orlando Ribeiro

<sup>392</sup> - Cf. (Anexo - 2).

### 3.3.2. – O Estudo da Língua nas Monografias Inseridas na Doação de Orlando Ribeiro ao IG-FLUP

No caso das Monografias o estudo da língua<sup>393</sup> portuguesa surge como sendo a mais expressiva com 186 edições com uma percentagem de 87,32%. Seguindo-se a língua Francesa representada com 14 exemplares e a percentagem de 6,57%. A língua Inglesa fica-se pelos 9 publicações e uma percentagem de 4,23%. Sucede-se a Língua Espanhola com apenas 2 obras e uma percentagem de 0,94%. Mas com uma percentagem de 0,47% menos representativa surge a Língua Italiana e a Japonesa com apenas 1 obra cada. Estudo que se pode observar no quadro seguinte:

(Quadro – 8): Distribuição das Monografias da Doação por Nacionalidade, Número de Edição e %

LÍNGUAS DE EDIÇÃO	Nº DE MONOGRAFIAS	%
Portuguesa	186	87,32%
Francesa	14	6,57%
Inglesa	9	4,23%
Espanhola	2	0,94%
Italiana	1	0,47%
Japonesa	1	0,47%
<b>TOTAL</b>	<b>213</b>	<b>100%</b>

Fonte<sup>394</sup>:

<sup>393</sup> Cf. (Anexo - 7).

<sup>394</sup> Fonte: Biblioteca do Departamento de Geografia da F.L.U.P. - Fundo Orlando Ribeiro

### 3.3.3. – Países e Localidades de Proveniência das monografias observadas através da Cartografia

No que diz respeito à proveniência das monografias elas foram editadas em Portugal nas localidades de Algueirão, Beja, Coimbra, Faro, Lisboa, Oeiras, Porto, Santo Tirso e Viana do Castelo. No estrangeiro as monografias foram publicadas em Madrid e Salamanca na Espanha, em Paris e Toulouse na França, em Milano na Itália, em Tóquio no Japão, em Bastorá, Bombaim, Calcutá e Goa na Índia, em Londres na Inglaterra, no Rio de Janeiro e São Paulo no Brasil, em Luanda/Lubango (Sá da Bandeira) em Angola, em Lourenço Marques (Maputo) em Moçambique e em Washington nos Estados Unidos da América.

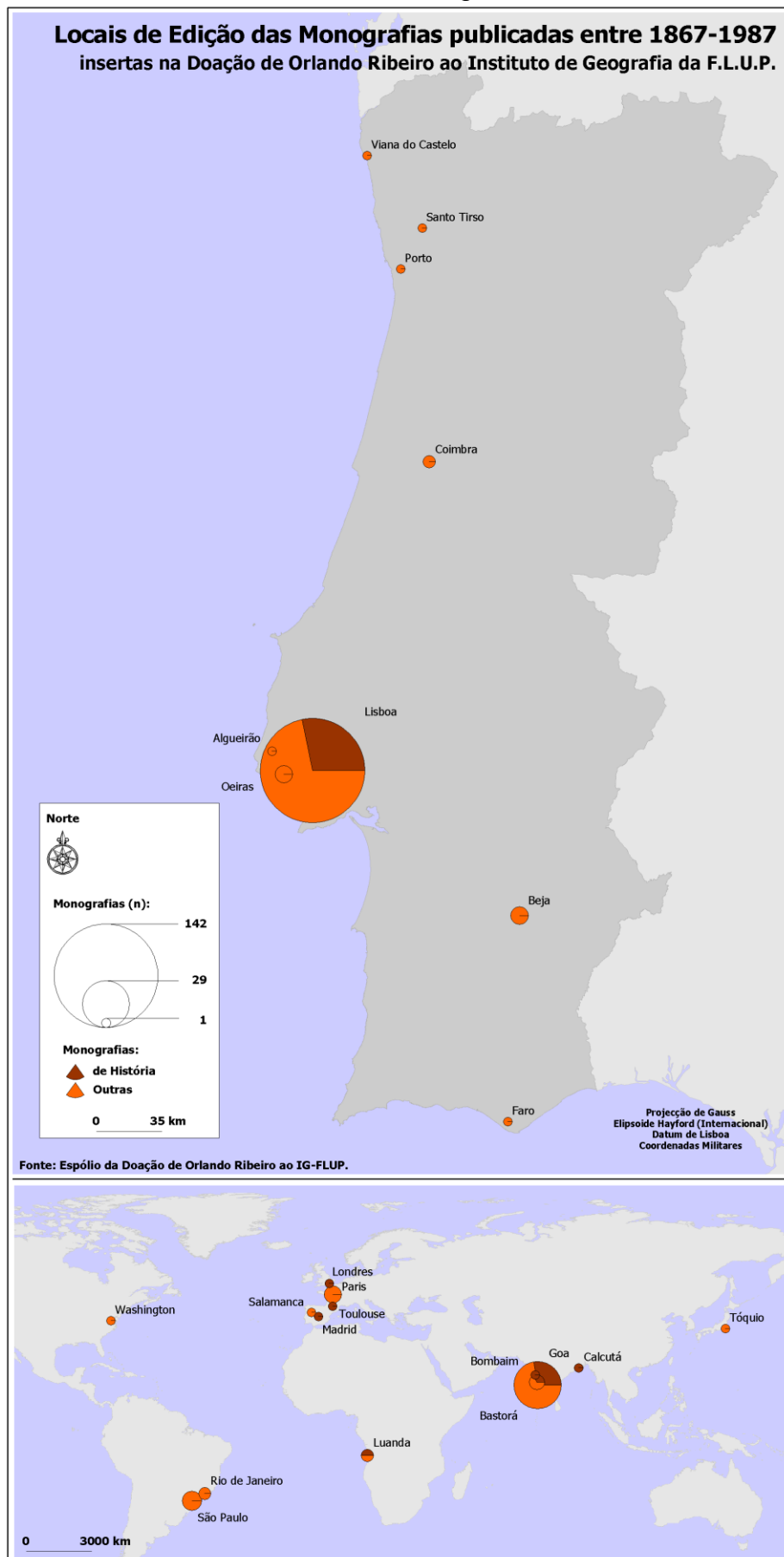
A análise<sup>395</sup> efectuada, dá-nos uma projecção da quantidade de volumes assim como a diversidade das cidades e países de proveniência das fontes documentais, editadas nesses países que hoje se encontram no Instituto de Geografia da F.L.U.P., assim como o número de monografias que se referem à historiografia com as correspondentes percentagens. Para uma melhor percepção da proveniência do espólio doado por Orlando Ribeiro ao Instituto de Geografia, foi elaborado o mapa – 3, que nos dá uma visão real da sua origem. Em resumo podemos concluir que no caso de Portugal temos a cidade de Lisboa com um maior número de edições impressas. Seguido de Goa na Índia no que se refere ao estrangeiro.

A nível da historiografia verificou-se que foram impressas em Lisboa 40 edições, seguidas de Goa com 8 edições, nas restantes localidades registou-se apenas uma edição.

---

<sup>395</sup> Cf. (Anexo – 12)

Mapa – 3: A Proveniência das Monografias Portuguesas e Estrangeiras observadas através da cartografia



### 3.3.4 - Distribuição dos Editores Insetos nas Monografias da Doação de Orlando Ribeiro ao IG-F.L.U.P., em Função do Número de Edições e Percentagens

No estudo sobre os editores<sup>396</sup>, insetos nas monografias, concluímos que existem apenas 213 editores, destacando-se com mais relevância os portugueses. Os editores estrangeiros ficam-se apenas com uma publicação cada, como é o caso dos editores dos Estados Unidos, da Alemanha, de Nova Goa, Bombaim, Espanha, França, Inglaterra e de Milão em Itália. Note-se que no caso das monografias ficamos a conhecer os editores que se sobressaíram com as suas publicações entre (1867-1987).

Destacamos por isso as Edições Cosmos juntamente com o Instituto Nacional de Estatística com 21 publicações cada, seguindo-se o Centro de Estudos de Economia Agrária – Fundação Calouste Gulbenkian, com 14 edições. As restantes editoras não excedem as 8 publicações.

### 3.3.5. – Análise sobre a Imprensa confrontada através das edições nas monografias da Doação de Orlando Ribeiro entre (1897-1987)

Foi nosso propósito fazer uma análise sobre a imprensa utilizada na publicação das monografias insertas na doação de Orlando Ribeiro entre (1897-1987).

Como se pode observar na análise<sup>397</sup>, as edições totalizam 213 exemplares dos quais 195 foram impressos em tipografias, e 18 foram apenas policopiados.

Em tipografias portuguesas foram impressas 157 obras. Na Índia foram editadas 35 edições. O Brasil surge representado pelas 7 publicações editadas. Mas das tipografias francesas resultaram 5 monografias. Em Espanha e Angola surgem respectivamente com 2 publicações impressas. Por último surgem as tipografias dos Estados Unidos, Japão, da Inglaterra de Itália e de Moçambique respectivamente caracterizadas com a impressão de uma 1 edição. Verifica-se que a predominância das tipografias existentes nas monografias do espólio doado ao Instituto de Geografia da F.L.U.P., são de origem portuguesa<sup>398</sup>.

A imprensa realizada em Portugal por sua vez ficou bem representada na época, contudo o que se depreende na actualidade poucas foram as tipografias que sobreviveram. Ao longo dos 90 anos umas mudaram de denominação, outras mudaram de proprietário e ainda outras simplesmente fecharam. Por esse facto, recordamos apenas aquelas que ainda perduram como foi o caso das tipografias Bertrand & Irmãos, Lda., a Imprensa Nacional, a Fundação Calouste Gulbenkian, o Centro de Estudos Geográficos, Imprensa Portuguesa no

---

<sup>396</sup> Cf. (Anexo - 14).

<sup>397</sup> Cf. (Anexo - 15).

<sup>398</sup> No (Anexo - 14), fomos encontrar algumas obras policopiadas e outras designadas por separatas.

Porto, Imprensa Nacional de Goa, Oficinas das Edições Cosmos, que passou a designar-se por (Edições Cosmos), no caso da Gráfica de Lamego apenas lhe foi acrescentada o termo (Lda.) e a Sociedade Astória, Lda., é de realçar que esta última ainda sobrevive até aos nossos dias, com o mesmo nome em Lisboa na rua dos Anjos, no número 80. Como podemos testemunhar, foram também as mais representativas<sup>399</sup>.

Note-se que foi nosso propósito destacar a imprensa relacionando-a com o número de edições praticadas por cada tipografia atribuindo-lhe as respectivas percentagens, insertas na doação de Orlando Ribeiro e que mais ou menos cooperaram no desenvolvimento do ciclo da história do livro, ao longo do período referenciado.

Esta análise tornou-se interessante pelo facto de se ficar a conhecer quais as tipografias que funcionavam e mais produziam no período compreendido entre (1900-1997)<sup>400</sup>, mas sobretudo ficamos a saber que tipografias produziram o espólio de Orlando Ribeiro<sup>401</sup>.

---

<sup>399</sup> Cf. (Anexo - 15).

<sup>400</sup> Cf. (Anexo - 15).

<sup>401</sup> Biblioteca do Departamento de Geografia da F.L.U.P. – Fundo Orlando Ribeiro

### 3.4 - ANÁLISE DA HISTORIOGRAFIA NAS MONOGRAFIAS INSERTAS NA DOAÇÃO DE ORLANDO RIBEIRO AO IG-FLUP

Note-se ainda outro ensaio sobre a descrição de todas as saídas do acampamento para procurar o inimigo da guerra desenvolvida em Angola, sob a direcção do Tenente José Francisco Quintino Rogado, sendo um dos trabalhos inéditos do capitão Gastão Sousa Dias.

A classe da História abarca um interessante estudo sobre o significado dos símbolos, que se prendem com a história religiosa associada a nomes de árvores e animais.

Seguindo-se um estudo sobre a *La révolution de 1848 a Toulouse et dans la haute-garonne*, écrit em 1948. A crise e o seu desenvolvimento foram as principais características.

Compreende ainda uma obra escrita por José García Mercadal incorporando vários estudos, o primeiro ensaio é sobre a História Missionária de Moisés, apresentando abundantes referências sobre várias viagens. Segue-se o estudo sobre a presença de Estrabão em Espanha. Prossegue com as viagens de escritores árabes. Sucede-se o estudo onde descreve passagens de embaixadores venesianos e por último surge um curioso estudo sobre a Marquesa de Villars.

Assinalámos um estudo sobre o povoamento da região do Hoque em Sá da Bandeira, situada numa região planáltica. Segundo Mariano Feio a superfície que constitui o Planalto principal é resultado da acção de vários ciclos de erosão sub-aérea em que não deixou de intervir a tectónica e que se teria constituído no Cretácio Médio e Superior.

Como se sabe o estudo do povoamento e a expansão demográfica teve a sua importância na região do Kongo com o estudo sobre a organização social demográfica e a interpretação cultural dinâmica, no século XVIII, editado em Londres, por António C. Gonçalves. Em Portugal recordamos um ensaio sobre demografia histórica, que tem como tema "A Vila de Penamacor no 1º quartel do século XVIII.

Duarte Leite surge com uma obra composta por vinte e um cadernos, pelo seu número foram apresentados no inventário das monografias por ordem de ano, número de páginas, editadas pela tipografia "Oficinas das Edições Cosmos" era vendida pela módica quantia de 20\$00 nos anos de 1958, 1959 e 1962. Passamos a transcrever pela mesma ordem apenas os assuntos neles tratados:

- Os Falsos precursores de Álvares Cabral.
- Estudo sobre o "Prestes João das Índias", a "Crónica da Guiné" e "O Infante D. Henrique".

- Estudo sobre as crônicas de D. Duarte e de D. Afonso V e o estudo sobre escola de Sagres e os métodos e instrumentos astronômicos, que a partir de D. João II foram uma das causas de preexcelência da náutica portuguesa.
- Análise sobre estudos de Elaine Sanceau, esta afirma com insistência que D. Henrique era profundo em matemática e em astrologia. "O estudioso e concentrado príncipe "de bom grado passaria toda a noite com os livros", e desinteressado da política<sup>402</sup>.
- Estudo sobre "o Descobrimento dos arquipélagos e da Guiné".
- Estudo sobre as "Viagens para ocidente", O suposto ensaio henriquino da passagem do Noroeste e o estudo do suposto descobrimento henriquino no Sudoeste Africano".
- Estudo das "Lendas na história da navegação astronômica em Portugal".
- Estudo sobre o açúcar até fins da Idade Média e os primeiros açúcares portugueses e ainda o estudo da divisória de Tordesilhas segundo Duarte Pacheco.
- - Estudo sobre descobridor espanhol Diego de Lepe, também este chegou às Costas Brasileiras em 1500. Sabe-se que morreu em Portugal, mas não se sabe como nem em que ano.
- Estudo do termo meridional da terceira navegação de Américo Vesúcio, realizada em 1501-1502.
- Estudo sobre as Armadas da Índia e o Brasil.
- Estudo sobre a cartografia primitiva do Brasil e a História do Planisfério.
- Estudos sobre expedições no Brasil entre 1500 e 1502.
- Estudo da idade e procedência dos Mapas manuscritos.
- Estudos sumário das expedições que tiveram entre 1502 e 1506 em portos brasileiros.
- Estudo sobre quem descobriu a Ilha de Fernando Noronha e estudo sobre a França antártica.
- Estudo sobre a Colônia do Sacramento fundada em 1680 na margem esquerda do Rio da Prata.
- Estudo realizado por alguns autores de cartografia sobre o Brasil.
- Estudo sobre Duarte Leite com uma lista dos seus trabalhos.
- Estudo da navegação oceânica e origens da náutica astronômica.
- Estudo da navegação oceânica e origens da náutica astronômica.
- Estudo sobre o balanço de uma obra, na historiografia dos descobrimentos.
- Note-se ainda no grupo da história uma obra de Alexandre Lobato que escreveu sobre a região de Goa, e versa sobre as instruções pombalinas para a segurança de Goa.

---

<sup>402</sup> Leite, Duarte, p. 22.



João Martins da Silva Marques desenvolveu um interessante tema sobre o Arquivo Nacional da Torre do Tombo - (Ensaio de um manual de Heurística e Arquivologia) Estudo da heurística.

Curioso foi o estudo escrito por Ferreira Martins sobre os feitos de João Albasini, um português de ascendência italiana, que, tendo começado a sua vida na África Oriental como comerciante, chegou, pelos seus méritos pessoais, a exercer o cargo de vice-cônsul de Portugal no Transval em (1859-1872).

Abel de Montalto traz a lume um gracioso estudo sobre a criação de Portugal na Índia e o estudo da influência do cristianismo. Os modos de ser português através dos usos, costumes e tradições.

Refira-se também o estudo sobre a família de "José Custódio de Faria" e o doutoramento do Abade de Faria e a sua gratidão aos Reis de Portugal, dado à estampa por Óscar Paxeco.

Note-se o estudo baseado na Religião Islâmica "Cristo no Islão - Ensaio para uma Cristologia Islâmica" da autoria de Frederico José Peirone.

Na classe da história surge ainda um estudo de A. B. Bragança Pereira sobre a formação intelectual e moral de S. Francisco, através de João de Lucena. Publicação comemorativa da exposição do Corpo do Apóstolo das Índias pelo 4º Centenário da sua Morte. O mesmo autor efectuou um ensaio sobre a colonização de Angola. Goa Portuguesa - Memória apresentada ao colóquio internacional de estudos Luso-Brasileiros em Washington.

Também Panduronga S.S. Pissuerienca, apresentou um estudo sobre a extinção de Nizamshahi em Goa. Análise apresentada ao colóquio internacional de estudos Luso-Brasileiros em Washington. Outro estudo foi dado à estampa sobre a história dos primeiros livros Maratas impressos em Goa.

Virgínia Rau desenvolveu um estudo sobre a vida e obra do Dr. Joaquim Bensaúde pelos domínios deslumbrantes, pelo facto de se dedicar simplesmente à história vista como Ciência, aos arquivos para mostrar a grandeza da nossa nação e pelos feitos dos portugueses no mundo. A mesma autora relata-nos sobre a história do Marques de Sande, como embaixador extraordinário de Inglaterra e França nos anos de 658 até 665.

De realçar ainda outro título de Manuel Henrique Corte Real, sobre os livros de contas das Feitorias portuguesas na Andaluzia.

Estudo para a elaboração de um Guia Histórico no âmbito do património religioso editado por ocasião da exposição das relíquias de S. Francisco Xavier pelo quarto centenário da sua morte 1552-1952, publicado pela Repartição Central de Estatística e Informação.

Da autoria de Mário de Sampaio Ribeiro, redigiu um estudo sobre os elogios do Doutor Silva Carvalho e do Almirante Gago Coutinho.

É de notar ainda um estudo sobre a cultura da árvore-da-borracha, algodão, café e arroz de montanhas realizado por José Augusto Faure da Rosa.

Pelo seu interesse referimos um estudo de Eduardo dos Santos, sobre a religião patente na doação de Orlando Ribeiro, com o estudo no âmbito das Missões Religiosas em Angola.

Em Calcutá, J. Sarkar realizou um estudo sobre as características do povo indiano. Chegou porém à conclusão que a sua influência histórica é profundamente influenciada pelo meio geográfico.

Refira-se ainda um estudo no âmbito da missão dos Jesuítas em Moçambique antes de 1759 em 2 volumes da autoria de S. J. António da Silva, esboço ideológico a partir do núcleo documental.

Francisco Xavier dos Santos Vás, escreve uma obra em português e inglês, com o título: “Aqui é Portugal” e “Here it is Portugal”. O principal conteúdo da referida obra é narrar a história da expansão em Goa.

Refere-se também o estudo sobre a Etnografia Portuguesa efectuado por Leite de Vasconcelos na obra do Arqueólogo Português. Da autoria do mesmo autor surge o ensaio da história do Museu Etnográfico Português de Lisboa. Escreveu ainda sobre, o âmbito das ideias religiosas no período Neolítico e Paleolítico. Relacionado com este período falou sobre o culto dos mortos e sobre os dólmens em geral.

Por sua vez José Maria de Queirós Veloso, defende um tema sobre a política Castelhana da Rainha D. Catarina de Áustria e ainda o estudo sobre Fr. Bernardo da Cruz e a «Chronica D'El-Rei D. Sebastião».

Note-se ainda o estudo sobre a História da criação da Universidade de Évora. Fundação do Colégio do Espírito Santo. Nele são tratados temas como os seus privilégios, pessoal, rendas, profissões, alunos da Universidade e ainda o estudo aprofundado sobre a arquitectura do próprio edifício, levada a efeito por José Maria de Queirós Veloso.

Segue-se em segundo lugar a Economia com (20,19%) Esta temática abarca assuntos como as rendas, custo de vida e certas características da cidade do Porto, Lisboa, Coimbra, Viseu, Évora e de Faro, a produção e indústria do coqueiro em Nova Goa, abordam-se estudos sobre subsídios e classificação das despesas do Estado. Estudam-se aspectos sobre a quantificação das adegas, assim como o estudo das estimativas das produções de vinho branco e tinto nos anos de 1927 a 1936 e ainda a evolução do mercado do vinho em Portugal, em especial o vinho do Porto de renome mundial. Também o estudo do rendimento social agrícola e o mercado como factor de progresso, foram temas insertos na classe da Economia, os aspectos da contribuição dos portugueses e espanhóis no que concerne a actividade piscatória, a produção conceitos, progresso técnico, gestão da agricultura assim como algumas cooperativas de empresários agrícolas, em especial da cultura do trigo em função da sua situação económica e ainda alguns estudos sobre o produto, problemas e exploração económica agrícolas. Ainda sobre o mesmo tema surge um estudo sobre estimativas do produto bruto florestal. De realçar a importância dos índices e salários por profissões relativamente à Cidade do Porto e de Lisboa, refira-se ainda um

relatório de viagem de estudo a França e perspectiva-se determinado melhoramento nas regiões minifundiárias portuguesas. Note-se os índices que dizem respeito ao custo da construção Civil em Lisboa, os inquéritos realizados no Baixo Alentejo e ainda a análise sobre as comunidades de Goa. A influência do meio físico quando relacionados com os resultados económicos.

Sucedendo-se bem representada a Geografia com (18,31%). Neste grupo salientamos a análise quantitativa através do método cartográfico na área urbana do Brasil, seguindo-se a contribuição para o conhecimento sobre a Escola Geográfica de Lisboa e o guia de estudo para o curso de Geografia. Também sobre esta temática surge o estudo geográfico sobre o Japão, e ainda um esboço geográfico sobre a Geografia Física de Moçambique. Foram realizadas análises sobre o Soajo, uma aldeia da montanha e ainda as migrações pastorícias e agrícolas da região do Minho, é de notar ainda um tema sobre a agricultura a tempo parcial em Portugal. Mas também em Itália Gaetano Ferro deu um especial contributo sobre as características da cultura moderna. Sobre a região dos Açores foi também realizado um estudo geográfico sobre a Ilha de São Miguel. Já na região de Albufeira foi elaborado um estudo sobre o seu pequeno porto de pesca. No que concerne à Educação foi realizada uma análise sobre perspectivas da geografia problemas, ensino e investigação em Portugal e Espanha. Um estudo relevante comparativo sobre as vilas, o campo e o mar, realizado na região do Algarve. Deu-se importância ao estudo do clima na Índia e aos fenómenos meteorológicos de Goa. Também Pierre Gourou elaborou um estudo sobre a geografia tropical, do planalto de Goa, com uma área com cerca de cinquenta metros sobre os fundos dos vales. O mesmo autor desenvolveu ainda uma análise sobre as técnicas agrícolas, produção e estudo da paisagem rural em Paris.

Destaca-se ainda Duarte Fonseca sobre o estudo do problema da modificação das nuvens. Estudo das consequências geográficas entre duas civilizações muito diferentes nas suas aspirações nas suas técnicas, sobretudo em face da imigração vinda da Europa e sobretudo da França. No grupo da geografia compreende ainda um estudo sobre Malveira que trata do relevo da freguesia da Estremadura Portuguesa. O factor industrial teve alguma preponderância nesta classe quando se estudou sobre um centro industrial satélite na região da Baixada Santista em São Paulo. Sobre o Norte de Portugal foi elaborado um estudo sobre o método de análise factorial, sendo este a componente principal deste trabalho. Carlos Alberto Medeiros surge com o estudo sobre o ambiente e as fases da colonização e ainda o ensaio sobre a geografia rural das montanhas portuguesas dando como exemplo o Norte da Beira Estudo sobre objectivos e bases de investigação, a ocupação humana, sua evolução significado, relevância da criação de gado e ainda as relações existentes com o exterior. Jessé Montello escreve sobre o programa e elaborou detalhes sobre os temas em discussão na organização do colóquio que se realizou no Brasil. Sobre o Congo Belga foi dado à estampa um estudo sobre a agricultura itinerante onde se discutem assuntos sobre problemas de fixação do homem ao solo. Também Orlando Ribeiro assinalou esta temática

com os seus estudos sobre a topografia agrícola e Florestal, o mesmo autor elaborou um estudo sobre o habitat rural em consonância com a forma como se distribui a população dos campos. Outro estudo de geografia relevante foi sobre as características físicas da bacia hidrográfica do Rio Lis, ambiente humano, obra de rega, e suas consequências da autoria de Maria Luísa Fernandes do Santos. Através da Junta de Investigações do Ultramar, também a população, foi objecto de estudo sobre a bacia hidrográfica dos lagos. O estudo abarcou temas sobre a Etnologia, Economia, Agricultura, Pesca, Comércio e a Cartografia da região do Rio Niassa. E do mesmo modo Francisco Tenreiro desenvolve um estudo sobre os elementos para uma política de ordenamento regional. É importante realçar o estudo de dois núcleos de periferia urbana na região de São Paulo. Refira-se o estudo de Orlando Valverde no Rio de Janeiro cujo título compreende o relevo, a vegetação o povoamento com o ciclo dos Jesuítas, os sistemas agrícolas e a colonização italiana do planalto. E por fim citamos o estudo de Alberto Xavier sobre a História Geográfica da população portuguesa na Índia.

Seguindo-se a Geologia com uma percentagem de (7,51%). Surge com um estudo sobre problemas de morfologia do autor Pierre Birot.

Outra análise irrompe sobre os granitos do distrito de Goa da autoria de Alexandre Borges.

Cita-se outro estudo interessante de geologia escrito em francês: Étude Geologique et Sedimentologique de la region de Ponte de Sor - (Bordure est du bassin tertiaire du bas Tage), foi tema da tese de doutoramento de A. M. Galopim de Carvalho defendida em Paris.

Refira-se ainda o estudo sobre uma colecção de minerais de ornamentação que ronda 765 espécies de interessantes pedras preciosas, executado pelo Professor Alfredo Augusto de Oliveira Machado Costa.

Também Mariano Feio desenvolveu um trabalho sobre a Evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve e ainda uma análise sobre o estudo de Geomorfologia, dos terraços no Baixo Alentejo. O mesmo autor redigiu sobre o relevo na região do Minho e ainda sobre os Terraços do Guadiana a Jusante do Ardila. Ainda o mesmo escritor com Raquel Soeiro de Brito escrevera um estudo sobre o granito português e a sua importância.

Já Louis Glangeaud desenvolveu um estudo sobre bibliografias analíticas, fenómenos geológicos e estudo da geologia aplicada.

A fauna do Kimeridgiano na região de Leiria foi tema de estudo do autor Walter G. Hühne.

Cita-se também a obra da Maria Regina Mousinho de Meis sobre a importância desempenhada pelo estudo da evolução da paisagem durante o Quaternário Superior, capaz de auxiliar na interpretação de fenómenos biológicos, no vale do Rio Doce.

Estudos sobre descrição das marcas Geodésicas. Levantamentos Hidrográficos da barra de Chaporá e enseada de Morgin - Relatórios do 1º Tenente. Obra relatada por

Almeida Pinheiro. E ainda o mesmo autor realizou um estudo técnico referente ao levantamento hidrográfico da barra do Rio Mandovi.

À mesma classe pertence o título sobre trabalhos de geologia realizados na província de Cabo Verde, Guiné Portuguesa, Timor e Macau da autoria de Carlos Teixeira.

Note-se ainda o trabalho dos autores A. Sousa Torres e J.M. Pires Soares, sobre Estudos dos recursos minerais e hidrológicos e situação geográfica e ainda o estudo da História natural de Cabo Verde.

Também com alguma predominância temos ainda a disciplina de Antropologia com (6,10%). Esta temática abarca um tema sobre as relações diplomáticas entre Portugal e a Dinamarca durante a restauração da autoria de Pedro Manuel Guedes de Passos Canavarro.

O estudo da etnografia teve um papel preponderante nesta classe, cujo tema foi desenvolvido pela Câmara Municipal de Santo Tirso. Também a História Musical está inserta na doação de Orlando Ribeiro na classe da Antropologia e foi tema do autor Gerhard Kubik.

Surge um estudo Antropológico sobre a Província de Moçambique. «Reposta das questões sobre os Cafres» são notícias etnográficas sobre Sofala do fim do século XVIII da autoria de Gerhard Liesegang.

Escreveu Frederico José Peirone um estudo no âmbito da origem e difusão da tribo ajaua, estudo do panorama religioso do Islão e ainda o estudo dos topónimos muçulmanos da tribo.

Descreve Panduronga Pissueriençar S. S. um estudo no âmbito da origem e difusão da tribo ajaua, estudo do panorama religioso do Islão e ainda o estudo dos topónimos muçulmanos da tribo.

Prosseguindo com a análise da Repartição Central de Estatística e Informação que publicou o estudo sobre as manifestações em Goa que por ter sido contrárias tiveram de criar fantasmas para justificarem a sua atitude.

Um estudo interessante escrito por Orlando Ribeiro, sobre estudos realizados no âmbito da 2ª Conferência de Bissau em 1947, sobre o meio Humano. Com o apoio da Junta de Investigações Coloniais.

Também Francisco Tenreiro escreveu sobre um estudo no âmbito da localização dos engenhos de açúcar na Ilha de São Tomé, no terceiro quartel do século XVI.

Cita-se Leite de Vasconcellos com um estudo sobre a Etnografia Portuguesa.

Segue-se a classe da Administração com (5,16%). José Cabral desenvolveu nesta temática o ensaio sobre o Regulamento dos Serviços Municipais do concelho de Perném aprovado por Portaria n. 3.496, de 27 de Junho de 1940, segue-se o Regulamento dos Serviços Municipais do concelho de Pondá aprovado por Portaria n. 3.404, de 14 de Setembro de 1939, sucede-lhe o Regulamento dos Serviços Municipais do Concelho de Quepém aprovado por Portaria nº 3.419, de 19 de Outubro de 1939, surge o Regulamento dos Serviços Municipais do Concelho de Sanquelim. Aprovado por Portaria nº 3.371, de 25

de Maio de 1939, irrompe o Regulamento dos Serviços Municipais do Concelho de Canácona. Aprovado por Portaria nº 3.431, de 9 de Novembro de 1939, segue-se o Regulamento dos Serviços Municipais do Concelho de Nagar-Aveli. Aprovado por Portaria nº 3.468, de 7 de Março de 1940, e por último surge o Regulamento dos Serviços Municipais do Concelho de Sanguém. Aprovado por Portaria nº 3.394, de 24 de Agosto de 1939.

Sucedem-se vários regulamentos sobre as disposições gerais das licenças para obras do concelho de Mormugão através do Código de posturas do Concelho de Mormugão - Aprovado por Portaria Provincial nº 1.874, de 9 de Novembro de 1933, por João Carlos Craveiro Lopes. O mesmo autor refere ainda o estudo sobre regulamentos das novas conquistas. Segue-se outro ensaio sobre o regulamento dos serviços Municipais do Concelho de Salcete (Aprovado pela Portaria Provincial nº 2.570 de 15 de Fevereiro de 1936) e ainda um Estudo dos regulamentos dos serviços municipais do concelho das ilhas de Nova Goa.

A Sociologia abarca uma percentagem que não passa dos (4,23%), nela estão integrados estudos sobre o inquérito à habitação rural das Beiras promovido pelo Senado Universitário e dirigido e organizado em 1942-1946 pelo professor catedrático de Economia Rural do Instituto Superior de Agronomia, engenheiro agrónomo Henrique de Barros. Segue-se um estudo sobre os modos de vida da população de Goa apresentado por Raquel Soeiro de Brito. A mesma autora elabora um ensaio sobre a notícia do inquérito da aldeia de Goa. Ainda sobre a Sociedade surge mais um estudo sobre os aspectos de organização do espaço e unidade de povoamento no bairro rural dos Pires em São Paulo, por Liliana Lagana Fernandes. Segue-se três inquéritos sobre as condições de vida da população da cidade de Évora entre 1955-1956, efectuado pela autora Maria Gertrudes Militão Gomes. Por último a mesma autora em parceria com A. Salvado escrevem sobre um outro inquérito sobre as condições de vida da população da cidade de Faro entre 1961-1962.

Os grupos da Demografia e da Educação compreendem apenas (2,35%). Relativamente na categoria da demografia surge um estudo sobre a Mortalidade da População Portuguesa, entre (1949-1952), apresentado por Joaquim J. Pais Moraes. O mesmo autor refere ainda outra análise sobre alguns indicadores demográficos. Seguindo-se o estudo sobre a mortalidade da população Portuguesa do continente e Ilhas entre 1959 e 1962. Também Maria de Lourdes Akola da Cunha Meira do Carmo da Silva Neto pronunciou-se sobre “A Freguesia de Santa Catarina de Lisboa no 1º quartel do século XVIII”, seria tema da dissertação de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, apresentada em 1958, à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ainda dentro da classe demográfica surge por último uma análise realizada por A. G. Ogilvie, sobre os problemas populacionais em Washington.

Já no que respeita à classe da Educação com igual percentagem conta com o estudo sobre a Universidade de Lisboa: Esclarecimentos de ordem geral de interesse para os alunos da referida Instituição, sua constituição, e os cursos professados nas diversas Faculdades de Lisboa apresentado pelo autor Nuno Maria Sampaio de Lemos. Também

Carlos Alberto Medeiros fez uma análise sobre a elaboração de um plano de estudos referente aos anos 1974-1975, para a Universidade de Lisboa. Ainda relacionado com o tema da Educação, Veiga Simão deu à estampa um trabalho sobre os discursos proferidos em 1970 como Ministro da Educação sobre os problemas da Universidade. O mesmo autor pronunciou-se sobre o Direito à Educação: «Basta uma criança para justificar uma Escola», «Semear cultura era ontem um dever; hoje é imperativo. Não o fazer é um atentado criminoso contra a própria sobrevivência Nacional»<sup>403</sup>. Veiga Simão escreveu por último sobre as medidas a tomar sobre o sistema escolar e o ensino em Portugal.

Por seu lado a secção da Botânica é representada com apenas (1,88%), e nesta área F. A. Mendonça apresenta um estudo sobre o conhecimento da flora de Angola. Também Carlos das Neves Tavares desenvolveu uma análise sobre o cultivo da figueira na Índia. Outro estudo foi dado à estampa sobre a flora jurássica e cretácica em Portugal, incrementado por Carlos Teixeira. Seguindo-se E. Gonçalves Valente com o estudo sobre o cultivo do arroz e toda a sua variedade de plantas nas diferentes fases evolutivas dos 528 exemplos existentes, todos mantidos em cultura e em selecção genealógica em Lourenço Marques.

A classe da Medicina com 1,41% compreende um estudo sobre a nota biográfica e bibliográfica do Prof. Doutor Lopes de Andrade. Segue-se um estudo sobre o clima de Nova Goa, présenté au Congrès International de Médecine Tropicale et d'Hygiène du Caire, editado por Alberto C. Germano da Silva Correia. Sucede uma análise sobre as doenças de Parasitologia veterinárias apresentada por J. da Silva Leitão.

Os grupos da Estatística, da Literatura, da Matemática e da Política abarcam respectivamente uma singela percentagem de (0,94%). Na classe da Estatística surge um estudo sobre o desenvolvimento da cidade de Luanda, desenvolvido pela Direcção dos Serviços de Economia e Estatística Geral. Também Albano Mendes Pedro (Padre), efectuou uma análise sobre o anuário católico do Ultramar Português. O estudo abrangia acordos missionários, Institutos Religiosos que trabalharam no Ultramar e ainda uma síntese sobre o catolicismo praticado no Ultramar.

A categoria da Literatura que possui igual percentagem insurge-se com o estudo “Os Portugueses nas literaturas Indianas dos séculos XVI, XVII e XVIII”, sobre as manifestações culturais deixadas pelos portugueses ao povo Indiano, realizado por Panduronga S. S. Pissuerincar. Segue-se o estudo da autoria de J. Leite de Vasconcellos, sobre o estudo dos índices da Revista Lusitana.

A Matemática com análoga percentagem teve a sua representação através do estudo dos métodos de estimação da função de Gompertz, conhecidos pelos métodos iterativos, efectuado por José António Girão. Note-se ainda o trabalho de Maria Clara Sousa Lopes, sobre estudo das ciências exactas e Naturais.

---

<sup>403</sup> SIMÃO, José Veiga – “O Direito à Educação”, Ministério da Educação Nacional, 1971, p. 135.

Na classe da Política com percentagem idêntica representada pelo estudo do relato da passagem de Salazar por Goa, o referido estudo abarca ainda a colonização, exploração e integração de povos portugueses naquele país, da autoria de Abel de Montalto. O mesmo autor refere ainda sobre o estudo da criação de Portugal na Índia e o estudo da influência do cristianismo. Os modos de ser português através dos usos, costumes e tradições.

Finalmente, as classes da Astronomia, da Informática e da Sociologia com percentagens minoritárias apenas atingiram (0,47%). No que se refere à Astronomia é figurada pelo estudo sobre cursos e seminários de astronomia e cosmografia, efectuado pelo Instituto da Gulbenkian de Ciência. Também o grupo da Informática surge representada pelo estudo sobre a programação de computador "Fortran", da autoria de M. Odete Rodrigues Cadete. Por último surge a classe da Sociologia com uma análise sobre estudos de Ciências Políticas e Sociais, realizado por Francisco Tenreiro.

No que respeita à análise dos autores insertos nas monografias eles totalizam 193. Chama-se a atenção para a obra de Duarte Leite que escreveu em 21 cadernos a obra sobre a expansão e para o facto de Francisco Xavier dos Santos Vás que redigiu a sua publicação em Português e a traduziu para inglês<sup>404</sup>.

Este conjunto de temáticas insertas na doação evidencia as preferências sobre as aquisições de leitura de Orlando Ribeiro e servem para testemunhar as obras de eleição da sua Biblioteca Particular.

---

<sup>404</sup> Cf. (Anexo 2).



#### IV. - LER HISTÓRIA NA DOAÇÃO DE ORLANDO RIBEIRO AO INSTITUTO DE GEOGRAFIA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

##### 4.1. TEMÁTICAS HISTÓRICAS INSERTAS NAS REVISTAS DA DOAÇÃO DE ORLANDO RIBEIRO

“A curiosidade da Historia nasceu da leitura dos romances de Herculano e do gosto de ruínas e de coisas do passado”<sup>405</sup>.

Também o facto de Orlando Ribeiro se ter licenciado em Ciências Histórico-Geográficas se verificou o seu interesse pela vertente histórica, não só pelos livros que possuía mas por toda a sua obra historiográfica que apresentou.

Das 104 revistas<sup>406</sup> foram seleccionadas 7 revistas que de algum modo nos parecem conter assuntos do âmbito da história e que representam no seu total 83 exemplares de edições.

Destacamos por isso a selecção do Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira que entendemos poder classificá-lo na classe das bibliografias por conter textos sobre diversas temáticas. Verificamos que uma delas pertencia à classe das bibliografias de história e por esse facto o boletim foi integrado nas obras de história. Nesse contexto foi realizada uma análise individual às 7 revistas seleccionadas.

Em primeiro lugar o “Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira com 48 volumes com uma percentagem bastante significativa que ronda os 59%. A “Revista da Faculdade de Letras de Lisboa”, surge a seguir com 17 volumes e uma percentagem de 20%. A Revista Portuguesa de História da F.L.U.C., com 7 exemplares com uma percentagem de 8%. O Arquivo de Beja, com 5 volumes e com uma percentagem de 6%. A Revista Lusitana, com 4 volumes mas com uma percentagem de 5%. O Boletim do Instituto da Ilha Terceira, História e Sociedade e a Revista de História e Sociedade com uma edição correspondendo apenas a 1 volumes com uma percentagem de 1% cada.

As revistas seleccionadas no quadro nº 9 foram analisadas individualmente sobre o seu conteúdo<sup>407</sup>.

---

<sup>405</sup> RIBEIRO, Orlando - *Memórias de Um Geógrafo*, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 53.

<sup>406</sup> Cf. (Anexo - 7).

<sup>407</sup> Cf. (Anexo - 9).

4.1.1. - Historiografia Inserta nas Revistas da Doação de Orlando Ribeiro ao IG-F.L.U.P.

Quadro – 9: Revistas de História Inseridas na Doação

REVISTAS DE HISTÓRIA	Nº DE EDIÇÕES	%
Arquivo de Beja	5	6%
Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira	1	1%
Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira	48	59%
História e Sociedade	1	1%
Revista da Faculdade de Letras de Lisboa	17	20%
Revista Lusitana - I.N.I.C. - Lisboa	4	5%
Revista Portuguesa de História - F.L.U.C.	7	8%
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Biblioteca do Departamento de Geografia da F.L.U.P. – Fundo Orlando Ribeiro<sup>408</sup>

<sup>408</sup> Cf. (Anexo - 1).

#### 4.1.2. – Temáticas de História Inseridas nas Monografias da Doação de Orlando Ribeiro

Nas temáticas inseridas nas monografias da doação ao Instituto de Geografia da FLUP, contamos com vinte variantes de história<sup>409</sup>. Segundo a análise efectuada ao referido espólio foi distribuída da seguinte forma:

Quadro – 10: Distribuição dos Conceitos da Historiografia nas Monografias

DISTRIBUIÇÃO DOS CONCEITOS	Nº DE EDIÇÕES	%
História Geral	13	19,70%
História Agrária	1	1,52%
História Colonial	1	1,52%
Historia da Arqueologia	1	1,52%
História da Educação	4	6,06%
História da Expansão	4	6,06%
História da Imprensa	1	1,52%
História da Navegação	2	3,03%
História das Pescas	2	3,03%
História das Relações Internacionais	1	1,52%
História Demográfica	9	13,64%
História do Povoamento	1	1,52%
História Económica	2	3,03%
História Etnográfica	2	3,03%
História Geográfica	1	1,52%
História Institucional	1	1,52%
História Política	8	12,12%
História Religiosa	10	15,15%
História Rural	1	1,52%
História Urbana	1	1,52%
<b>Total</b>	<b>66</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Biblioteca do Departamento de Geografia da F.L.U.P. – Fundo Orlando Ribeiro

Ainda sobre a tabela da distribuição dos conceitos é importante explicar o motivo dos resultados da história da expansão não corresponder à realidade que se apresenta no inventário em anexo, surgindo com um total de 21 fascículos correspondendo apenas a uma obra. Note-se que a obra diz respeito ao autor Duarte Leite e para uma melhor percepção do

<sup>409</sup> Cf. (Anexo - 2).

seu conteúdo foi apresentada por fascículos e pela sequência da sua paginação para uma melhor leitura. Os fascículos tratam dos seguintes temas: Expansão, Instrumentos de Astronomia, Descobrimientos, Tratado de Tordesilhas, Armadas da Índia e Brasil, Cartografia primitiva, Expedições no Brasil, estudo sobre os mapas manuscritos, trata também das Colônias do Sacramento e ainda o estudo sobre a historiografia dos descobrimentos, perfazendo um total de 4 obras no que concerne à história da expansão.

A conotação que Orlando Ribeiro dava a estas temáticas que faziam parte da sua biblioteca, leva-nos a pensar ser pela necessidade e pelo facto de poder efectuar as suas pesquisas para um elevado e mais adequado conhecimento científico a nível nacional e internacional. Como se depreende através do quadro nº 10 observamos que a História de âmbito geral foi aquela que se destacou na doação de Orlando Ribeiro, com uma percentagem de 19,70%. Também a história religiosa com 15,15% teve bastante significado na vida do geógrafo a confirmar temos o seu estudo sobre “O Alcorão em Português” em 1980.

Especificava também a História Demográfica com 13,64% bastante representativa. A História Política situava-se nos 12,12%, a História da Educação e História da Expansão em termos de percentagem fixam-se nos 6,06%. Em relação à História da Navegação, História das Pescas, História Económica e História Etnográfica, compreendem uma percentagem de 3,03%.

História Agrária, História Colonial, História Arqueológica, História da Imprensa, Relações Internacionais, Povoamento, História Geográfica e Institucional História da Navegação, História Naval, História Institucional, História Rural e História Urbana compreendem em termos percentuais 1,52%<sup>410</sup>.

Podemos concluir na referida análise que no conjunto das monografias inseridas na doação do investigador a História Religiosa, a História Geral, a História Demográfica e a História Política, são as mais representativas como se pode apurar. Note-se que todas estas variantes da História fazem parte integrante do seu espólio por conseguinte contribuíram muito para a evolução da produção e pensamento de Orlando Ribeiro.

---

<sup>410</sup> (Cf. Anexo – 2).

#### 4.2. – ANÁLISE DA OBRA HISTORIOGRÁFICA DE ORLANDO RIBEIRO

“As suas preocupações, estudos e investigações, bem como os seus fitos metodológicos e exegéticos, levaram-no a escrever sobre variados campos e matérias. De reflexão filosófica às concepções da estrutura e problema da vida universitária nas suas complexas perspectivas; das funções e significado social, político e cultural da Ciência ou do Saber Científico à hermenêutica histórica nas suas relações com os problemas geográficos, de que é profundo defensor; do carácter pluridisciplinar e interdisciplinar”<sup>411</sup>.

“En resumé, l’histoire de la science a pour but d’établir la genèse et l’enchaînement des faits et des idées scientifiques, en tenant compte de faits. Mais il n’en est pas moins indispensable de connaître aussi parfaitement que possible la science moderne, parce qu’ainsi nous pouvons d’autant mieux apprécier l’évolution accomplie.

Les progrès de la science contemporaine ne peuvent être étudiés à l’aide des mêmes méthodes. D’ailleurs, la science que se fait écrit elle-même sa propre histoire – une histoire provisoire, il est vrai, - et la manière la plus rationnelle et la plus simple d’enseigner les théories récentes, encore imparfaites, c’est d’en faire historique. Dans ce qui suit, quand nous parlerons d’histoire de la science, il faudra donc entendre par là l’histoire de la science devenue classique, la science qui est enseigné dans les lycées et dans les cours encyclopédiques des facultés, et qui constitue, ou devrait constituer, le bagage intellectuel de tout homme cultivé”<sup>412</sup>.

E como dizia Orlando Ribeiro: “Os Princípios de Geografia Humana, com o seu constante apelo à observação e ao passado, consolidaram as duas tendências do meu espírito. A Geografia, em tudo o que o homem, era como uma maneira de ver e sentir o que da História persistiu até nós. Nunca mais deixei de associar estreitamente as duas ciências....”<sup>413</sup>.

Também a biologia foi tema da sua produção científica, note-se por isso o seu estudo dedicado a Jules Daveau, Botânico francês, a propósito do cinquentenário da sua morte a prestar serviço em Portugal.

No que concerne à reconquista lembrou o seu estudo sobre a fundação da Universidade explicando que esta instituição é um local de criação de Ciência. Logo sobre o

---

<sup>411</sup> OLIVEIRA, António – Crónica – Doutoramento Solene de Orlando Ribeiro e de Santiago Kastner”, Biblos, Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2ª parte da Miscelânea em honra de Fernandes Martins, vol. LX - 1984, p. 552.

<sup>412</sup> SARTON, Georges - “L’Histoire de la Science”, Isis, Révue consacrée a l’histoire et l’organisation de la science, publiée par Georges Sarton, Belgique, tomo I, nº 1, 1913, pp. 11-12. Op. cit., por Fátima Nunes, « Leituras de História da Ciência no Jornal de Ciências Mathematicas, Físicas e Naturais.

<sup>413</sup> MEDEIROS, Carlos Alberto – “A Geografia no Sentir de Orlando Ribeiro”, Ministério da Educação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998, p. 11.

conhecimento dos problemas da investigação colonial, para Orlando Ribeiro os métodos são os mesmos quer sejam nas colónias quer sejam na metrópole. Valorizou sobretudo o carácter desinteressado que anima o trabalho científico. Foi preocupação de Orlando Ribeiro os problemas que afectavam a carreira docente e científica e por isso cooperou para a simplificação dos cursos contribuindo para que o ensino tivesse uma significativa reforma. Em alguns momentos da sua vida académica Orlando Ribeiro defende o papel da Universidade afirmando que ela pretende apenas o privilégio da primazia da inteligência e uma melhor utilização dos seus recursos.

De toda a análise efectuada à produção historiográfica de Orlando Ribeiro, pode-se testemunhar o efectivo interesse do geógrafo por essa temática. Sabe-se que a História das Mentalidades se construiu aplicando a novos objectos os princípios de inteligibilidade, conciliando novos domínios de investigação e aos postulados utilizados na História Económica e Social<sup>414</sup>. Os historiadores de hoje vão sentindo, paralelamente a mesma necessidade de visualização espacial dos factos estudados, recorrendo à prática cartográfica, sendo considerado no passado e no presente uma mais valia como recurso para Geografia histórica em Portugal. A Junta de Investigações do Ultramar foi criada por uma comissão de cartografia fundada por Gago Coutinho, em muito contribuiu para a formação do conhecimento histórico.

Ao reflectir sobre as ligações entre as duas ciências afirmava que a História: «não pode separar-se da Geografia», porque «entre a Terra e o Homem [...] interpõe-se a História», o que torna desejável que o geógrafo «não se deixe enredar demasiado no imediato»<sup>415</sup>, (1991): pp. 141-142. Pela diversidade das temáticas na análise efectuada, pode-se evidenciar as variantes da História que contribuíram para influenciar o pensamento de Orlando Ribeiro patente na sua produção científica.

Orlando Ribeiro escreveu em 1939, “Formação de Portugal”, no momento de transição da Ditadura Militar para a plena institucionalização do Estado Novo em 1933-1934, consolidado em 1940. Em 1936 surgiam a Mocidade e a Legião Portuguesa, instituições típicas do regime instaurado por Oliveira Salazar o qual estabelecia uma sólida aliança com a Igreja Católica através da Concordata com a Santa Sé. Contudo, em “Mediterrâneo, Ambiente e Tradição” (1968), “Introduções Geográficas à História de Portugal” (1977), e em “A Colonização de Angola e O Seu Fracasso” (1981) o referido investigador, associa constantemente Geografia e História. Recordando a independência e do processo de afastamento do Ultramar, foca o caso dos africanos brancos expostos a um destino injusto.

É importante realçar sobre a análise feita em “Formação de Portugal”, que alude para o facto do destino histórico que separou o Norte de Portugal da Galiza, esclarecendo que uma Nação não é uma consequência do território ou da Raça, mas da própria história. Orlando Ribeiro chama a atenção para o desenvolvimento da civilização do Sul do País, e

---

<sup>414</sup> CHARTIR, Roger – “A História Cultural – Entre Práticas e Representações”, Memória e Sociedade, Difusão Editorial, Lda., Lisboa, 1988, p. 15.

<sup>415</sup> Idem, *Ibidem*, 1991, p. 163.

menciona os muçulmanos como sendo aqueles povos que deram o maior auxílio durante o período de cinco séculos dando contributo idêntico aos Romanos. O estudo sobre o “Alcorão em Português”, o autor pretendeu chamar a atenção para a ligação que Portugal manteve ao longo da sua história com o Islão, por causa da reconquista, sendo através dela que se reconstituiu a nação e se definiu a forma do seu corpo político. E prosseguindo com a análise para Orlando Ribeiro a principal miragem foi o domínio de Marrocos.

Relativamente aos estudos de Campo efectuados ao longo da sua vida de investigador no período compreendido entre 1932-1985, estudou-se o modo como tais factos se reflectem na sua trabalho de investigação. Orlando Ribeiro demonstra em alguns dos seus estudos sobre os deslocamentos das populações das planícies e das ribeiras para as pastagens mais elevadas no verão, a relação destes elementos com os tipos de habitação e as causas de isolamento das populações. Assim constata, uma vez mais a articulação entre os fenómenos históricos dos grupos e sociedades humanas com o seu habitat, as condições, formas de povoamento e sistemas agrários, não esquecendo o papel das novas tecnologias para o desenvolvimento das mesmas. Contudo, ainda sobre o conceito a população em relação as diversas formas de povoamento e comenta o autor que elas têm a ver sobretudo com a economia, a vida agrária, e as grandes propriedades. Deu especial importância à análise dos movimentos para as regiões de maior cultura do trigo e do arroz ao mesmo tempo que se verificava o deslocamento da população, aliás facto que se mantinha idêntico desde o tempo da reconquista. Foi notória para Orlando Ribeiro as transformações do povoamento, quando dedica um dos seus últimos estudos a Pinhal Novo, sobretudo quando compara as transformações espaciais patentes nas cartas geográficas, acentua a contribuição da implantação do caminho-de-ferro e do movimento migratório.

Verifica-se que em quase todos os seus estudos Orlando Ribeiro se preocupou com os factores de sustentabilidade das populações, nomeadamente quando se pronunciou sobre as divisões administrativas. O impacto das relações humanas, da produção da terra e do clima, são factores determinantes para o progresso das populações, por esse motivo para Orlando Ribeiro a cidade é o produto das sociedades ou civilizações, no caso das cidades muçulmanas verifica que estas obedeciam a uma concepção oposta ao do urbanismo romano. Dá por isso os exemplos do Porto, Coimbra e Lisboa, por estas cidades provirem de uma época anterior aos Romanos. Por sua vez no seu trabalho “O Brasil: A Terra e o Homem”, (1942) afirma que sempre que uma cidade se torna moderna, a sua população aumenta e se desenvolve. Também pelo seu interesse lembra o desenvolvimento da população e a sua composição na formação das grandes regiões brasileiras e por esse facto contribuindo para a construção das grandes cidades.

Orlando Ribeiro recorda D. João VI, associando-o à independência e com ela o país se tornava o maior foco de emigração portuguesa. Note-se ainda a analogia aparente da comparação que faz entre a “América e África” (1979), e sobre estes dois mundos diz que o papel da África vai ser o de sustentar a prosperidade que a América alcançou em poucos

anos. Com a colonização dos portugueses no Brasil, deu-se a mestiçagem considerada um elemento importante na conquista e povoamento das terras novas. Quando o mesmo autor refere às divisões do interior dos estados, geralmente destituídos de qualquer função administrativa, isto é como no caso do estudo das regiões históricas comenta que a origem directa das divisões é a história.

Outro trabalho com alguma grandiosidade para atestar a importância de Orlando Ribeiro foi o estudo “Identificação de um País”, nele fez alusão sobre os condicionalismos sobre a cultura que se fazia apenas à roda das povoações e ao longo dos cursos de água. Lembra por isso motivo que no tempo da reconquista desencadeou o movimento de gente do noroeste para o sul de Portugal. E comenta que as grandes civilizações que se revelaram aptas a criar elevadas densidades de população. Note-se que o desenvolvimento da vida no Mediterrâneo foi concretizado pela favorável navegação encontrada e pelos locais propícios para a fundação das cidades.

Quando se refere à Expansão Portuguesa deu especial ênfase às terras que eram doadas aos senhores, porque estes recebiam amplos poderes económicos jurídicos e administrativos, dado que, a mero título de exemplo no tocante ao comércio ficavam isentos de tributos. A análise das estruturas sociais, da conjuntura económica, da evolução das ideias e das técnicas, é para Orlando Ribeiro um aspecto indispensável para a interpretação do passado. E por isso se interroga quando são seriados alguns acontecimentos, qual o papel que os grandes homens tiveram neles. Nos seus estudos valoriza também a colonização interligada à expansão ao encontro de civilizações, à valorização de terras por acção do povo desenvolvido e empreendedor.

No que diz respeito ao povoamento de Cabo Verde lembrou os primeiros donatários e a introdução do milho, e a sua importância na expansão portuguesa, criando modos de subsistência para colmatar as necessidades fundamentais da população.

É importante referir toda a civilização do ocidente que chegou acompanhada de progresso e técnicas que alcançaram a universalidade, valorizando os contactos que os africanos mantinham com os portugueses fazendo com que alguns adoptassem a religião cristã. Refere-se aos povos conhecidos por “Bochimanes”, que desde as viagens de “Vasco da Gama” já existiam e que viviam da pesca, da caça, de raízes e mel silvestre. Eram sobretudo povos que tinham uma família constituída por cinco a seis filhos, mas mantinham uma particularidade, sempre que nasciam “gémeos”, um deles era sacrificado.



#### 4.3. – A HISTORIOGRAFIA NO BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA PERTENCENTE À DOAÇÃO

Segundo Filipe Mendes Quinto, a Europa no século das Luzes e do progresso, pouco conhecia da África. As primeiras explorações não portuguesas deste novo período da história do conhecimento de África motivadas por interesses políticos, científicos e económicos. Em 1850, foram usadas as linhas de costa traçadas nas cartas que as navegações portuguesas ajudaram a levantar<sup>416</sup>. As principais potências interessadas em África começavam a contestar os direitos históricos de Portugal contrapondo o princípio da ocupação efectiva desses territórios, que as expedições científicas vinham efectivando. Por isso foi essencial agir, criar e fundar uma instituição que se ocupasse dos estudos geográficos e que promovesse a adesão pública e governamental aos trabalhos e viagens científicas a levar a cabo nas regiões africanas requeridas pelos direitos históricos de Portugal.

A Sociedade de Geografia de Lisboa é uma associação científica instituída em Lisboa no ano de 1875. Um grupo de cientistas, intelectuais e políticos dirigido por Luciano Cordeiro, concebeu a ideia de criar em Lisboa uma Sociedade de Geografia, análoga das que já existiam nas principais capitais europeias. Homem inteligente de um patriotismo ímpar, reunindo-se com alguns dos seus amigos na noite de 10 de Novembro de 1875, e no seu gabinete de trabalho instalado no 3º andar do prédio nº 111 da rua de S. Paulo, para discutir e aprovar o estatuto e o regulamento geral da Sociedade a fundar. Como dizia António Ferrão faziam parte alguns dos melhores intelectuais da época de entre outros, o Professor Rodrigo Afonso Pequeto, o Engº. João Cândido de Moraes, o Arquitecto Emiliano Augusto de Bettencourt e ainda o filólogo Dr. António Cândido de Figueiredo.

Foi seu objectivo promover e desenvolver em Portugal todo e qualquer estudo que se relacionasse com as ciências geográficas, tendo sido criada no contexto europeu de exploração e colonização do continente africano. O Boletim foi instituído a 10 de Novembro de 1875, por um grupo constituído por 74 subscritores que requereram ao Rei D. Luís, a criação de uma sociedade, a denominar por «*Sociedade de Geografia de Lisboa*».

Para o desenvolvimento desse programa de investigação, puderam contar com a colaboração dos seguintes subscritores:

- António Enes;
- Eduardo Coelho;
- Luciano Cordeiro;
- Manuel Joaquim Pinheiro Chagas;

---

<sup>416</sup> QUINTO, Filipe Mendes – *A Fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 93- N.ºs 7-9, 10-12, 1975, p. 165.

- Sousa Martins;
- António Cândido de Figueiredo
- António Lino Netto
- Teófilo Braga

Na prossecução das suas actividades a Sociedade propunha-se estruturar acções com outras instituições através de: conferências, sessões, cursos livres, concursos e congressos científicos, concedendo subsídios de investigação destinados a fomentar e apoiar as viagens de exploração e investigação científica, bem como na publicação e produção dessa pesquisa. A Sociedade prosseguiu contactos com instituições nacionais e estrangeiras ligadas à temática que vinha implementando, no sentido de reforçar as relações sobre o estudo e divulgar às instituições europeias o estabelecimento e troca de informações científicas. O seu património histórico está no Museu Histórico e Etnográfico e na Biblioteca num total de 230 000 títulos.

Ficou assim a Sociedade instalada numa residência adequada, no 2º andar da Rua do Alecrim, nº 89, por cima do Centro Progressista no qual se manteve até 1883, vindo mais tarde a instalar-se na actual sede num edifício pertencente à Empresa do Coliseu dos Recreios em 1897, depois de ter passado pela rua Capelo, onde hoje se encontram as instalações da casa de móveis Alcobia, e por um prédio no nº 5 da Rua das Chagas, onde permaneceu, até à sua transferência definitiva para as actuais instalações na rua das Portas de Santo Antão. A Sociedade de Geografia de Lisboa é uma entidade privada fundada em 1875 e considerada de interesse público desde 1924. Os seus Estatutos datam de 1895 e têm como objectivos centrais:

- Congregar esforços no desenvolvimento do estudo das Ciências Geográficas e afins;
- Impulsionar o estudo dos meios para melhorar, aproveitar e desenvolver as forças e recursos naturais de Portugal;
- Fomentar e apoiar a cooperação com os países de língua oficial portuguesa com vista à preservação do seu conhecimento científico e cultural;
- Promover contactos e acções de cooperação com as comunidades portuguesas existentes em países estrangeiros no intuito de nelas conservar e desenvolver o sentimento e os interesses da nacionalidade portuguesa e o culto da lusofonia;
- Articular a cooperação com o Estado e a consulta aos Poderes Públicos e ao País, na esfera da cultura e da ciência<sup>417</sup>.

A partir de Dezembro de 1876 a Sociedade dá início à publicação do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, que subsiste até aos dias de hoje. Todavia, a par desta Sociedade, foi criada a “Comissão Nacional Portuguesa de Exploração e Civilização da

---

<sup>417</sup> Museu Etnológico da Sociedade de Geografia de Lisboa -1875-2005. Comemorações dos 130 anos de existência da SGL [geral@socgeografialisboa.mail.pt](mailto:geral@socgeografialisboa.mail.pt)

África”, conhecida por ‘Comissão de África’ tendo como único objectivo, neutralizar a competitividade europeia no que diz respeito à apropriação de territórios no continente africano. O referido Boletim editado periodicamente nele reúne os trabalhos mais importantes de toda a actividade científica e cultural. A sua publicação na doação inicia-se em (1923) vai até (1991). Os temas mais notáveis são sobre as colónias ultramarinas e reflectem assuntos sobre: problemas políticos, sociais, religiosos, expansão, indústrias, história, educação, literatura, geografia, geologia, zoologia, colonização, descoberta da América, independência do Brasil, etc. A mesma publicação, existente no espólio do Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto teve os seguintes directores<sup>418</sup>:

Quadro - 11: Directores do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa entre (1923-1991)

ANOS	DIRECTORES DO BOLETIM
1923	Vicente Almeida D'Eça
1925-1926	Tomaz António Garcia Rosado
1927-1928	Pedro José da Cunha (Dr.)
1929-1940	José Capelo Franco Frasão - (Conde de Penha Garcia)
1940-1943	João de Azevedo Coutinho - Julho a Dezembro)
1943-1944	João António de Azevedo Coutinho Frago de Siqueira
1944	Manuel António Moreira Júnior (Dr.) - Maio e Junho)
1944	João António de Azevedo Coutinho Frago de Siqueira - Julho a Dezembro
1945-1949	Manuel António Moreira Júnior (Dr.)
1949	s/Presidente - (Janeiro a Dezembro)
1950-1951	Manuel António Moreira Júnior (Dr.)
1952-1959	António Augusto Esteves Mendes Corrêa (Dr.)
1959-1963	Ruy Ennes Ulrich (Prof. Dr.) - Vice-Presidente
1963-1974	Adriano José Alves Moreira (Prof. Dr.) - Presidente
1975-1976	M. G. Fernando Simões Coelho da Fonseca (Capitão) - Presidente
1977	Fernando Simões Coelho da Fonseca (C/Almirante) - Presidente
1978-1982	José Augusto Barahona Fernandes (Vice-Almirante) - Presidente
1983-1988	Eduardo Henrique Serra Brandão (Comandante) - Presidente
1988-1991	António Egídio de Sousa Leitão (Almirante - Presidente)

**Fonte:** Biblioteca do Departamento de Geografia da F.L.U.P. – Fundo Orlando Ribeiro

Efectivamente a leitura do “Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa” revela-se um elemento essencial neste trabalho visto através da análise e inventariação do espólio inserto na doação de Orlando Ribeiro à Biblioteca do Instituto de Geografia da F.L.U.P., (270 exemplares), verifica-se um maior número de artigos de História em especial sobre as Colónias Ultramarinas, destacando-se aos artigos de Geografia.

<sup>418</sup> Esta tabela representa o período de tempo que cada director participou na direcção do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Victor de Sá no artigo “Notas sobre o ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto”<sup>419</sup> elaborou o seguinte comentário sobre esta matéria:

“O moderno desenvolvimento dos estudos históricos está entre nós muito ligado ao esforço de renovação cultural tentando na vigência da Primeira República. Logo em 1911, após a criação das Universidades de Lisboa e do Porto (decreto de 22 de Março) e da definição das bases da nova constituição universitária pela qual passavam a reger-se as três Universidades do País (decreto de 19 de Abril), foram instituídas as Faculdades de Letras em Lisboa e Coimbra (decreto de 9 de Maio), onde as Ciências Históricas e Geográficas passaram a constituir uma das cinco secções que as compunham, além das de Filologia Clássica, Filologia Românica, Filologia Germânica e Filologia. A História não representava ainda, pois, uma secção autónoma de estudos; aparecia ligada à Geografia, como mais tarde (entre 1930 e 1957) havia de andar associada à Filosofia”<sup>420</sup>.

Este estudo vem confirmar, através do Regulamento de 19 de Agosto de 1911, que o plano abrangia quatro anos de curso divididos em semestres. Mas, “no que respeita à história, aparecem pela primeira vez em 1918 as disciplinas de Propedêutica Histórica e de História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa”. Com a criação da Faculdade de Letras do Porto, através do diploma legal (decreto nº 5.770, de 10 de Maio de 1919, procedeu-se a um processo reformador. Nomes como Ferraz de Carvalho, no âmbito da Geografia Humana surge Amorim Girão, em 1922, Fernandes Martins, em 1940 na área da Geografia Física, Virgílio Taborda ficaram conhecidos pela obra científica. Com este grupo de estudiosos começava a delinear-se um novo estilo no curso de Geografia de certa forma menos historicista.

Surgem geógrafos empenhados na evolução do ensino universitário da Geografia em Portugal, pretendendo estabelecer intercâmbio a nível internacional com os representantes de outros países através dos estudos que se realizavam sobre a Península Ibérica; a escola Alemã de Hermann Lautensach, a francesa de Paris com Sorre, Demangeon, Brunhes e La Blache, também a escola espanhola através dos seus geógrafos Urabaya e Hernandez-Pacheco. Segundo Pereira de Oliveira, através do Decreto de 17 de Novembro de 1926, nota-se uma pequena alteração no 5º Grupo, pouco significativa; a disciplina de Geografia de Portugal e das Colónias, foi desdobrada em duas anuais: Geografia de Portugal e Geografia Colonial Portuguesa.

Entre outros estudos recentes da autoria de J. M. Pereira de Oliveira “Contexto histórico da criação do Curso de Geografia em Coimbra”<sup>421</sup>, o geógrafo esclarece: “Foram de facto 19 anos os que mediaram entre a situação legislada com o Decreto de criação de 1911 até à publicação do Decreto de 25 de Fevereiro de 1930 que contemplou a existência de uma Secção de Ciências Geográficas”<sup>422</sup>. Só com o Decreto de 25 de Fevereiro de 1930 – Lei

<sup>419</sup> Sá, Victor Baptista Gomes de – *Notas sobre o ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto*. Revista da Faculdade de Letras, História, II Série. Vol. III. Porto, 1986, pp.199-209.

<sup>420</sup> Sá, Victor Baptista Gomes de – *Notas sobre o ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto*. Revista da Faculdade de Letras, História, II Série. Vol. III, Porto, 1986, p. 200.

<sup>421</sup> OLIVEIRA, J. M. Pereira de – *Contexto histórico da criação do Curso de Geografia em Coimbra*. “Instituto de Estudos Geográficos”: Lisboa, 2001/2002, pp. 1-9.

<sup>422</sup> Idem, *Ibidem*, Lisboa, 2001/2002, p. 1.

Orgânica das Faculdades de Letras – fez com que o ensino e a investigação da Geografia na Faculdade de Letras de Coimbra surgisse separado da História, ficando deste modo constituída a Secção de Ciências Geográficas.

Destes dados depreende-se que o Curso de Geografia só começou a funcionar em pleno a partir de 1930 e por esse facto a formação dos geógrafos na época que antecedeu à autonomização do referido curso, era dupla, justificando-se assim que o Boletim tenha naquele período geógrafos com a referida formação. O Boletim era editado periodicamente nele constando os trabalhos mais importantes de toda a actividade científica e cultural da Sociedade. Por tal razão se considera, neste trabalho, a referida fonte como pertinente para o estudo a elaborar<sup>423</sup>. Pode-se constatar, na tabela seguinte, a quantidade de artigos de História que ultrapassa os artigos de Geografia<sup>424</sup>.

Quadro - 12: A Historiografia no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa em função das Temáticas, Número de Artigos e %

TEMÁTICAS	Nº DE ARTIGOS	%
História	523	57%
Geografia	389	43%
<b>Total</b>	<b>912</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Biblioteca do Departamento de Geografia da F.L.U.P. – Fundo Orlando Ribeiro

Citam-se os seguintes autores<sup>425</sup>, quando comentam que só com “a reforma do Decreto-Lei nº 36 507, de 17 de Setembro de 1947 e o Decreto-Lei no 37 112, de 22 de Outubro de 1948 tem outra expressão científica e pedagógico-didáctica, reveladora dos progressos que se faziam no que respeita ao ensino em geral e especificamente no que concerne ao ensino da história no Estado Novo. Segundo os mesmos autores, “a história passa a ocupar um papel mais importante, mas curiosamente, menos marcado em termos de ideologia”<sup>426</sup>.

<sup>423</sup> No inventário das Revistas, (Anexo – 3), podemos visualizar: Os autores, os títulos, o ano de publicação e o número de páginas de todos os artigos do *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, que se prendem com a historiografia portuguesa, considerados por nós relevantes.

<sup>424</sup> O critério utilizado na ordenação dos elementos no (Anexo - 3) teve em conta, sobretudo questões cronológicas para melhor facilidade de pesquisa e evidência.

<sup>425</sup> TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Amado Mendes e CATROGA, Fernando – História da História em Portugal Sécs. XIX-XX, ‘Da Historiografia à Memória Histórica’, Temas e Debates, vol. II, 1998, pp. 96-97.

<sup>426</sup> Idem, *Ibidem*, 1998, p. 97.

## CONCLUSÃO

A presente dissertação, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto na área de História e Educação procura trazer a lume informações pertinentes para o conhecimento de uma obra importante no contexto nacional. Ao longo do trabalho, *“Ler História no Fundo Bibliográfico doado por Orlando Ribeiro, ao Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto”*, procurou-se essencialmente focar as origens e o processo evolutivo respeitante à carreira do referido investigador, desde a vida estudantil, passando pela docência, como orientador científico, enquanto geógrafo, focando-se também os especialistas com quem conviveu nas diversas universidades por onde passou, em especial Sorbonne, Coimbra e Lisboa, pretendendo-se assim esboçar uma breve síntese dos aspectos mais marcantes da produção de Orlando Ribeiro.

Em primeiro lugar, foi dado especial destaque à obra científica em questão, através de uma análise por formatos, conferindo particular relevo às campanhas de campo realizadas, quais os locais mais visitados, tendo-se desenhado o respectivo mapa cartográfico.

Num segundo momento, fez-se uma sucinta apresentação do espólio através de um inventário de revistas e monografias, com uma caracterização relativa à origem, data da doação dos mesmos, evidenciando-se as questões sobre a língua, autores, editores e impressores. Através de dois mapas explicativos, procurou-se tornar claro quais os países de proveniência das obras pertencentes à sua biblioteca pessoal e, através dessa análise, extrair conclusões acerca das preferências de leitura de Orlando Ribeiro, realçando-se especialmente o enquadramento das diversas temáticas, podendo-se assim constatar a interdisciplinaridade dos saberes na qual o mencionado especialista sempre viveu e incrementou os seus estudos, nela se ancorando como mestre, factos amplamente evidenciados pela sua produção científica.

Com efeito deu-se particular relevo ao estudo da historiografia na obra científica em geral e, nomeadamente na doação, tomando como exemplo maior o “Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa”, tendo em vista demonstrar a importância que a citada doação representa para o Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Para finalizar, parece ser fundamental afirmar que as indagações efectuadas se afiguram as mais ajustadas e necessárias atendendo ao objecto de estudo bem como para o desenvolvimento de futuros trabalhos acerca destas matérias, pelo seu valor histórico-cultural, pela diversidade das temáticas. Procura-se assim contribuir para o desenvolvimento, inovação e enriquecimento da obra de Orlando Ribeiro porque se pensa que o conhecimento acerca desta produção está longe de estar completo.

## BIBLIOGRAFIA

AGUILAR PIÑAL, Francisco

- “La Biblioteca de Jovelanos (1778), Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto «Miguel de Cervantes», 1984.

ALVES, Luís Alberto Marques

- “Subsídios para a História da Educação em Portugal (1750-1890)”, Secretaria de Estado da Cultura, Centro de Estudos Humanísticos, Cadernos de Estudos Contemporâneos, Nº 4, Porto, 1986.

AMARAL, Ilídio do

- “Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens”, Junta de Investigações do Ultramar, Memórias, 48, Lisboa, 1964, p. 371.

Idem - “Notas e Recensões – Centro de Estudos Geográficos (1943-1973)”, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia. (Centro de Estudos Geográficos), vol. VIII, nº 16, Lisboa, 1973, p. 310.

Idem - “Bibliografia Científica de Orando Ribeiro”, coligida e anotada, Lisboa, 1981, pp. 1-99.

Idem - “Homenagem a Orlando Ribeiro”, Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro, Centro de Estudos Geográficos, 1º vol. Lisboa, 1984, pp. 25-26.

Idem - “Finisterra Uma Revista com Trinta e cinco anos de Prestígio Científico”, Finisterra, XXXVI, 72, 2001, p. 11.

Idem - “O Espólio Científico de Orlando Ribeiro – III O Sítio Internet Orlando Ribeiro”, Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, nº 85, Lisboa 2008, p. 125.

ARAÚJO, Ana Cristina

- “Livros de uma Vida”, Revista de História das Ideias, Vol. 20, 1999, p. 150-151.

ARROTEIA, Jorge Carvalho - *Figueira da Foz – (Contribuição para o seu Conhecimento Geográfico)*, Dissertação de Licenciatura em Geografia, Lisboa, 1972, p. 128.

BARDIN, Laurence

- “Análise de conteúdo”, Edições 70, Lisboa, 2000.

Idem - “Análise de Conteúdo”, (Trad. Portuguesa), Lisboa, Edições 70, 1991, p. 171.

Idem - “Análise de Conteúdo”, Persona, Edições 70, 1979, p. 213.

BATES, Marcia J.

“The Invisible Substrate of Information Science. Journal of American Society for Information Science”. 50, N. 12, 1999, pp. 1043-1050.

BRITO, Soares de

- “Notícias de Livreiros e Impressores, em Lisboa na segunda Metade do séc. XVI”, in Boletim da Sociedade de Bibliófilos Barbosa Machado, Lisboa, 1911.

BRITO, Francisco Nogueira de

- “Livrarias Notáveis Pertencentes a Particulares”, Separata de Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal”, vol. III n.ºs. 10-11, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1917.

BRITO, Raquel Soeiro de

- “A Ilha de São Miguel – Estudo Geográfico”, Centro de Estudos Geográficos, (Dissertação de Doutoramento em Geografia, apresentada à Universidade de Lisboa), Lisboa, 1955, p. 214.

CABRAL, Maria Luísa

“As Coleções, o Acesso e os utilizadores das Bibliotecas”, Conferência proferida na F.L.U.P. Porto, Faculdade de Letras, p. 23. 1996.

CAEIRO, Francisco da Gama

- “Livros e Livreiros Franceses em Lisboa nos fins de Setecentos e no primeiro quartel do Século XIX”, ‘Separata dos Anais’, II Série, vol. 26, Tomo II, Lisboa, 1980, pp. 302-319.

CARDOSO, António M. de Barros

- “Ler na Livraria de Frei Francisco de São Luís Saraiva - (Edição comemorativa do Sesquicentenário da Morte do Cardeal Saraiva)”, Câmara Municipal de Ponte de Lima, Ponte de Lima, 1995.

CARVALHO, A. M. Galopim – *Etude Géologique et Sédimentologiques de la Région de Ponte de Sor – (Bordure este du bassin tertiaire du bas Tage)*, Paris, 1964, p. 136 .

CARVALHO, Joaquim de

- “A Livraria de um letrado do século XVI: Frei Diogo de Murça. História da Cultura: 1922-1948”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1927, vol. 2, pp. 569-638.

CARVALHO, José Adriano de

- “El club de los Señores de las bibliotecas muertas? Nota a propósito de la librería del primer Marqués de Niza en el Portugal de mediados del siglo XVII”. In Libro y lectura en la Península Ibérica y América: siglos XIII a XVIII. Ed. António Castillo Gomes. [Valladolid]: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, 2003, pp. 165-188.



- CHARTIER, Roger  
- "A Ordem dos Livros", Passagens, Lisboa, 1997, p. 95. Gabriel Naudé "Advis pour Dresser une Bibliothèque, ob, cit., p. 104.
- Idem - "A História Cultural – Entre Práticas e Representações", Memória e Sociedade, Difusão Editorial, Lda., Lisboa, 1988, p. 15.
- CIDADE, Hernâni  
- "Lições de Cultura e Literatura Portuguesa", 7ª edição, vol. II, Coimbra, Coimbra Editora, Limitada, 1984, p. 363.
- COBO, Mercedes Agulló y  
- "La Biblioteca de Don Teodoro Ardemans", in "Primeras Jornadas de Bibliografía", Madrid, F.U.E., pp. 571-580, 1977.
- CORREIA, Luís Antunes Grosso  
- "Alfabetização e condição social: o Porto em finais do século XIX" Dissertação de Mestrado em História e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, 1993, p. 211.
- CORREIA, Luís Antunes Grosso  
- "O thymos segundo o Liceu Feminino do Porto (1917-1927)". Universidade do Porto. Separata da Revista da Faculdade de Letras, História, III Série, vol. I, 2000, p. 83-100.
- CORREIA, Luís Antunes Grosso  
- "Récita do Liceu Rodrigues de Freitas/D. Manuel II: 1932-1973", Porto: Dissertação de Doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, 3 vols.
- CORREIA, Luís Antunes Grosso  
- "The right kind of education for the right individual": The comparative education studies according to the Educational Yearbook of the Teachers College (1924-1944), paper present at the Annual History of Education Society (UK) Conference, England, University of Birmingham (7<sup>th</sup>-9<sup>th</sup> December), 2007.
- CORREIA, Maria Leonor Cardoso Leão - *Nazaré – A Pesca e o Homem*. Dissertação de Licenciatura em Geografia, apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1965, p. 96.
- COSTA, Pe. Avelino de Jesus da (Pe.)  
- "A Biblioteca e o Tesouro da Sé de Braga nos séculos XV a XVIII", Braga, 1985.
- COSTA, Avelino de Jesus da (Pe.)  
- "Prof. Cónego Pierre David – Trabalhos inéditos e bibliografia", Revista Portuguesa de História, Tomo VI, Homenagem ao Prof. Pierre David, Volume I. Coimbra, 1955, p. LI.

CRUZ, António

- "Biblioteconomia (Noções Elementares)". Porto. Livraria Tavares Martins, 1959, p. 9.

Idem - "Bibliotecas Públicas, in "Dicionário de História de Portugal", dir. de Joel Serrão, vol. I, Porto, Livraria Figueirinhas, s.d. 1971, pp. 340-341.

CUNHA, José Gabriel Mendonça Correia da - *Aproveitamentos Hidro-Eléctricos da Bacia do Zêzere – Consequências Geográficas*. Dissertação de Licenciatura em Geografia, apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1965, p. 5.

DAVEAU, Suzanne

- "História e Geografia", *Ler História*, 21, 1991, pp. 162-169.

Idem - "Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro (1934-2004)", 2004, p. 20.

Idem - "Os Anos de Formação de Orlando Ribeiro", *Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia*, Centro de Estudos Geográficos, vol. XLIII, Nº 85, Lisboa, 2008, p. 19.

DENYSE Dalbian

- Dom Pedro, Empereur du Brésil, Roi du Portugal (1798-1834), Paris, 1959, p. 296. ob. cit. Orlando Ribeiro, "Uma Biografia Francesa de D. Pero IV, 1960, p. 266.

DIAS, José Ribeiro; MAGALHÃES, Justino Pereira de e NÓVOA, António (Prefácio)

- "Ler e escrever no mundo rural do antigo regime: um contributo para a história da alfabetização em Portugal", Justino Pereira de Magalhães; pref. António Nóvoa - 1.<sup>a</sup> ed., Braga, Universidade do Minho, Instituto de Educação, 1994, p. 595.

DOMÍNGUEZ SANJURJO, Maria Ramona

- "Nuevas Formas de Organización y Servicios en la Biblioteca Pública", Ediciones Trea, S. L. Espanha, 1996, p. 47.

ENTRAMBASAGUAS, Joaquim de

- "La Biblioteca de Ramírez de Prado", Madrid, C.S.I.C., 1943.

ESCOLAR, Hipólito

- "História de las Bibliotecas", 3<sup>a</sup> Edição, Colecção Biblioteca del Libro, Madrid, Fundación Germán Sandez Ruiperez, 1990.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean

- "O Aparecimento do Livro", Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 27.

FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean

- "O Aparecimento do Livro", Trad. de Fulvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado, Editora Unesp, Hucitec, 1958 (?), págs. 572.

FEIO, Mariano

- "Evolução do Relevo do Baixo Alentejo e Algarve. Estudo de Geomorfologia", Centro de Estudos Geográficos de Lisboa, 1952, p. 186.

FERNANDES, Maria de Lurdes Correia

- "O Livro antigo em Portugal e Espanha, séculos XVI-XVIII", El Libro antiguo en Portugal y España siglos XVI-XVIII – Uma biblioteca ibérica?", Leituras, Revista da Biblioteca Nacional, Lisboa, S. 3. N<sup>os</sup>. 9-10. Out., 2001-Out. 2002.

FERNANDES, Raul Miguel Rosado

- "Livro de Homenagem a Orlando Ribeiro", Centro de Estudos Geográficos, 1<sup>o</sup> volume, Lisboa, 1984, p. 15.

FERNANDES, Rogério

- "Cultura e Educação Ler Educação", Beja, ISSN, n<sup>o</sup> 1, Jan./Abril, 1990.

FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier (Director)

- "Manual de Biblioteconomía" Editora Luísa Orera Orera, Biblioteconomía y Documentación, Madrid, 1998, p. 509.

FERRÃO, João

- "Portugal, Três Geografias em Recombinação e Identidades Territoriais", Lusotopie, 2002, p. 151-158. Ver em particular, Orlando Ribeiro – Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico, Lisboa, Sá da Costa Editora, 1987.

FORJAZ, Jorge Pamplona

- "O «Diário» Quinhentista de João Dias do Carvalho e sua Família", Cartas Políticas de Eduardo Abreu para o Visconde das Mercês (1890-1903)", Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira – Vol. XLIII – Tomo II, 1985, p. 751.

GAL, Roger

- "História da Educação" Veja, Lisboa, 1993.

GAMA, Ângela Barcelos da

- "Livreiros, editores e impressores no século XVIII em Lisboa". Em Arquivo de Bibliografia Portuguesa, Coimbra, 1967.

GASCUEL, Jaqueline

- "Um espaço para o livro – Como Criar, Animar ou Renovar uma Biblioteca" – Publicações Dom Quixote – Lisboa, 1987.

GARCIA, João Carlos

- "Orlando Ribeiro (1911-1997) o Mundo à sua procura", Revista da Faculdade de Letras, Geografia, I série, vol. XIV, Porto, 1998, p. 115.

GASPAR, Jorge

- "A Área de Influência de Évora – Sistema de Funções e Lugares Centrais", Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1972, p. 414.

Idem - “O Jubileu de Orlando Ribeiro – Um Marco Simbólico na Geografia Portuguesa”, Revista «O Professor», Edições o professor, Lda., Lisboa, Nº 29, (Nova Série), Junho, 1981, pp. 30-33.

Idem - “Orlando Ribeiro”, Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, XXXIII, nº 65, 1998, p. 3-6.

Idem - “Mediterrâneo. Ambiente e Tradição”, 2ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 323.

GODINHO, Vitorino Magalhães

“Prix et Monnaies au Portugal”, Librairie Armand Colin, Paris, 1955, pp. 1-2.

GUEDES, Fernando

“O livro e a Leitura em Portugal – Subsídios para a sua História – Séculos XVIII-XIX” Lisboa, Editorial Verbo, 1987.

GUERREIRO, António

- “Livros em Tempo de Mudança”, in Expresso – A Revista, 4 de Julho, 1992, pp. 65-67.

HAMPE MARTÍNEZ, Teodoro

“Bibliotecas privadas en el mundo colonial – La Difusión de libros e ideas en el virreinato del Perú (siglos XVI-XVII)”, Frankfurt, Editorial Vervuert, 1996.

HERNANI, Cidade

- “Lições de Cultura e Literatura Portuguesa”, 7ª edição, vol. II, Coimbra Editora, Limitada, Coimbra, 1984, p. 363.

IPLL

- “PORTUGAL, Instituto Português do Livro e da Leitura – “Projecto Bibliopolis” Diário da República, Lisboa, II série, 241, 18 Out. 1988.

IRIA, Alberto

- “O bibliotecário, O Livreiro e o Leitor”, in “Arquivo de Bibliografia Portuguesa”, Coimbra, Atlântida, Ano IX, nºs 33-36, 1963, pp. 58-63.

JOLIBERT, Josette e GLOTON, Robert

- “O Poder de Ler”, Livraria Civilização – Editora, Porto, 1978, pp. 33-34.

LEMA, Paula Bordalo

- “Desenvolvimento das Funções centrais em Trás-os-Montes”, (Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana, apresentada à Universidade de Lisboa), Lisboa, 1980, p. 366.

LENCASTER, F.W.

- "Evaluacion de la Biblioteca", Madrid. ANABAD, 1996, ISBN 84-88716-21-4.

LEONE, Carlos

- "Portugal Extemporâneo – História das Ideias do Discurso Crítico Português no Séculos XVI-XX", Vol. II, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa 2005, p. 508.

Idem - "Ciência e Política. Ler nos finais do Antigo Regime", Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1991, p. 137.

Idem - "O Papel da História entre os Leitores do Século XVIII", in "Ler História", nº 24, Lisboa, 1993, pp. 5-15.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade

- "Fundamentos de Metodologia Científica", 3ª Edição, Revista e Ampliada, Atlas, São Paulo, 1991, p. 106-107.

LEMA, Paula Bordalo

- "Desenvolvimento das Funções centrais em Trás-os-Montes, (Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana, apresentada à Universidade de Lisboa), Lisboa, 1980, p. 366.

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald.

- "Investigação qualitativa. Fundamentos e Práticas". Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

LLANO, Xilberto

- "La Biblioteca en el medio rural: Reflexiones", Ediciones Trea, S.L. 1ª Edición, Astúrias, 1997, p. 142.

LOUREIRO, Olímpia Maria da Cunha

- "Bibliotecas e Leituras do Clero do Porto (1769-1770), comunicação apresentada no Congresso de História – IV Centenário do Seminário de Évora, Évora 25-27 de Março de 1993.

Idem - "O Livro e a Leitura no Porto na segunda metade do século XVIII". Centro de Estudos de Pinho Brandão – Fundação Engº. António de Almeida, Porto, 1994, pp. 54-96.

LOUREIRO, Rui Manuel

- "A Biblioteca de Diogo do Couto", Coleção: Documentos & Ensaios (14), Instituto Cultural de Macau, 1998, p. 448.

MACHADO, Diogo Barbosa

- "Biblioteca Lusitana", (Lisboa, 1741-1759), edição fac-similada, 4 vols., Coimbra, Atlântida Editora, 1965-1967.

MAGALHÃES, Justino

- "Ler e escrever no mundo rural do Antigo Regime: um contributo para a história da alfabetização e da escolarização em Portugal", Justino Pereira de Magalhães, Braga, Universidade do Minho. Instituto de Educação (1182).

MANGUEL, Alberto

- "Uma História da Leitura, Editorial Presença, Lisboa, 1998, p.366.

MARQUES, Renata Monteiro

- "Hábitos de Leitura Juvenil – Évora e Concelhos Limítrofes, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas Observatório das Actividades Culturais, Ministério da Cultura – 2000, Vol. II, pp. 213.

MARQUES, Maria Adelaide Salvador

- "A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional. Aspectos da Geografia Cultural Portuguesa no Século XVIII", Separata do "Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra", vol. XXVI, Coimbra, 1963, ob. cit, pp. 22-23.

MARTINS, Alfredo Fernandes

- Maciço Calcário Estremenho – Contribuição para um Estudo de Geografia Física, (Dissertação de Doutoramento em Geografia, apresentada à Universidade de Coimbra, Coimbra, 1949, p. 248.

MATTOSO, José

- "Identificação de um País – Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325", nota de Orlando Ribeiro, Vol. I, Imprensa Universitária, Editorial Estampa, ob. cit., 1986, p. 28-306.

Idem

- "Identificação de um País – Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325", Vol. II, Imprensa Universitária, Editorial Estampa, op. cit., 1986, p. 191.

MCMURTRIE, Douglas C.

- "O Livro – Impressão e fabrico", 2ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982.

Idem

- "O Livro – Impressão e fabrico", 3ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997.

MEDEIROS, Carlos Alberto

- "Um Marco Indelével na Geografia Portuguesa", Revista "Ler História", - Críticas e Debates – Nº 13, 1988, p. 134.

- Idem - "A Geografia no Sentir de Orlando Ribeiro", Revista "Centro de Estudos Geográficos", - Departamento do Ensino Secundário, Ministério da Educação, 1998. Cf. (RIBEIRO, O., 1989, a. p. 413). Estudo: "A Erupção da Ilha do Fogo" – Cabo Verde, 1951.
- MEIS, Maria Regina Mousinho de – "Contribuição ao Estudo do Terciário Superior e Quaternário da Baixada da Guanabara", Dissertação de Doutoramento em Geografia, Universidade de Lisboa, em Novembro de 1976, Lisboa, 1976, p. 238.
- MEIRELES, Maria Adelaide D' Almeida de Azevedo  
- "A Actividade Livreira no Porto: Século XVIII e Princípios do Século XIX", in "Revista de História", Porto, 1989, pp. 7-22.
- Idem - "Os livreiros no Porto no século XVIII Produção e Comércio", Associação Portuguesa de Livrarias Alfarrabistas, Porto, 1995.
- MELO, Daniel  
- "A Leitura Pública no Portugal Contemporâneo 1926-1987, Edição Imprensa de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 2004.
- MINDLIN, José  
- "Uma Vida entre Livros – Reencontros com o Tempo", São Paulo, Companhia das Letras, Editora Schwarez, Lda., 1997, p. 10.
- MONTEIRO, Ana  
- "A Biblioteca Pública de Beja como Espaço de Inter-acção, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas Observatório das Actividades Culturais, Ministério da Cultura – 1999, Vol. II, pp.168.
- MONTEIRO, Maria Isabel Hermínia - *A Ilha de Moçambique*, Dissertação de Licenciatura em Geografia, apresentada à Universidade de Lisboa, Lisboa, 1966, p. 73.
- MOURA, Ana Mocuixe  
- "Práticas de Leitura Jovens e Novas Tecnologias: A Biblioteca Municipal de Oeiras", Instituto Português do Livro e das Bibliotecas Observatório das Actividades Culturais, Ministério da Cultura – 2001, Vol. I, p.129.
- NUNES, Henrique Barreto  
- "Da Biblioteca ao Leitor – Estudos sobre a Leitura Pública em Portugal", 2ª Edição, Barbosa Xavier, Artes Gráficas, 1996, p. 184.
- NUNES, Henrique Barreto, PORTILHEIRO, Joaquim, CABRAL, Luís  
- "Bibliotecas e Leitura Pública em Tempo de Mudança", Porto, Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas, 1986.
- NUNES, Maria Manuela Barreto  
- "El Medio es el Servicio: Sítios Web de Bibliotecas Públicas en Portugal y España", Universidade de Granada, 2003.

- Idem - "Novos Serviços em Bibliotecas Universitárias – Realidades e Oportunidades", Documentação do 1º Encontro de Bibliotecas Universitárias, BAD, Lisboa, 2004.
- OZGA, Jenny  
"Investigação sobre Políticas Educacionais – Terreno de contestação", Porto Editora, Edição Original, 2000.
- OLIVEIRA, António  
"Crónica – Doutoramento Solene de Orlando Ribeiro e de Santiago Kastner", 'Biblos', Revista da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2ª parte da Miscelânea em honra de Fernandes Martins, vol. LX - 1984, p. 552
- OLIVEIRA, J. M. Pereira de  
- "Contexto histórico da criação do Curso de Geografia em Coimbra". 'Instituto de Estudos Geográficos': Lisboa, 2001/2002, pp. 1-9.
- PIMENTEL, António Filipe  
- "Bibliotecas", in "Dicionário da Arte Barroca em Portugal", dir. de José Fernandes Pereira, Lisboa, Ed. Presença. 1989, pp. 88.
- PIMENTEL, Mª Amália e FERNANDES, Mª. Isabel  
- "Geografia", Porto Editora, Lda. Porto, 1985, p. 234.
- PINTO, Maria do Céu Martins – *Fazenda Tentativa – (Estudo Geográfico de uma Plantação)*, Dissertação de Licenciatura em Geografia, Lisboa, 1970, p. 103.
- QUINTO, Filipe Mendes  
- "A Fundação da Sociedade de Geografia de Lisboa", Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 93- Nºs 7-9, 10-12, 1975, p. 163-168.
- QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van.  
- "Manual de Investigação em Ciências Sociais". 3ª Edição. Lisboa: Gradiva, 2005, p. 222.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira  
- "Da Aquisição de Livros Proibidos nos Fins do Século XVIII", Separata da "Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, série de História, Vol. IV, Porto. 1973-1974, pp. 329-338, (Ano).
- Idem - "Os Monges e os livros no século XVIII: o exemplo da Biblioteca de Tibães", Bracara Augusta, Braga, 35 (79/80), 1981, p. 489-499.



- Idem - "O Porto e as origens do Liberalismo (subsídios e observações)", Porto, Câmara Municipal do Porto – Documentos e Memórias para a História do Porto, vol. XLIII, 1980, ob. cit., p. 24. (22).
- RAMOS, Maria Teresa Calheiros Figueiredo de Oliveira  
- "A Biblioteca de S. Martinho de Tibães no Século XVIII", dissertação de Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciência da Informação apresentada à Universidade de Évora, Évora, 2007, pp. 381.
- REGEDOR, António e MOUTINHO, Isabel Maria da Silva Simões  
- "Biblioteca para Todos", Educação Prodep, 2003, p. 23.
- RESENDE, Garcia de  
- "Livro das Obras de Garcia de Resende", edição de Evelina Verdelho, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- RIBEIRO, José Silvestre  
- "Apontamentos Históricos Sobre Bibliotecas Portuguesas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1914; Boletim Municipal da Câmara Municipal do Porto, II Série, Ano 2, nº 3 - Dezembro, 1985, p. 24.
- RIBEIRO, Orlando  
- "Médico, Geografia Humana", Medicina, Lisboa, I, 9, 1934, pp. 364-368.
- Idem - "Problemas de Geografia Humana", Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, série 52 – Nºs. 3 e 4, 1934, pp. 89-90.
- Idem - "Ensaio e notas - Brandas inverneiras e Castro Laboreiro", Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, Tomo VI – Nºs. 1-2, 1939, p. 301
- Idem - "*Povoamento Rural e Regimes Agrários no Sudeste da Beira*". Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, Tomo VI – Nºs. 1-2, 1939, p. 281
- Idem - "Opúsculos Geográficos" VI vol., Instituto da Alta Cultura - Coimbra, 1938, (2ª ed., em 1947, reimpressa em 1961 e 3ª ed., em 1995, in Opúsculos Geográficos, VI vol., p. 11-32). Da 1ª edição foi feita uma tradução para castelhano, publicada em Estudios Geográficos, Madrid, 1947.
- Idem - "Mundo Rural", «Opúsculos Geográficos», Coimbra, Instituto para a Alta Cultura, 1938 2ª ed., 1939). Os inquéritos, juntamente com os mais importantes textos sobre o povoamento rural, foram incluídos no IV vol. Lisboa, Fundação Gulbenkian, 1991).
- Idem - "*A Geografia e os Problemas da População em Portugal*, Lisboa, 1942, pp. 337-353.

- Idem - "O Brasil: A Terra e o Homem", Coimbra Editora, Lda., 1942, pp. 1-21.
- Idem - "Evolução e Perspectivas dos Estudos Olisiponenses", Edição da Câmara Municipal de Lisboa, 1945, p. 4.
- Idem - "*Território e População*" - "Separata do Livro «Portugal». Edição do S.N.I., Lisboa, 1946, p. 4.
- Idem - "*O Território de Lisboa – Oito Séculos de História*, Publicações do 8º Centenário da Tomada de Lisboa aos Moiros, Câmara Municipal de Lisboa, 1947, vol. I, p. 7.
- Idem - "A Universidade e o Espírito Científico", Anuário da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1949, p. 11.
- Idem - "Problemas da Investigação Científica Colonial", Junta de Investigações Científicas Coloniais, Lisboa, 1950, p. 1-22.
- Idem - "São Paulo Metrópole do Brasil", Instituto de Estudos Brasileiros da Faculdade de Letras de Coimbra, Coimbra IX (V), 1955, p. 1-22.
- Idem - "Aspectos e Problemas da Expansão Portuguesa", Fundação da Casa de Bragança, 1955, p.18.
- Idem - "Primórdios da Ocupação das Ilhas de Cabo Verde", Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, Imprensa de Coimbra, Lda., Tomo XXI - 2ª Série - Nº 1, Lisboa, 1955, p. 98. - (e segundo Sena, Barcelos, ob.cit., p. 41-43).
- Idem - "As Ilhas de Cabo Verde no princípio do Século XIX", Garcia de Orta, Lisboa, IV, (4), 1956, pp. 605-634. (Notas de rodapé e em fim de texto).
- Idem - "Viagens e Negócios de um Mercador Português do século XVII", *Garcia de Orta*, Lisboa, 6 (2), 1958, pp. 335-345.
- Idem - "Um Povo na Terra", Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro, 1958. Coligida e Anotada por Ilídio do Amaral, Lisboa, 1981, p. 35.
- Idem - "Três Imagens do Mundo", Edições Brotéria, Lisboa, 1960, p. 10
- Idem - "Sur un Style de la Colonisation Rurale Portugaise", XIX, Internacional Geographical Congress. Abstracts of Papers, Estocolmo, 1960, p. 247. Cf. Suzanne Daveau, "Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro (1934-2004)", 2004, p. 20.

- Idem - “Uma Biografia Francesa de D. Pedro IV”, Diário de Lisboa, 5 de Janeiro de 1960, p. 148.
- Idem - “O Infante e o Mundo Novo”, Oração proferida no Solene Acto Académico com que, no dia 25 de Março de 1960, a Universidade de Lisboa se associou às Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1961, p. 4.
- Idem - “*Reflexões em Torno da Expansão Portuguesa*”, Separata do número 9 da Revista ‘Palestra’, Lisboa, 1960, p. 3.
- Idem - “Problemas Humanas de África”, Estudos e Ciências Políticas e Sociais, nº 51, da Colecção «Estudos de Ciências Políticas e Sociais, 1961, pp. 1-24.
- Idem - “*Geografia e Civilização. Temas Portugueses*”, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, Col. Chorographia, 1961, p. 21.
- Idem - “Problemas da Universidade”, Livraria Sá da Costa, Editora, Lisboa, 1964, pp. 1-114.
- Idem - “Rigor e reflexão na Ciência Moderna”, Brotéria, Cultura e Informação, Lisboa, LXXXII (5), 1966, p. 624-633.
- Idem - “Orientação”, Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia Centro de Estudos Geográficos - Vol. 1 Número 1, Lisboa, 1966, pp. 5-9.
- Idem - “Veneza – Estudo de uma Cidade”, Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia Centro de Estudos Geográficos - Vol. 1 Número 1, Lisboa, 1966, pp. 105-109.
- Idem - “Alexander von Humboldt – (1769-1859)”, «Finisterra»: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Vol. IV, Nº 8, Lisboa 1969, p. 155-158.
- Idem - “O Ensino Elementar da Geografia”, Diário de Lisboa, Lisboa, 23 de Maio de 1969, p. 155-158.
- Idem - “Bochimanés de Angola”, Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Lisboa, 1970, p. 130.
- Idem - “Em Torno das Origens de Viseu”, Revista Portuguesa de História, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, XIII, 1970, pp. 211-229.
- Idem - “Hermann Lautensach – (1886-1971)”, «Finisterra»: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, Vol. IV, Nº 8, Lisboa 1971, pp. 155-158.

- Idem - “Povoamento”, no Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, vol. I/A-D, Iniciativas Editoriais, vol. IV / SIS-ZUR, Adenda Cronológica, Índices, 1971, pp. 466-485.
- Idem - “Cidade”, Dicionário de História de Portugal, dirigido por Joel Serrão, vol. I/A-D, Iniciativas Editoriais, 1971, pp. 574-580.
- Idem - Verbo – Enciclopédica Luso-Brasileira de Cultura, nº 16 – Editorial Verbo, Lisboa, 1974, pp. 575-576.
- Idem - “Nota Preliminar” in Gaetano Ferro, Sociedade Humana e Ambiente, no Tempo - Temas e Problemas de Geografia Histórica, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p.19. Trad., de Carminda Cavaco. Do Original Italiano intitulado “Società Umane e Natura nel Tempo Temi e problemi di Geografia Storica – Milano, 1974.
- Idem - “Descolonização, Ensino e Ciência”, Diário de Notícias, Lisboa, 1974, Lisboa, 1975, p. 7.
- Idem - “O Espaço Urbano do Porto: Resultados e Problemas”. Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia. Centro de Estudos Geográficos, X, 19,1975, pp. 163-171.
- Idem - “Destinos do Ultramar”, Livros Horizonte, Lisboa, 1975, p. 35.
- Idem - “O Problema Fundamental da Universidade”, Diário de Notícias, Lisboa, 1975, p. 7.
- Idem - “A Universidade em Crise”, Edições Cosmos, Lisboa, 1976, p. 129.
- Idem - “Regiões Históricas”, - Estratto dagli «Scritti geografici in onore di Riccardo Ricardi», Memorie Della Società Geografica Italiana, Roma, Società Geografica Italiana, 1976, p 723-729.
- Idem - “O Brasil: Evolução Singular no Império Português”, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – Instituto de História Económica e Social, Coimbra, 1978, p. 231.
- Idem - “A Terra e a Variedade Humana – As Raças, ‘Finisterra’: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XIII, (25), Lisboa, 1978, p. 8.
- Idem - “La Leçon de Carl Troll - (1899-1975)”, ‘Finisterra’: Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XIII, (26), Lisboa, 1978, p. 167.
- Idem - “Nota Preliminar” in Gaetano Ferro, Sociedade Humana e Ambiente, no Tempo - Temas e Problemas de Geografia Histórica, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979, p.19. Trad., de Carminda Cavaco. Do Original Italiano

intitulado “Società Umane e Natura nel Tempo Temi e problemi di Geografia Storica – Milano, 1974.

- Idem - “África e América : Visão Comparativa há um Século”, ‘Finisterra’ - Revista Portuguesa de Geografia, Centro de Estudos Geográficos, vol. XIV, nº 27, Lisboa, 1979, p. 97.
- Idem - “Le Caroubier, ses Conditions Naturelles, son Expansion, ses rapports avec L’agriculture”, Portugaliae Acta Biologica, Lisboa, Série A, XVI (1-4), 1980, p. 2.
- Idem - “O Alcorão em Português”, Diário de Notícias, Lisboa, 1980, p. 2.
- Idem - “Jules Daveau, Botânico Francês ao Serviço de Portugal”, Diário de Notícias, Lisboa, 8 de Julho de 1980, p. 2. Ver: Bibliografia Científica de Orlando Ribeiro, coligida e anotada por Ilídio do Amaral, Lisboa, 1981, p. 83.
- Idem - “Ruços Além”, Diário de Notícias, Lisboa, Maio, 1981, p. 2.
- Idem - “A Colonização de Angola e o seu Fracasso”, Estudos Portugueses, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 1981, p. 17.
- Idem - “Las Ciudades Ibéricas Tradicionales y su Expansion por el Mundo”, I Colóquio Iberico de Geografia, 1980, Universidade de Salamanca, Salamanca, 1981, p. 213-217.
- Idem - “Le Portugal Central”, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisbonne, 1982, p. 22.
- Idem - “Iniciação em Geografia Humana”, Coleção Humanismo e Ciência. Edições João Sá da Costa, Lisboa, 1986, p. 18.
- Idem - “Mediterrâneo. Ambiente e Tradição”, 2ª edição. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, p. 323.
- Idem - “A Formação de Portugal”, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação, 1ª edição, 1987, pp. 23-24.
- Idem - “Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico”, Livraria Sá da Costa Editora, 1987, p. 121.
- Idem - “A Vida de Goethe – Poesia e Verdade”, Revista da Faculdade de Letras, Lisboa, 5ª série, 1989, pp. 37-46.
- Idem - “Dicionário de História do Estado Novo”, Direcção de Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, Vol. II, M-Z, Bertrand Editora, Venda-nova, 1996, p. 845.

- Idem - “Memórias de Um Geógrafo”, Apresentação de: GARCIA, João Carlos, Coleção Humanismo e Ciência, Edições João Sá da Costa, Lisboa, 2003, p. 55.
- RIBEIRO, Orlando e Ribeiro, J.  
- “As Transformações do Povoamento e das Culturas na área de Pinhal Novo”, prefácio de José António Cabrita, Edição da Junta de Freguesia de Pinhal Novo, 1998, p, 9-14.
- RODRIGUES, Manuel Augusto  
- “Biblioteca e Bens de D. Francisco de Lemos e da Mitra de Coimbra”, Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1984, p. VI.
- SÁ, Vítor Baptista Gomes de  
- “As Bibliotecas o Público e a Cultura, Horizonte, 2ª edição, Lisboa, 1983, p. 199-227.
- Idem - “Notas sobre o ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto”. Revista da Faculdade de Letras, História, II Série. Vol. III, Porto, 1986, pp.199-209.
- Idem - “A resistência na génese da renovação historiográfica em Portugal”, “Vértice”: Revista de Cultura e Arte, nº 8 Novembro, Coimbra, 1988, pp. 100-102.
- SALABERRÍA, Ramón  
- “Educar en una Sociedad de Información – Bibliotecas Públicas y Bibliotecas escolares: Una Colaboración Imprescindible”, Ministério de Educación y Cultura, 1997, p. 137.
- SANJURJO, MARIA Ramona Domínguez  
- “Nuevas Formas de Organización y servicios en la 1996”, p.127. Estas nuevas formas de organización de fondos.
- SARTON, Georges  
- “L’Histoire de la Science”, Isis, Révue consacrée a l’histoire et l’organisation de la science, publiée par Georges Sarton, Belgique, tomo I, nº 1, 1913, pp. 11-12. Op. cit., por Fátima Nunes, « Leituras de História da Ciência no Jornal de Ciências Mathematicas, Físicas e Naturais.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo  
- “História Breve da Historiografia Portuguesa”, Lisboa, Verbo, 1962, p. 316.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo  
- “A Historiografia Portuguesa”, 3 vols., Lisboa, Editorial Verbo, 1972-1974.
- SILVA, Augusto Santos  
- “Educação de Adultos”, Ed. Asa Rio Tinto, Porto, 1990.

- SILVA, Francisco Ribeiro da  
- "Alfabetização no Antigo Regime". O Caso do Porto e da sua Região (1580-1650), in "Revista da Faculdade de Letras, Série II, vol. III, Porto, 1986, pp. 101-163.
- SIMÃO, José Veiga  
- "O Direito à Educação", Ministério da Educação Nacional, 1971, p. 135.
- SOARES, Torquato de Sousa  
- "Prof. Doutor Pierre David", Revista Portuguesa de História. Tomo VI, Homenagem ao Prof. Pierre David, vol. I, Coimbra, 1955, p. V.
- TAVARES, Pedro Vilas Boas  
- "A Biblioteca e a bibliofilia de um prelado ilustrado D. Gaspar de Bragança, Arcebispo de Braga". In Actas do Congresso Internacional Comemorativo do 9º Centenário da Sé de Braga, 1990, vol. 2, 2, p. 273-274.
- TENGARRINHA, J.M.  
- "História da Imprensa Periódica Portuguesa", Lisboa, Portugal, 1965.
- TENREIRO, Francisco  
- "A Ilha de São Tomé – Estudo Geográfico", Centro de Estudos Geográfico de Lisboa, (Dissertação de Doutoramento em Geografia, apresentada à Universidade de Lisboa), Lisboa, 1961, pp. 279.
- TORGAL, Luís Reis, HOMEM, Amadeu Carvalho  
- "Ideologia salazarista e Cultura popular: análise da Biblioteca de uma casa do povo", Análise Social, Lisboa, 18 (72/74) Abr.Dez. 1982, p. 1437-1464.
- TORGAL, Luís Reis, MENDES, José Amado Mendes e CATROGA, Fernando  
- História da História em Portugal Sécs. XIX-XX, 'Da Historiografia à Memória Histórica', Temas e Debates, vol. II, Coimbra, 1998, pp. 96-97.
- VARRY D. (Dir. de)  
- "Histoire des Bibliothèques Françaises. Tomo II: Les Bibliothèques de la Révolution et du XIXe Siècle". Paris, Promodis et Editions du Cercle de la Librairie, 1991.
- VAZ, Francisco António Lourenço  
- "As Bibliotecas e os Livros na Obra de Frei Manuel do Cenáculo", Sep. De la Memoria de los Libros. Estudios sobre la Historia del Escrito y la Lectura en Europa y América. Salamanca: Instituto de Historia del Libro y de la Lectura, 2004, tomo 2, p. 483-498.
- VAZ, Isidro Gomes da Silveira  
- "Inventário Bibliográfico dos Livros Impressos em Português no século XVI e Existentes na Biblioteca Municipal de Viseu", in Arquivo de Bibliografia Portuguesa, Coimbra, Atlântida, Ano XVII, nºs 63-70, 1974, pp. 1-34.
- VERBO, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura

- "Paiva Bóleo", vol. 3, Editorial Verbo, Lisboa, 1965, p. 1531.
- Idem - "Joaquim de Carvalho", vol. 4, Editorial Verbo. Lisboa, 1966, pp.1259-1260.
- Idem - "Vergílio Correia Pinto da Fonseca", vol. 6, Editorial Verbo. Lisboa, 1967, pp.14-15.
- Idem - "Vitorino Magalhães Godinho", vol. 9, Editorial Verbo. Lisboa, 1969, pp. 663-664.
- Idem - "Aristides Amorim Girão", vol. 9, Editorial Verbo. Lisboa, 1969, p. 548.
- Idem - "Paulo Merêa", vol. 13, Editorial Verbo, Lisboa, 1972, pp. 380-381.
- Idem - "Paulo Manuel Pires Quintela", vol. 15, Editorial Verbo. Lisboa, 1973, p. 1601.
- Idem - "António José Saraiva", vol. 16, Editorial Verbo. Lisboa, 1974, p. 1476.

#### SITES DA INTERNET

- <http://www.orlando-ribeiro.info/home.htm>
- <http://www.orlandoribeiro.info/bibliografia/bibliografia.pdf>
- [http://www.orlando-ribeiro.info/biobibliografia/1950\\_1981.htm](http://www.orlando-ribeiro.info/biobibliografia/1950_1981.htm)
- <http://www.orlando-ribeiro.info/cadernos/index.htm>



## GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS

---

AAAVVV	- Autores vários
A.D.P.	- Arquivo Distrital do Porto
A.H.M.P.	- Arquivo Histórico Municipal do Porto
A.U.C.	- Arquivo da Universidade de Coimbra
A.c.	- Artigo citado
B.P.P.	- Banco de Portugal do Porto
B.C.F.L.U.P.	- Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
B.D.F.	- Biblioteca do Departamento de Filosofia da FLUP
B.D.G.	- Biblioteca do Departamento de Geografia da FLUP
B.D.H.	- Biblioteca do Departamento de História da FLUP
B.G.H.E.V.I.D.	- Biblioteca – Ghevid – Grupo de História e Estudos de Viticultura Duriense da FLUP
B.H.D.	- Biblioteca Henrique David da FLUP
B.F.A.	- Biblioteca Ferreira de Almeida da FLUP
B.N.E.A.	- Biblioteca do Núcleo de Estudos Africanos da FLUP
B.P.V.	- Biblioteca Pedro Veiga da FLUP
B.P.M.P.	- Biblioteca Pública Municipal do Porto
C.E.G.L.	- Centro de Estudos Geográficos de Lisboa
Cf.	- Confrontar
Dir.	- Direcção
Ed.	- Edições
E. U.	- Estudos Ultramarinos
F.C.U.L.	- Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
F.L.U.P.	- Faculdade de Letras de Universidade do Porto
f.	- folha
fs.	- folhas
Fasc.	- fascículo
I.G-F.L.U.P.	- Instituto de Geografia - Faculdade de Letras da Universidade do Porto
I.S.C.E.F.L.	- Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa
n.	- número
O.c.	- Obra citada
p.	- página
pp.	- páginas
(...)	- palavra ou palavras excluídas dum texto
[ ]	- palavra ou palavras acrescentadas num texto
%	- percentagem
segs.	- seguintes
s.d.	- sem data
s.m.	- sem mês
s. p.	- sem página
S.P.G.	- Sociedade Portuguesa de Geografia
t.	- tomo
v.	- verso
vol.	- volume
vols.	- volumes

## ÍNDICES DAS FIGURAS, QUADROS E MAPAS

### ÍNDICE DA FIGURAS

Figura - 1.....	52
-----------------	----

### ÍNDICE DOS QUADROS

Quadro - 1.....	46
Quadro - 2.....	48
Quadro - 3.....	56
Quadro - 4.....	57
Quadro - 5.....	97
Quadro - 6.....	99
Quadro - 7.....	103
Quadro - 8.....	104
Quadro - 9.....	119
Quadro - 10.....	120
Quadro - 11.....	128
Quadro - 12.....	130

### ÍNDICE DOS MAPAS

Mapa - 1: Representação dos Locais de Trabalho de Campo de Orlando Ribeiro.....	55
Mapa - 2: Proveniências das Revistas do Fundo Orlando Ribeiro ao IG-FLUP.....	101
Mapa - 3: Proveniências das Monografias do Fundo Orlando Ribeiro ao IG-FLUP.....	105